

LORENA BEGHETTO

**O Pesadelo comunista ameaça o Ocidente:
O anticomunismo nas revistas *Seleções do Reader's Digest*,
(1946-1960)**

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre. Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná.

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Marion Brephol de Magalhães.

CURITIBA

2004

*Aos meus pais,
Geni e Maurílio.*

Agradecimientos

Sumário

Lista de Abreviaturas	iii
Lista de Ilustrações	iv
Lista de Tabelas	vi
Resumo	vii
Abstract	viii
Introdução.....	1
I. A política como entretenimento	4
II. A valorização do consumo e da abuncância.....	7
III. Procedimentos metodológicos.....	11
1. Capítulo – A Revista	16
1.1. <i>Reader’s Digest</i> , uma leitura edificante.....	16
1.2. Os mitos fundadores dos Estados Unidos	25
1.3. <i>Seleções</i> chegou ao Brasil.....	37
2. Capítulo – Trabalho e Consumo	46
2.1. Padrões norte-americanos uni-vos!.....	46
2.2. A harmonia entre patrões e operários.....	63
2.3. O sonho americano e o pesadelo comunista.....	82
3. Capítulo – O Anticomunismo.....	111
3.1. A Cortina de Ferro ameaça os povos livres.....	111
3.2. Que perigo é este que ronda a nossa patria.....	136
Conclusão.....	163
Fontes	174
Bibliografia.....	175

Lista de Abreviaturas

OFFICE – Office of the coordinator of inter-american affairs

NAM – National Association of Manufacturers

MVD – Polícia Secreta Russa

AFL – Federação Americana do Trabalho

CIO – Congresso das Organizações Industriais

NKVD – Polícia Secreta Soviética

HUAC – *Congress's House UnAmerican Activities Committee*

PCB – Partido Comunista Brasileiro

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

Lista de Ilustrações

1. **Seleções do Reader's Digest.** Abril de 195717
2. **Seleções do Reader's Digest.** Agosto de 1954. p. 20821
3. Se você trabalhasse na Rússia Soviética. **Seleções do Reader's Digest.** Agosto de 1951, p. 85. 57
4. NOBLE, John H. Fui escravo dos soviéticos. **Seleções do Reader's Digest.** Maio de 1956. p. 181.....60
5. **Seleções do Reader's Digest.** Agosto de 1946. s/p.76
6. **Seleções do Reader's Digest.** Fevereiro de 1946. s/p.85
7. **Seleções do Reader's Digest.** Janeiro de 1948. p. 151.93
8. **Seleções do Reader's Digest.** Agosto de 1949. s/p.96
9. **Seleções do Reader's Digest.** Fevereiro de 1955. p. 173.97
10. ALEXEIEV. Nina. Não quis que meus filhos se criassem na Rússia. **Seleções do Reader's Digest.** Setembro de 1947. p. 43.....99
11. **Seleções do Reader's Digest.** Junho de 1959. p. 120.....102
12. **Seleções do Reader's Digest.** Novembro de 1948. p.15.....104
13. **Seleções do Reader's Digest.** Junho de 1952. p. 129.105
14. FICHER, John. Não há descanso para os russos. **Seleções do Reader's Digest.** Fevereiro de 1947. p.53.107
15. **Seleções do Reader's Digest.** Abril de 1947. s/p.109
16. Não é dinheiro o que se envia a Europa. **Seleções do Reader's Digest.** Junho de 1949. p. 36.126
17. MICHENER, James A. A ponte de Andau. **Seleções do Reader's Digest.** Abril de 1947. p. 129.133
18. MICHENER, James A. A ponte de Andau. **Seleções do Reader's Digest.** Abril de 1947. p. 130.....135

19. JORDAN, Racey George. Nós demos tudo aos vermelhos. **Seleções do Reader's Digest**.
Março de 1953. p. 65.142
20. MUHLEN, Norbert. A fronteira vermelha da Europa. **Seleções do Reader's Digest**.
Dezembro de 1951. p. 92.....152
21. A morte lenta chega à Hungria. **Seleções do Reader's Digest**. Junho de 1952. p. 94.
.....153
22. KLUCKHOHN, Frank. Percorrendo os Estados Unidos com sete vermelhos. **Seleções do
Reader's Digest**. Agosto de 1956. p. 118.154
23. Como viver com os russos. **Seleções do Reader's Digest**. Junho de 1959. p. 84.
.....154

Lista de Tabelas

1. Média de anúncios publicados, segundo os produtos, de 1946 a 1960.....88

Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar as características do discurso anticomunista veiculado nas revistas *Seleções do Reader's Digest*, publicadas entre os anos de 1946 e 1960. Além das associações diretas ao mal, ao pecado e aos medos dos seus leitores, o comunismo foi criticado pela revista em reportagens que destacavam os problemas sociais existentes nos países comunistas, como a carência de bens materiais, conforto e alimentos. Quanto aos Estados Unidos, o comunismo foi apresentado como o causador de desordens sociais no mundo do trabalho. Com estas representações, a revista favoreceu os interesses das elites empresariais norte-americanas, já que estes grupos utilizaram o discurso anticomunista para conseguir privilégios políticos e econômicos. Da mesma forma, a política norte-americana também foi beneficiada, uma vez que *Seleções* publicava diversas reportagens sobre os acontecimentos da Guerra Fria, favorecendo os interesses dos Estados Unidos. A revista ainda publicou alguns mitos tradicionais norte-americanos em narrativas de conteúdo moral e edificante, as quais eram responsáveis por valorizar a situação econômica e social dos países capitalistas e incentivar o consumo de mercadorias, produzindo e reproduzindo desta forma o discurso anticomunista no cotidiano do homem comum.

Abstract

This study has the objective of to analyse the characteristics of the anticommunist discourse disseminated in Reader's Digest magazines, published among the years 1946 and 1960. In addition to directly associations to the evil, the sin and the fears of its readers, the communism has been criticized by the magazine in articles that used to emphasise the social problems present in the communist countries, such as the lack of material goods, comfort and aliments. Concerning to the United States, the communism has been presented as the source of social disorders in the labour environment. With these representations, the magazine favoured the interests of north american elites, where as these groups have used the anticommunist discourse for getting political and economical privileges. In the same manner, the north american politics has also been benefited, since the Reader's Digest used to publish numerous articles concerning to Could War happenings, favouring the interests of the United States. The magazine has also published some traditional north american myths in narratives with moral end edifying content, which was responsible to valorize the economical and social situation of capitalist countries and to incentivate the consume of material goods, producing and reproducing the anticommunist discourse in the common men's quotidian.

Este estudo tem como objetivo analisar as características do discurso anticomunista veículado nas revistas Seleções do Reader's Digest, publicadas entre os anos de 1946 e 1960. Além das associações diretas ao mal, ao pecado e aos medos dos seus leitores, o comunismo foi criticado pela revista em reportagens que destacavam os problemas sociais existentes nos países comunistas, como a carência de bens materiais, conforto e alimentos. Quanto aos Estados Unidos, o comunismo foi apresentado como o causador de desordens sociais no mundo do trabalho. Com estas representações, a revista favoreceu os interesses das elites empresariais norte-americanas, já que estes grupos utilizaram o discurso anticomunista para conseguir privilégios políticos e econômicos. Da mesma forma, a política norte-americana também foi beneficiada, uma vez que Seleções publicava diversas reportagens sobre os acontecimentos da Guerra Fria, favorecendo os interesses dos Estados Unidos. A revista ainda publicou alguns mitos tradicionais norte-americanos em narrativas de conteúdo moral e edificante, as quais eram responsáveis por valorizar a situação econômica e social dos países capitalistas e incentivar o consumo de mercadorias, produzindo e reproduzindo desta forma o discurso anticomunista no cotidiano do homem comum.

This study has the objective of to analyse the characteristics of the anticommunist discourse disseminated in Reader's Digest magazines, published among the years 1946 and 1960. In addition to directly associations to the evil, the sin and the fears of its readers, the communism has been criticized by the magazine in articles that used to emphasise the social problems present in the communist countries, such as the lack of material goods, comfort and aliments. Concerning to the United States, the communism has been presented as the source of social disorders in the labour environment. With these representations, the magazine favoured the interests of north american elites, whereas these groups have used the anticommunist discourse for getting political and economical privileges. In the same manner, the north american politics has also been benefited, since the Reader's Digest used to publish numerous articles concerning to Could War happenings, favouring the interests of the United States. The magazine has also published some traditional north american myths in narratives with moral end edifying content, which was responsible to valorize the economical and social situation of capitalist countries and to incentivate the consume of material goods, producing and reproducing the anticommunist discourse in the common men's quotidian.

Capítulo 1

A Revista

1.1 *Reader's Digest*, uma leitura edificante

Em fevereiro de 1922 um casal de protestantes do Oeste dos Estados Unidos, Roy William DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace, fundou a revista *Reader's Digest*. No formato de um pequeno livro e apresentando o índice na capa ou na contracapa, a revista de publicação mensal continha em média 30 artigos longos e de assuntos variados para que a sua leitura, leve, gradativa e diária, durasse em torno de um mês. (Figura 01)

Desde sua fundação, *Reader's Digest* foi idealizada para ser uma coletânea de reportagens que pretendia versar sobre saúde, invenções, descobertas da ciência e tecnologia, mundo animal, orientação para a educação dos filhos, descrição de lugares exóticos, conselhos práticos para a vida cotidiana, piadas, charadas, histórias emocionantes de pessoas comuns e assuntos do dia-a-dia.

A sua principal característica era selecionar e adaptar o material já publicado em outras revistas, conhecidas ou não do grande público, como *Fortune*, *Cosmopolitan*, *Popular Science Monthly*, *Plain Talk*, *Guideposts*, *The Saturday Evening Post*, *Woman's Home Companion*, *The Rotarian*, *The Christian Advocate* e muitas outras publicações. Com o intuito de prestigiar ainda mais a revista, o casal Wallace também convidava escritores, jornalistas famosos e políticos para participar esporadicamente com textos e reportagens.

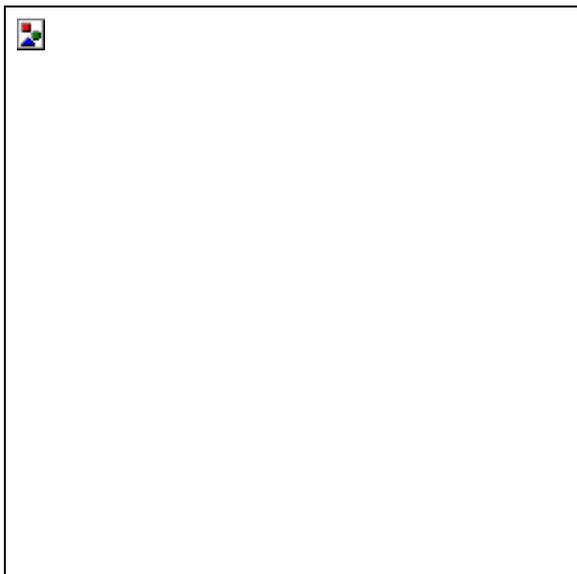


Figura 01

Da variedade de opções disponíveis para o público, os editores e os funcionários da revista escolhiam as reportagens que acreditavam ser mais interessantes e que poderiam ser de interesse permanente para um leitor ideal. O critério utilizado para selecionar quais seriam os artigos publicados baseava-se nas seguintes questões: “1) É digno de ser seguido?, 2) É aplicável aos interesses da maioria?, 3) É de interesse permanente?”¹ Após o processo de seleção, os jornalistas reescreviam as reportagens utilizando frases curtas e com uma linguagem mais simplificada para tornar a leitura mais agradável:

...às capacidades de leitura dos compradores que têm de conquistar (...) Essas transformações são de três espécies. Encurtam os textos, suprimem os capítulos, episódios ou divulgações considerados supérfluos, simplificam os enunciados aliviando as frases das orações relativas e intercalares.²

Para não sofrer influências na elaboração da revista, o casal Wallace não permitiu a publicação de propagandas em suas páginas até 1956³.

Os editores de *Reader's Digest* estabeleciam uma continuidade de assuntos tratados nas reportagens com o objetivo de atrair o leitor para ler todo o conteúdo da revista. As reportagens “Qualquer um pode melhorar o mundo” e “O caso da Mme. Kasenkina”⁴ seguiam este princípio.

A primeira informava sobre uma associação de pessoas lideradas pela Igreja Católica que tinha por finalidade “mudar o mundo através de pequenas atitudes de ajuda ao próximo e

¹ JUNQUEIRA, Mary Anne. **Ao sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções**: Oeste, wilderness e fronteira (1942-1970). Bragança Paulista, EDUSF, 2000, p. 33.

² CHARTIER, R. **A história Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa, Difel, s/d. p. 129.

³ Antes desta data, a única exceção foi a edição da revista publicada para a América Latina. Conforme JUNQUEIRA, op. cit., p. 26.

⁴ KELLER, James. Qualquer um pode melhorar o mundo. e , OURSLER, Fulton. O caso de Mme. Kasenkina. **Seleções do Reader's Digest**, julho de 1949, p. 57 e p. 77 respectivamente.

melhorias sociais”⁵. Os *Christophers*, como eram chamados, trabalhavam em causas humanitárias para melhorar a vida de todas as pessoas e tinham apenas dois preceitos: o temor a Deus e o amor ao próximo. A reportagem afirmava que diversas ações positivas foram desenvolvidas pelos *Christophers*, como ajudar um funcionário de um posto de gasolina negro, que iria ser demitido porque alguns fregueses eram preconceituosos, ou ainda defender um sindicato da infiltração comunista:

O caso da esposa de um operário revela a inestimável força da mulher que trabalha obscuramente no lar. O marido disse-lhe que os “vermelhos” se estavam apoderando da direção de seu sindicato. “Não se meta nisso!” aconselhou-o ela. “Só dará encrenca.” Mas um *Christopher* explicou como o afastamento da gente decente dos sindicatos era justamente o que os “vermelhos” queriam. Daí em diante, ela animou o marido a assistir a todas as reuniões, induziu-o a persuadir outros, incitou-o a candidatar-se à presidência do sindicato. Em suma, é esse o histórico do processo pelo qual um grande sindicato foi arrebatado a uma minoria esquerdista organizada. Uma única mulher, animada do espírito dos *Christophers*, foi o bastante para atear a chama.⁶

A reportagem afirmava ainda que, atitudes individuais como estas, praticadas por cristãos, não eram do agrado de toda a sociedade:

“Detestamos o cristianismo e os cristãos,” proclamou Anatoly Lunacharsky, que foi comissário de educação na União Soviética. “Mesmo os melhores deles têm de ser considerados nossos piores inimigos. Apregoam o amor ao próximo e a misericórdia, o que é contrário aos nossos princípios. O que queremos é o ódio... Só então conquistaremos o universo.” (Citado no *Izvestia*).
A única coisa que aterroriza os ímpios de todo o mundo é o temor de que, algum dia, todos quantos acreditam em Cristo despertem – e comecem a pôr em ação a sua crença. Uma vez que isso aconteça, a maioria dos problemas que assediam a humanidade desaparecerá da noite para o dia.⁷

Já na segunda reportagem, esta mesma instituição foi atuante no caso da Mme. Kasenkina, uma senhora russa que quase foi obrigada a retornar para Moscou porque preferia viver nos Estados Unidos. Esta situação foi noticiada em diversos jornais norte-americanos e, através de um deles, Louise McKeon, uma dona de casa do interior dos Estados Unidos, decidiu fazer alguma coisa para ajudar aquela mulher. Seguindo a orientação dos *Christophers*, “... qualquer pessoa, com atos desinteressados, pode causar mudanças extraordinárias no mundo”⁸, Louise incentivou seu irmão, jovem advogado, a defender Mme. Kasenkina. Mesmo com os procedimentos judiciais a favor da prisioneira, a sua libertação estava sendo cada vez mais dificultada pelos membros do consulado soviético.

No dia do embarque, Mme. Kasenkina percebeu que uma multidão estava diante do consulado soviético e, através de um rádio, ela descobriu que

fora promovida uma ação judiciária em favor dela! Esta notícia lhe reanimou o coração e o

⁵ KELLERS. op. cit. p. 58.

⁶ Ibid., p. 60.

⁷ Ibid., p. 59.

⁸ OURSLER, Fulton. O caso ... op. cit., p. 79.

espírito. Agora compreendia porque a multidão se aglomerava na rua, lá em baixo. Não estava abandonada; a sorte de um indivíduo ainda significava algo na América. *Alguém havia agido; alguém se havia interessado! Toda aquela gente se interessava por ela!*⁹

Diante de tanto apoio, o texto afirmou que Mme. Kasenkina tomou coragem e se jogou da janela do consulado soviético para conquistar a liberdade. Mesmo com a perda da mão, que foi decepada durante a queda, e com diversas fraturas em todo o corpo, Mme. Kasenkina foi libertada e passou a viver nas proximidades de Nova York, onde começou a escrever um livro sobre suas experiências pessoais.

Na edição de julho de 1949, vinte páginas separavam duas reportagens que narravam as ações desenvolvidas por um grupo de cristãos, interessado em lutar pelo bem das pessoas. Esta repetição de assuntos facilitava a compreensão das reportagens porque tratavam de um saber já existente pois, quando o leitor lesse a segunda reportagem, lembrar-se-ia dos acontecimentos descritos anteriormente. Neste caso, ele provavelmente ficaria impressionado com o resultado das lutas feitas por pessoas comuns contra o comunismo.

Aliás, reportagens que tratavam tanto de atitudes positivas feitas por pessoas comuns, como do comunismo eram temas constante em *Reader's Digest*. Nestes exemplos, a luta de cristãos contra a presença de comunistas no sindicato e na defesa de uma senhora que iria ser deportada para a União Soviética causaria receios e preocupações em leitores cristãos que até mesmo fossem indiferente ao comunismo pois, através das histórias vividas pelas personagens, o leitor poderia identificar-se com elas e, a partir disso, modificar a sua percepção de mundo.

O casal Wallace também tinha interesse em publicar uma revista que trouxesse mensagens interessantes em narrativas e textos que ocupavam grande parte do seu conteúdo. Como os proprietários acreditavam que a revista poderia ser útil para consultas futuras, a própria publicação incentivava a elaboração de uma coleção, publicando semestralmente um índice das reportagens e oferecendo uma capa dura para a encadernação.

Esta era uma das vantagens divulgadas aos anunciantes, conforme mostra a figura 02, um anúncio publicado em agosto de 1954 que afirma aos seus anunciantes: "Porque *Seleções* é uma revista que se coleciona, cuja leitura se renova, e o interesse de sua matéria editorial se transmite aos anúncios que publica."¹⁰ (Figura 02). Além de incentivar a preservação da revista, os editores também vendiam romances aos seus leitores.

⁹ Ibid. p. 82.

¹⁰ **Seleções do Reader's Digest**, agosto de 1954, s/p.

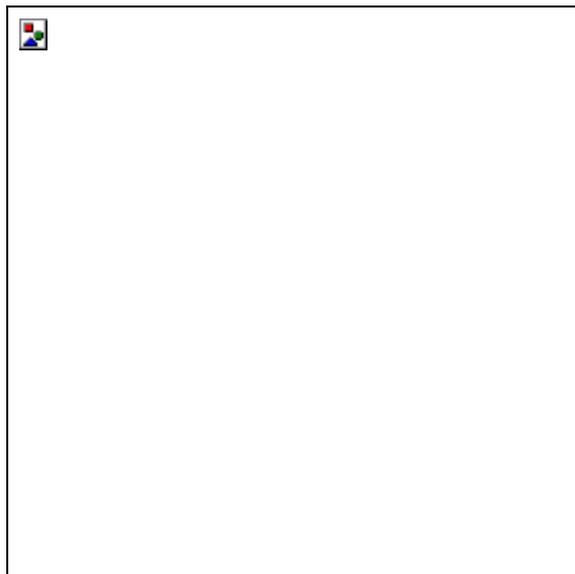


Figura 02

A revista era dividida em algumas seções que possuíam nomes sugestivos e por isto marcantes entre os leitores como '*Rir É o Melhor Remédio*', '*Piadas de Caserna*', '*Flagrantes da Vida Real*', '*Enriqueça Seu Vocabulário*' ou '*Meu Tipo Inesquecível*'. Em suas últimas páginas, havia ainda a condensação de um ou dois romances publicados nos Estados Unidos. Nessas seções, a prioridade era narrar atos heróicos ou mesmo atitudes simples do cotidiano praticadas por pessoas comuns que solucionavam os seus problemas através da fé e da força de vontade. Para divertir seus leitores ainda havia, além das páginas dedicadas às piadas inocentes, uma seção chamada *Enriqueça Seu Vocabulário*, um teste sobre a escrita e o significado das palavras (na edição brasileira) organizado por Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira. Assuntos simples e ingênuos também deveriam alegrar e envolver os leitores e por isto eram constantemente publicados, como uma das pequenas histórias presentes em *Flagrantes da Vida Real* de maio de 1952:

As estações de rádio recebem muitos pedidos estranhos, mas talvez o mais estranho de todos tenha sido o que chegou a uma grande emissora de Chicago. Um pastor de Montana escreveu dizendo que vivia só com o seu cão, quatro mil carneiros e um pequeno rádio de pilha. Possuía também um violino, e nos dias em que a orquestra sinfônica tocava ele ligava o aparelho e lamentava não poder acompanhar ao violino as peças que conhecia de cor. Tentara-o muitas vezes, mas o violino estava sempre desafinado. "Antes de começar o próximo programa poderiam os senhores pedir à orquestra que desse o Lá para mim? No programa seguinte da Orquestra Sinfônica de Chicago, antes de iniciar o concerto, ouviu-se a seguinte comunicação: "Agora a orquestra vai dar o Lá para um pastor de Montana."¹¹

Com estas fórmulas, os fundadores de *Reader's Digest* conseguiram atingir um grande número de leitores, pois sempre haveria algum assunto que despertasse interesse em qualquer pessoa, independente de sexo, condição social ou idade. Isto confirmou-se após dez anos de publicação quando a revista alcançou a quantidade de um milhão de exemplares vendidos,

apenas por assinatura, nos Estados Unidos.

As primeiras edições foram vendidas no interior do país para os fazendeiros e a classe média rural do Oeste norte-americano, região e público de difícil acesso às publicações. Em pouco tempo, *Reader's Digest* alcançou todo o território norte-americano, direcionando-se para a classe média urbana e rural.

Um dos motivos do grande sucesso da revista era a publicação de textos emotivos e com valores morais de respeito ao próximo, a prática do bem, conselhos para a educação dos filhos e para o relacionamento em família. Como estes assuntos já faziam parte de uma cultura editorial que publicava textos sobre aperfeiçoamento espiritual e comportamental para a classe média norte-americana desde o final do século XIX, *Reader's Digest* também publicava "... romances, baladas e melodramas em que os laços de amor, o bem estar e o infortúnio estavam onipresentes."¹²

Alguns temas eram constantes em narrativas que agradavam aos leitores como "Casar-se bem mas com quem?"¹³, que orientava os jovens a encontrar pessoas com gostos parecidos e incentivava a procura do parceiro ideal nas escolas e em clubes para jovens. "A questão sexual e a infância"¹⁴, esta reportagem, escrita por um médico norte-americano, orientava os pais sobre as melhores respostas para dar aos filhos quando estes faziam perguntas sobre concepção e nascimento. Ou ainda "O que o nosso filho aprendeu no lar"¹⁵ que incentivava os pais a despertar a curiosidade e a auto-confiança nas crianças em uma narrativa enviada pelo *Rotarian*.

Interpretando a sociedade para o leitor, a revista colocava-se como porta-voz do seu público. Desta forma, estabelecia modelos de comportamento e criticava as atitudes que deveriam ser evitadas. Além disto, estabelecia vínculos afetivos com os leitores através das narrativas de cunho afetivo sobre as ações nobres praticadas pelas personagens, que alcançavam um final feliz após superar diversas dificuldades.

Estas características conseguiram formar um público fiel, pois a leitura destas narrativas despertava sentimentos de identificação que traziam alegria, diversão, tristeza ou encorajamento aos leitores. Da mesma forma, os conselhos, as orientações afetivas e as soluções dos problemas cotidianos também eram respostas afetivas aos sofrimentos pessoais vividos pelos leitores. As narrativas sobre homens comuns que praticavam ações extraordinárias também poderiam servir de consolo e motivação aos leitores frustrados que desejavam ter atitudes nobres e serem reconhecidos por isto.

A revista vinculava ainda reportagens sobre descobertas médicas e científicas, valorizando o trabalho e a engenhosidade dos profissionais envolvidos nos projetos, e informava sobre os acontecimentos políticos contemporâneos. Trazia também biografias de personalidades e

¹¹ **Seleções do Reader's Digest**, maio de 1952, p. 73.

¹² GRIFFEN, C. O ethos progressista. In.: COBEN, S.; RATNER, L. **O desenvolvimento da cultura norte-americana**. Rio de Janeiro, Anima, 1985, p. 198.

¹³ FOLSOM, Joseph K. Casar-se bem - mas com quem? **Seleções do Reader's Digest**, março de 1949, p. 57.

¹⁴ RATCLIFF, J. D. A questão sexual e a infância. **Seleções do Reader's Digest**, outubro de 1951, p. 49.

¹⁵ O que o nosso filho aprendeu no lar. **Seleções do Reader's Digest**, fevereiro de 1946,

de pessoas que enriqueceram com esforço individual e boa conduta moral, valorizava o *self made man* e estimulava o trabalho e o empreendedorismo para o caminho da riqueza e do sucesso, centralizando o discurso nas qualidades do cidadão comum norte-americano e na excelência dos Estados Unidos. Essa glorificação relacionava-se com uma auto-imagem norte-americana baseada em pressupostos religiosos de Eleição Divina e Destino Manifesto, que interpretava o seu povo através "... da associação da salvação com o bem estar e a acumulação de riqueza, e do individualismo como distintivo de todos os setores da vida."¹⁶

Através da glorificação da vida e das atitudes cotidianas de pessoas comuns, a revista acabava estabelecendo um modelo ideal de comportamento que deveria ser posto em prática por todos os seus leitores. Indiretamente, como todas as personagens destas histórias repletas de sentimentos nobres e otimistas eram norte-americanas, os leitores da revista acabariam associando todos os habitantes dos Estados Unidos a essa imagem ideal: pessoas simpáticas e espontâneas como eram retratadas na revista. Estendendo tal raciocínio, os Estados Unidos eram colocados como um país harmonioso e ordenado que apenas sofria com a existência do comunismo – pois a revista não retratava seus problemas sociais.

Definindo o seu caráter conservador, a revista legitimava a ordem estabelecida e opunha-se às reivindicações trabalhistas e às mudanças sociais. Tentando disfarçar este posicionamento, colocava poucos artigos de posição contrária aos seus valores tradicionais. Estas afirmações justificavam-se na existência de artigos preconceituosos sobre a presença dos imigrantes europeus em 1922, e de textos anti-semitas, publicados até o ano de 1939, sem contar os artigos anticatólicos e as poucas referências aos negros, que apareciam em histórias que destacavam a caridade dos brancos norte-americanos.¹⁷

Depois de alcançar uma grande difusão nos Estados Unidos, o casal Wallace decidiu publicar a revista em outros países. Esse empreendimento teve início na Inglaterra, no ano de 1938. Além da motivação comercial, os proprietários receberam incentivo do departamento de Estado, que acreditava ser a revista um importante meio de transmissão de mensagens favoráveis sobre os valores e costumes da sociedade norte-americana. Através de incentivo do governo norte-americano, em dezembro de 1940 foi publicada a sua primeira edição em espanhol destinada à América Latina, intitulada *Selecciones*, chegando ao Brasil somente em fevereiro de 1942.¹⁸

Nos países onde a revista era vendida, a editora contratava funcionários locais e abria um escritório para estruturar a revista e selecionar reportagens que pudessem ser contrárias aos costumes ou a política local para evitar problemas com os novos compradores. Com o início da Guerra Fria, estes escritórios ganharam uma nova função. Os seus artigos intensificaram o apoio à política norte-americana, defendendo o capitalismo e o *american way of life* e divulgando idéias anticomunistas. A revista também cooperou no combate às esquerdas de uma forma mais direta entre os anos de 40 e 70, empregando nos seus escritórios diversos funcionários do governo.

p. 81.

¹⁶ GALINDO, F. **O fenômeno das seitas fundamentalistas**. Petrópolis, Vozes, 94, p. 145.

¹⁷ JUNQUEIRA, M. **Ao Sul do Rio Grande...** op. cit., p. 30 e 31.

¹⁸ Ibid., p. 34 e seguintes.

“Alguns dos executivos da revista, em vários países da Europa, foram ligados à CIA. (...) Nos anos 60 e 70, as sucursais de Selecciones em alguns países da América Latina, como Peru e México, também funcionaram como base para a atuação do serviço secreto norte-americano”.¹⁹

Entretanto, o maior apoio dado ao governo norte-americano foi a constante transmissão de narrativas que referenciavam os mitos e a excelência da sociedade e da política norte-americana.

1.2 Os mitos fundadores dos Estados Unidos

Aliada a textos edificantes e reportagens curiosas sobre o mundo animal, o desenvolvimento científico e os últimos acontecimentos mundiais, *Seleções* foi mais um meio de divulgação do patriotismo e de uma visão de mundo favorável aos Estados Unidos, pois sempre trazia alguma reportagem positiva sobre o seu país de origem, como mostra “Os Estados Unidos ao microscópio”²⁰. Nesta reportagem, vários estudantes de outros países mudaram os seus valores ao conviver com os norte-americanos. Eles descobriram que nos Estados Unidos os produtos industrializados eram baratos, as pessoas faziam serviços simples sem se sentirem envergonhadas e os trabalhadores auxiliavam os patrões. Um estudante alemão observou que os operários de uma fábrica “... Estavam todos bem vestidos, alegres, não parecendo preocupados com coisa alguma. (...)”²¹ e concluiu que “Em todos os livros de divulgação marxista, o capital e o trabalho hão de estar empenhados em luta de morte. Mas nos Estados Unidos conseguem cooperar.”²²

A reportagem também afirmava que os estrangeiros também observavam que nos Estados Unidos a democracia se fazia sentir até nos lares, pois os maridos ajudavam as esposas, e os filhos não eram censurados ao dar a sua opinião. “No meu país há democracia só de nome. Foi para mim uma grande surpresa encontrar famílias trabalhando em conjunto. Em minha terra há uma barreira entre pais e filhos”²³, exclamou um latino-americano. Alguns estudantes fizeram muitas críticas aos métodos de ensino aplicados nas escolas norte-americanas, bem como aos seus próprios jovens, que eram superficiais e muito mais fracos que os europeus; porém “... a ingênua, natural e inocente generosidade dos americanos. A bondade, não lhes requer esforço”²⁴ e isto compensava qualquer falha.

Com reportagens como esta, *Seleções* poderia influenciar a opinião dos seus leitores

¹⁹ Ibid. p. 40. A autora também mencionou a existência de funcionários da *Seleções* que trabalhavam para a CIA, atuantes na Itália e na França nos anos 40 e 50, responsáveis por fiscalizar a atuação do Partido Comunista; e no Chile, durante a o golpe militar que derrubou o governo Allende.

²⁰ WHITE, W. L. Os Estados Unidos ao microscópio. **Seleções do Reader's Digest**, abril de 1952, p. 136.

²¹ Id.

²² Ibid., p. 137.

²³ Ib.

²⁴ Ibid. p. 142.

quando mostrava algumas características positivas da sociedade norte-americana através do olhar estrangeiro. Nesta sociedade o trabalho manual era honrado, os produtos eram baratos e não havia nenhuma oposição entre os trabalhadores e os patrões, contrariando a teoria marxista. Os norte-americanos também eram gentis, bondosos e educados com os estrangeiros e com a própria família, onde todos eram iguais.

A transmissão de imagens positivas sobre o *american way of life* não era novidade nos Estados Unidos, pois, nos anos trinta, “várias publicações traziam referências freqüentes a ‘um modo de vida americano’. A expressão ‘O sonho americano’ adquiriu uso comum, significando alguma coisa compartilhada por todos os americanos em função da própria nação organizada”²⁵.

Nesta época, explodiu no mercado editorial a literatura que ensinava a alcançar o sucesso. Nestas obras, diferentemente das teorias sobre os problemas do sistema econômico e o fracasso do capitalismo, afirmava-se que o sucesso deveria ser explicado por razões de ordem individual e moral e não política. Desta forma, o sucesso poderia ser alcançado através do esforço pessoal e da determinação individual. Os *best-sellers* da década também ensinavam a fazer amigos, valorizavam o trabalho e a ocupação saudável e destacavam a importância de sempre sorrir. Estes valores concordavam com a postura tradicional da religião protestante que também valorizava o trabalho, incentivava a prática de ações voltadas para o bem comum, pregava a determinação individual em vencer as dificuldades e valorizava a postura simples e moralizada do homem comum.

Esta literatura recebeu uma grande influência do protestantismo.

Uma das características desta religião é a predestinação, um sinal visível da salvação divina que pode ser reconhecido socialmente através do trabalho físico intenso que gera riquezas. Nos Estados Unidos,

A identificação da salvação com o êxito e a acumulação de riquezas tem relação com o grande valor que o puritanismo dava ao trabalho, e a convicção de que Deus não deixa sem recompensa os que trabalham com empenho. Combinado com o racionalismo econômico do século XIX, o êxito, representado antes de tudo pela posse de dinheiro, se converteu em norma central de vida, e é interpretado hoje como sinal da bondade moral e indício de salvação divina. Essa mentalidade levou a que ricos e poderosos ficassem encarregados de impor as regras de convivência, e a que os pobres fossem desprezados como culpados de seu próprio infortúnio.²⁶

Como conseqüência, as pessoas ricas eram bem vistas nesta sociedade, já que trabalharam muito, eram virtuosas e por isto eleitas por Deus. Os pobres, por outro lado, ou não trabalhavam como deveriam, ou não recebiam a ajuda divina, sendo por isto condenados e merecedores desta condição social. O resultado direto deste pensamento foi o culto à riqueza e a valorização do sucesso material nos Estados Unidos.²⁷

Seleções também foi influenciada pela predestinação e não se diferenciou daquela

²⁵ SUSMAN, W. A década de 30. In.: COBEN, S. RATNER, L. **O desenvolvimento da cultura norte-americana**. Rio de Janeiro, Anima, 1985. p. 276.

²⁶ GALINDO, F. **O fenômeno das seitas fundamentalistas**. Petrópolis, Vozes, 1994, p. 146.

²⁷ Conforme FICHO, J. **A civilização americana**. Campinas, Papyrus, 1990, capítulo 4.

literatura, pois celebrava a ascensão social e encorajava o espírito de iniciativa e o gosto pelo trabalho desde a mais tenra idade. Deste modo, todos os seus leitores eram persuadidos de que poderiam passar da “Cabine de pau” à Casa Branca, por um itinerário algumas vezes fantástico.²⁸ Por este motivo, as histórias de empresários, banqueiros e cientistas que conseguiam superar os obstáculos e enriquecer através do seu esforço enchiam as páginas da revista, como nas reportagens “A história singular da Coca-Cola”²⁹ e “O rei da Barganha”³⁰.

A primeira reportagem descrevia a trajetória do produto norte-americano conhecido em praticamente todo o mundo – “A União Soviética é a única das grandes áreas geográficas que desconhece a Coca-Cola.”³¹ Até conseguir tamanho sucesso em vendas, o refrigerante passou pelas mãos de três proprietários. Entretanto, “a publicidade foi a linha mestra da Coca-Cola em todas as fases da sua existência. (...) a frase familiar ‘Deliciosa e refrescante’ remonta a 1889. ‘A pausa que refresca’ tem apenas 18 anos.”³² Mesmo a concorrência não podia abalar a estrutura de uma bebida cujo segredo era conhecido por apenas dois químicos. O resultado de tanto cuidado foi um gigantesco rendimento aos seus proprietários, valor que tinha a tendência a aumentar ainda mais, pois

Depois de completar 50 anos, o ritmo de desenvolvimento acelerou-se ainda mais que depois dos 20 ou 30. Em fins de 1920, anunciava ‘9.000.000 por dia’; hoje, as vendas diárias sobem a mais de 34.000.000. A Coca-Cola está passando rapidamente de bebida nacional para universal.³³

A reportagem “O rei da barganha” descrevia a trajetória de John Spencer Redshaw, que, de funcionário dos correios, tornou-se um dos mais notáveis homens de negócios de Nova York. A sua fortuna originou-se do hábito de trocar objetos por outros durante a infância para conseguir alguns trocados. Quando adulto, continuou permutando objetos para ajudar a manter a sua família e conseguiu fazer o seu negócio crescer a ponto de tornar-se um homem rico. Segundo Redshaw qualquer objeto, por mais estranho que seja, pode ser objeto de barganha. Para negociar com os clientes, destacava algumas recomendações:

As permutas de grande vulto requerem intuição, cálculo rápido como um relâmpago, o profundo conhecimento da psicologia humana. ‘A gente espanta os fregueses, agindo com ares de esperteza,’ disse Redshaw; e, de acordo com essa teoria, escreve suas cartas em uma máquina muito batida, ou com uma caligrafia incerta, como se fosse simples negociante provinciano. Outro sistema que sempre emprega, com bons resultados, consiste em sempre depreciar os seus artigos, antes de mostrá-los aos fregueses. ‘De fato, tenho uma máquina de calcular, já muito martelada’ diz ele; e quando, surpresa, o cliente depara com uma máquina em perfeitas condições, o negócio está fechado...³⁴

²⁸ Parafrazeando FICHOU. op. cit., p. 45.

²⁹ WHARTON, Don. A história singular da Coca-Cola. **Seleções do Reader’s Digest**, setembro de 1947, p. 117.

³⁰ WALLACE, Ralph. O rei da barganha. **Seleções do Reader’s Digest**, janeiro de 1946, p. 42.

³¹ WHARTON, Don. A história ... p. 120.

³² Ibid. p. 118.

³³ Ibid. p. 119.

³⁴ Ibid., p. 43.

A trajetória pessoal de Redshaw e a reportagem sobre o sucesso da Coca-Cola traziam uma imagem positiva do mundo dos negócios quando mostrava tanto as oportunidades existentes para as pessoas que tinham iniciativa e boas idéias, bem como o resultado dos negócios realizados com perspicácia. Por valorizar estes assuntos, *Seleções* ignorava completamente as dificuldades, as angústias e a insegurança vivida pelos trabalhadores e pobres no mundo capitalista.

Seleções freqüentemente trazia narrativas sobre histórias de vida repletas de otimismo, escritas de uma forma leve para despertar as emoções, a admiração e o encorajamento nos seus leitores. Nestas histórias os problemas pessoais eram superados com determinação e força de vontade como na reportagem “Das trevas para a luz: a vida de Hellen Keller”³⁵, sobre a história de uma mulher, “Cega, surda e muda desde a primeira infância, que superou as suas três deficiências e tornou-se uma das personalidades mais conhecidas do mundo moderno, servindo de inspiração, em toda parte, tanto aos cegos como aos que vêem.”³⁶ Uma das suas maiores conquistas foi aprender a falar. Foi a primeira mulher com deficiência visual que ingressou em uma universidade e, após concluir os estudos, passou a auxiliar pessoas com as mesmas dificuldades em todo o mundo.

Em reportagens semelhantes, a imagem da sociedade e do cidadão norte-americano era valorizada através de atitudes positivas que visavam o bem-estar da família e da comunidade. Fazendo parte do seu imaginário social, este otimismo foi resultado de uma interpretação da história norte-americana, que associava a prosperidade do país ao progresso social e econômico, esperado deste a travessia dos primeiros imigrantes para o Novo Continente, pois

Quando um país dispõe de recursos abundantes que os homens estão prontos para explorar, quando a religião encoraja a aquisição de riquezas, quando as boas instituições favorecem as iniciativas, o otimismo se justifica tanto melhor se a história nacional foi apenas de progresso material e sucesso repetidos.³⁷

O otimismo também se relaciona com a distribuição de terras ocorridas durante a ocupação do Oeste, que acabou sendo interpretada como o movimento que proporcionou igualdade de oportunidades para todos os cidadãos. De acordo com esta idéia, cabia apenas ao indivíduo esforçar-se para conseguir colher os resultados do seu trabalho, já que a natureza e o governo garantiriam a propriedade privada e as melhores condições de vida para todos.

Este pensamento se relaciona também com as imagens mitificadas do processo histórico norte-americano, que destacava a oportunidade de uma nova vida alcançada pelos peregrinos nos primeiros anos das Colônias. Estes, após ficarem livres das perseguições religiosas e de uma

³⁵ ROSS, Ishbel. Das trevas para a luz: a vida de Hellen Keller. **Seleções do Reader's Digest**, janeiro de 1951, p. 167.

³⁶ Id.

sociedade estamental, que privilegiava as classes aristocráticas, trouxeram a promessa de liberdade e prosperidade, alcançadas através do trabalho árduo e da fé na recompensa dada por Deus. A própria Declaração da Independência dos Estados Unidos justificava a procura pela felicidade, servindo de fonte de otimismo e inspiração para o estabelecimento de uma nova sociedade.

A fundação e a ocupação do território dos Estados Unidos receberam, igualmente, uma interpretação especial. Os mitos da Eleição Divina e o Destino Manifesto referiam-se à fundação deste país por um grupo de protestantes que encontrou um lugar para praticar a sua religião livremente. Inspirados pela “doutrina puritana e escocesa de eleição divina, que aplicavam a si mesmos”, os primeiros imigrantes interpretavam a chegada ao novo continente como “a nova Israel a quem Deus havia presenteado com um novo Canaã (Ex 6,4s)”³⁸. No Novo Continente, estes peregrinos, na maioria protestantes, uniram-se para fundar uma nova pátria que deveria garantir a liberdade política e religiosa através de um corpo político representativo que permitiria o auto-governo.

Dando as costas ao passado europeu, apresentava-se um imigrante norte-americano que queria construir uma sociedade próspera para deixá-la aos seus filhos. Pelo trabalho e pelo esforço comum, eles venceram as dificuldades iniciais e estabeleceram as primeiras comunidades no Leste da América. Com o crescimento da população, teve início o movimento de ocupação das terras do centro e do Oeste do continente. “Foi a época do ‘Destino Manifesto’, da missão providencial que, acreditava-se, a América havia recebido do céu, de penetrar mais e mais na direção oeste para fundar sobre terra virgem um reino de liberdade querido por Deus.”³⁹

Essa interpretação ‘messiânica’ do processo histórico norte-americano foi secularizada pelo historiador Frederick Jackson Turner⁴⁰. Para ele, a excepcionalidade da história norte-americana referia-se à imensa quantidade de terras livres para a ocupação do pequeno proprietário. A propriedade privada era acessível a todas as pessoas interessadas em trabalhar para obter o sucesso material e construir a sua comunidade. Esta abundância de terras também proporcionou oportunidades iguais de acumular bens materiais para os cidadãos interessados em prosperar. Turner encontrou neste processo as bases do sistema democrático norte-americano, no qual coube ao governo a função de garantir chances iguais de acesso à terra e à posse da propriedade privada para todos os cidadãos.

Estes temas referem-se aos principais mitos da sociedade norte-americana, a qual é interpretada como originalmente formada por peregrinos que fugiram de perseguições político-religiosas na Inglaterra e que conseguiram estabelecer um governo democrático no Novo Mundo. Por isto proporcionou chances iguais de ascensão social em um lugar com terras abundantes e natureza farta, tudo isto interpretado como o resultado das bênçãos de Deus.

³⁷ FICHO, op. cit., p. 44.

³⁸ GALINDO, op. cit., p. 139 e 140.

³⁹ Ibid. p. 97.

⁴⁰ Frederick J. Turner, em 1893, interpretou a formação da sociedade norte-americana através da Ocupação do Oeste dos Estados Unidos em um ensaio chamado *A significação da Fronteira na história americana*. Neste ensaio, destacou as características do pioneiro como formadoras dos cidadãos norte-americanos.

Além de influenciarem diretamente a primeira interpretação da historiografia tradicional norte-americana, estes mitos estavam direta ou indiretamente presentes nos bens culturais, na tradição, nos meios de comunicação de massa e em todas as representações que boa parte desta sociedade fazia de si mesma. Por isto, eles contribuíam na construção da identidade dos indivíduos dentro do grupo e davam significado à organização da sociedade, sendo formadores e emissores dos imaginários sociais.

Um dos motivos do grande número de exemplares vendidos de *Seleções* nos Estados Unidos era a constante publicação de temas referentes ao imaginário social norte-americano. Narrativas sobre a ocupação do território do Oeste e a valorização da vida no interior eram lembradas em várias reportagens como “Um lar em Pleno Ermo”⁴¹, de Kathrene Pinkerton, que descrevia as experiências pessoais da autora, quando decidiu viver nas florestas do Norte canadense para acompanhar o marido, que estava com problemas de saúde e precisava de repouso. Relatando a chegada e as dificuldades iniciais de encontrar o local ideal para a construção da casa, a obtenção de alimentos e a locomoção; a autora narrou o seu processo de adaptação e descreveu o amor que passou a sentir por aquele lugar, que

... não era mais a região desolada e agreste que eu vira passar fugazmente das janelas do nosso trem, mas uma terra selvagem de beleza e de aventura, de rios velozes se esgueirando para o norte, de terrenos onde ninguém jamais havia acampado antes de nós, de macias e profundas trilhas de animais que levam ao coração da floresta...⁴²

Com a casa já construída, Kathrene começou a se ocupar com o trabalho rotineiro da região: caçar animais, pescar, buscar lenhas, lavar roupas, ir até o armazém para comprar alguns mantimentos e utilizar os serviços do correio. No início, acompanhar esta rotina não era muito fácil pois “Eu era uma simples dona de casa, e sem nenhuma das pequenas variantes que quebram a monotonia da existência dum doméstica: compras, almoços fora, longas conversas no telefone, ou mesmo a modesta perspectiva dum vendedor à porta para um bate-boca.”⁴³ Seus problemas estendiam-se aos preparos dos alimentos, pois teve que adaptar as tradicionais receitas que precisavam de ovos, fermento, produtos enlatados, etc. Nestas situações, a identificação com as dificuldades vividas pelos pioneiros era constante:

⁴¹ PINKERTON, Kathrene. Um lar em Pleno Ermo. **Seleções do Reader's Digest**, julho de 1947, p. 119.

⁴² Ibid. p. 123.

Em todo o continente norte-americano as mulheres sempre tiveram que resolver idênticos problemas, quando acossadas pela solidão. Os pastelões de picadinho dos puritanos, o arroz secado ao sol dos descendentes dos franceses na Luisiana, o bolinho de milho do Sul, são, todos eles resultado da necessidade feita virtude. No cantinho que me servia de cozinha, eu estava apenas jogando uma partida contra a solidão.⁴⁴

Esta identificação trazia novas forças a Kathrene que, a cada dia que passava, começava a desejar viver naquela região. Entretanto, após dois anos, nasceu a sua filha e a nova rotina da família obrigou o casal a retornar para a cidade. Porém, deixaram a região onde foram muito felizes com muita tristeza.

Além da exaltação ao pioneiro, a revista também trazia várias histórias sobre os heróis norte-americanos, fossem eles homens comuns, militares ou políticos. Referências aos presidentes eram constantes em reportagens biográficas como “Herbert Hoover – O presidente desconhecido”⁴⁵, que destacava as suas ações caritativas desenvolvidas em diversos países em nome dos Estados Unidos. Nascido em uma colônia Quaker do interior, Hoover ficou órfão de pai e mãe aos onze anos. Pobre, sempre trabalhou para sustentar os seus estudos até formar-se em Engenharia de Minas.

A reportagem afirmava que, mesmo antes de envolver-se com a política, Hoover já se preocupava em ajudar as pessoas. Quando trabalhava na China, salvou a vida de diversas crianças durante a revolta dos *boxers*. Na Primeira Guerra Mundial, foi responsável por ajudar todos os norte-americanos que estavam tendo dificuldades em sair da Europa. Quando acabou sua missão, “... foi convidado pelo embaixador dos Estados Unidos em Londres ... a organizar o socorro a sete milhões de belgas que corriam o risco iminente de morrer de fome.”⁴⁶ Com o final da Guerra, Hoover ajudou a alimentar e a vestir 10 milhões de crianças em toda a Europa Oriental e Ocidental e prestou auxílio até à União Soviética.

Atitudes dignas e honradas não eram exclusivas dos presidentes norte-americanos. Outras narrativas valorizavam a ação espontânea do homem comum na ocupação do território e na resolução dos problemas que apareciam nas comunidades. Esta participação direta dos indivíduos na formação e preservação

⁴³ Ibid. p. 127.

⁴⁴ Id.

⁴⁵ LYONS, Eugene. Herbert Hoover – O presidente desconhecido. **Seleções do Reader's Digest**, abril de 1948, p. 125.

da sua região, visando o bem comum, deu origem ao *verdadeiro* espírito democrático e à prática das ações voluntárias. Dos textos que valorizam estes pontos, duas reportagens são utilizadas como exemplo. A primeira, “Civismo exemplar – aos 15 anos”⁴⁷ apresentava a ação de um grupo de 134 estudantes que decidiram formar a “Comissão dos Cem” para verificar quais eram as deficiências do distrito Oeste de Detroit. As solicitações dos estudantes foram logo atendidas pelas autoridades competentes. “Detroit tem pois, nesse ginásio de bairro, uma mina de ouro de futuros líderes cívicos (...) que já sabem como agir numa democracia.”⁴⁸

A segunda, “A essência do espírito norte-americano”⁴⁹, destacava que a essência da população centrava-se na cooperação e na participação que fez dela uma sociedade civilizada como nenhuma outra. “O que caracteriza os Estados Unidos é a dedicação dos seus cidadãos à comunidade, (...) a devoção do indivíduo à comunidade nos Estados Unidos é a mais resistente couraça dos norte-americanos contra o totalitarismo, tanto o comunista como o fascista”⁵⁰.

A autonomia local fazia com que cada cidade resolvesse os seus problemas, evitando que o cidadão caísse na “cômoda dependência do governo”. Essas eram as melhores armas contra o totalitarismo.

O povo norte-americano vive sob um velho e ininterrupto sistema político, que conhece e faz funcionar. Por serem criaturas humanas, e não anjos, eles o fazem funcionar imperfeitamente, mas sentem pela sua Constituição e pelas suas instituições uma reverência que infelizmente desapareceu de muitas nações do globo. Ninguém lhes vá mostrar o árido projeto de uma sociedade autômata e dizer-lhes que tal utopia estéril é superior ao sistema vivo, palpitante, que os pais da nação norte-americana criaram⁵¹.

Além da valorização da democracia e da participação ativa das pessoas na resolução dos problemas comunitários, a grande quantidade de riquezas naturais e de terras também justificaram o mito da abundância de riquezas nos Estados Unidos. A excelência do seu povo era percebida no bom aproveitamento de todas as riquezas naturais, que proporcionaram a igualdade de oportunidades para todos os cidadãos, encorajando “um processo geral que mantém o otimismo

⁴⁶ Ibid. p. 128.

⁴⁷ DETZER, Karl. Civismo exemplar – aos 15 anos. **Seleções do Reader’s Digest**, janeiro de 1948, p. 44.

⁴⁸ Id.

⁴⁹ GALANTIÈRE, Lewis. A essência do espírito norte-americano. **Seleções do Reader’s Digest**, julho de 1952, p. 97.

⁵⁰ Id.

⁵¹ Ibid. p. 99.

ao mesmo tempo que se nutre dele”⁵². Neste processo, para manter a abundância da população, o Estado não deveria intervir na economia, estimulando o livre comércio.

Em relação aos outros países, ao invés de recomendar-se a distribuição de sua riqueza, cabia ao governo norte-americano ensiná-los a utilizar corretamente as suas riquezas naturais, seguindo o seu modelo de desenvolvimento. Neste projeto mundial, de acordo com a revista, o governo norte-americano não estava sozinho, pois recebia ajuda de várias fundações. A reportagem “Para o bem-estar da humanidade”⁵³ destacava a atuação da Fundação Rockefeller no auxílio financeiro a vários projetos de pesquisa em todo o mundo. Quando encontravam profissionais com potencial a ser desenvolvido, pagavam as suas despesas para proporcionar o desenvolvimento individual e mundial de uma forma mais igualitária. “O objetivo da Fundação Rockefeller é procurar conhecimentos sólidos, num ou noutro terreno, onde quer que possam ser encontrados, e aplica-los em benefício dos homens, em toda parte.”⁵⁴

Projetada na política internacional, a prosperidade e a excelência norte-americana deveriam ser asseguradas pelo governo que difundiria a experiência e o estilo de vida norte-americano nos outros países para assegurar a sua salvação. Esta outra visão da eleição, também interpretada por Galindo como o Destino Manifesto, deveria “ser um bom exemplo e garantia de liberdade para o mundo todo”⁵⁵. Entretanto, encaminhou-se para um imperialismo cultural, comercial e militar que interpretou (e ainda interpreta) qualquer ameaça à sua cultura, possível ou imaginada, como uma guerra santa contra os inimigos de Deus. Além disso,

Esse sentido de eleição, que originalmente redundava na obrigação de ser um bom exemplo e garantia de liberdade para o mundo todo, levou desde o início ao desprezo e opressão dos negros e dos indígenas, por parte dos anglo-saxões brancos. Daí decorreram o racismo, a discriminação, os preconceitos, comuns em todos os seguimentos sociais, contra todos os que não fossem brancos, tivessem um idioma ou uma religião diferente da sua, assim como a convicção de que a América deve impor seu tipo de vida, suas estruturas e sistemas ao resto do mundo, e que seus interesses, e antes de tudo sua segurança nacional, têm primazia frente aos de qualquer outro país. A política exterior dos Estados Unidos é dominada em grande parte pela arrogância e complexo de superioridade que nascem desse sentido de eleição e destino manifesto.⁵⁶

Como a revista *Seleções do Reader's Digest* trazia nas suas narrativas o imaginário norte-americano, também vinculava a superioridade daquele país em relação aos outros povos. Assim, apresentava os países latino-americanos de uma forma deturpada, depreciando a pobreza, a mestiçagem e a religião católica de uma região atrasada e por isto tão distante e diferente dos Estados Unidos. Esta é a tese central da pesquisa feita por Mary Anne Junqueira, publicada no seu livro “Ao sul do Rio Grande – imaginando a América Latina em *Seleções*: Oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)”⁵⁷.

⁵² FICHO, op. cit., p. 27.

⁵³ MULLER, Edwin. Para o bem-estar da humanidade. **Seleções do Reader's Digest**, outubro de 1946, p. 45.

⁵⁴ Ibid. p. 48.

⁵⁵ GALINDO, op. cit. p. 146.

⁵⁶ Id.

⁵⁷ Junqueira, M. op. cit.

De acordo com a sua pesquisa, a revista *Seleções* interpretou a América Latina com base nos mitos da fronteira, relacionando o atraso econômico da região à grande quantidade de terras desocupadas. O norte-americano, excepcional porque ocupou um vasto território, controlou a natureza para utilizá-la ao seu favor, e através do cultivo da terra, formou o pioneiro, um novo homem que teve oportunidade para trabalhar e que por isto alcançou a abundância econômica. Ao contrário destas características, a América Latina não conseguiu ocupar todo o seu território nem controlar a natureza exuberante, por isto, de acordo com a revista, a maior parte da região era habitada por animais selvagens, tinha uma população esparsa e não era controlada pelo homem civilizado. Assim, na maioria das reportagens sobre a região,

A revista fazia um diagnóstico dos problemas da América Latina e propunha imediatamente o remédio: a única iniciativa a tomar a fim de sanar os males da região era seguir o exemplo norte-americano, especialmente o posto em ação no século XIX, quando os norte-americanos tomaram os territórios do Oeste (...). Na perspectiva da Revista, este era o único modelo possível, não porque fosse considerado o mais adequado ou o mais viável, mas porque era entendido como universal.⁵⁸

Esse pensamento não era contrário à própria imagem preconceituosa que a população norte-americana fazia em relação aos vizinhos que habitavam no Sul do Continente Americano.⁵⁹ Manifestada desde o processo de Independência norte-americana por Congressistas interessados nas regiões produtivas da América Central, esta visão permaneceu e foi detectada por Nelson Rockefeller em uma pesquisa realizada em 1941, sobre as visões que os norte-americanos possuíam em relação aos latino-americanos.

Na pesquisa de Rockefeller, (...) os respondentes recebiam uma página contendo 19 adjetivos e eram indagados: “desta lista, que palavras lhes parecem descrever melhor o povo que vive na América Central e do Sul?” Os cinco adjetivos **menos** selecionados foram “eficiente” (5%), “progressista” (11%), “generoso”, “valioso” (ambos 12%), e “honesto” (13%). Os adjetivos mais frequentemente selecionados (por 77% dos respondentes) eram “de pele escura”, seguido por “genioso”, “emocional”, “atrasado”, “religioso”, “vagabundo”, “Ignorante”, “desconfiado” – e, então, finalmente, o primeiro traço inequivocadamente positivo: 28% diziam que os latino-americanos eram amistosos. Estes eram apenas 1% a mais dos que disseram que eles eram sujeitos.⁶⁰

Diante deste preconceito, Junqueira acredita que, a grande quantidade de exemplares vendidos de *Seleções*, também reflete o imaginário brasileiro. Segundo a autora, o Brasil não se considerava como parte da América Latina.

Desde a Independência, o Brasil se colocou contra seus vizinhos: uma nação coesa, unida pelo Império, impunha-se contra a forma republicana de governo, a fragmentação territorial e a ‘barbárie’ da América hispânica. Com o advento da República não foi diferente; intelectuais como Eduardo Prado, Oliveira Lima, Joaquim Nabuco, entre outros,

⁵⁸ JUNQUEIRA, M. Representações políticas do território latino-americano na Revista *Seleções*. In.: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 21, n. 42, p. 323-342, 2001, p. 338.

⁵⁹ Este tema foi trabalhado por Lars Schoultz em uma pesquisa publicada no Brasil em 2000. In.: SCHOULTZ, L. **Estados Unidos: poder e submissão**: uma história da política norte-americana em relação à América Latina. Bauru, EDUSC, 2000.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 347.

estabeleceram a distinção entre a América Latina de língua espanhola e o Brasil, numa visão predominantemente negativa daqueles países.⁶¹

No século XX, este pensamento permaneceu e estava retratado nas revistas nacionais de grande circulação. A revista também afirmava que o atraso brasileiro era resultado das terras desocupadas. Essa era a mesma idéia defendida pela política brasileira entre os anos 40 e 60, materializada em projetos como a Marcha para o Oeste, a Construção de Brasília, da Rodovia Belém-Brasília e da Transamazônica.

1.3 Seleções chega ao Brasil

Nos primeiros anos da década de quarenta, os Estados Unidos, de acordo com a 'Política da Boa Vizinhança', preocuparam-se em aumentar o contato com países latino-americanos para facilitar as relações políticas e econômicas entre todo o continente. O principal objetivo desta ação era garantir a sua influência política, estabelecer um grande mercado consumidor para os seus produtos industrializados e assegurar a compra de diversas matérias-primas e produtos agropecuários. Essas medidas também eram interessantes para a economia interna dos Estados Unidos, pois aumentar as exportações norte-americanas era uma das principais soluções propostas pelo então presidente Franklin Roosevelt para sair da Grande Depressão.

Ao mesmo tempo, buscava-se diminuir, no Brasil, a influência européia e a dissimulação de valores nazistas e fascistas, tanto pelas relações comerciais como pela presença alemã no território nacional – principalmente na região sul do país, devido ao número considerável de imigrantes alemães. Assim, buscou-se aumentar e fortalecer a influência norte-americana, atraindo a simpatia da população brasileira para os Estados Unidos.

Com este objetivo, algumas medidas foram colocadas em prática. Dentre elas, destaca-se a criação em 1940, pelo presidente Roosevelt, de um escritório do governo, subordinado ao departamento de defesa norte-americano, chamado *Office of the coordinator of inter-american affairs* - *Office*, comandado pelo empresário Nelson Rockefeller, cuja função era transmitir uma visão favorável dos Estados Unidos no Brasil e incentivar o intercâmbio cultural entre os dois países. Para facilitar as relações políticas e econômicas, atuou na imprensa, no cinema, no rádio, na educação e na saúde brasileira⁶². Em relação aos Estados Unidos, o *Office* deveria difundir, naquele país, uma imagem positiva dos países latino-americanos.

Para aumentar as exportações de matéria-prima e, conseqüentemente, o consumo de

⁶¹ Ibid., p. 339.

⁶² TOTA, A. **O imperialismo sedutor**. São Paulo, Cia. das Letras, 2000, p. 93.

produtos industrializados, o escritório também procurou garantir o desenvolvimento da região através de projetos que visavam o controle de doenças contagiosas e a melhoria nos transportes, na habitação, no saneamento básico, na nutrição e no tratamento médico dos brasileiros. Entretanto, tantos investimentos tinham como objetivo final assegurar a segurança do território norte americano.

Logo depois do ataque a Pearl Harbor, Rockefeller foi à Casa Branca com uma pasta de gráficos, mapas e ilustrações e traçou uma consistente lógica baseada na idéia de segurança nacional para assistência de desenvolvimento da América Latina: a defesa do hemisfério dependia de comunicações eficazes; comunicações eficazes em tempo de guerra dependiam de guardas de segurança; guardas de segurança necessitavam ser saudáveis; sua saúde dependia da erradicação de doenças tropicais; o controle de doenças tropicais requeria programas de saúde pública; os governos latino-americanos não podiam dar conta desses programas – e, portanto, em prol da segurança nacional, os Estados Unidos tinham que ajudar a pagá-los.⁶³

O início da publicação da revista *Seleções do Reader's Digest* para o Brasil ganhou grande apoio de Nelson Rockefeller. Participando da Política da Boa Vizinhança, Rockefeller tinha a responsabilidade de fortalecer as relações políticas, econômicas e culturais estabelecidas entre o Brasil e os Estados Unidos na década de 40. Segundo o seu pensamento, *Seleções* seria extremamente útil neste projeto à medida que trazia mensagens favoráveis sobre os Estados Unidos.⁶⁴

Como um dos interesses do governo norte-americano era aumentar a venda dos seus produtos industrializados na América Latina, a publicação de *Seleções* no Brasil seria um ótimo meio de divulgar estes produtos. Para baratear o custo da publicação, os diretores da revista promoveram uma campanha entre os assinantes norte-americanos que incentivava uma colaboração, feita através do envio de dinheiro, para auxiliar a publicação e a distribuição da revista nos outros países do Continente em nome do esforço de guerra e do intercâmbio entre as Américas. Os seus proprietários também permitiram a publicação de anúncios comerciais desde a primeira edição das revistas latino-americanas para o mesmo fim. Cada periódico trazia uma média de 65 anúncios comerciais, apresentando as últimas novidades tecnológicas das décadas de 40 e 50⁶⁵. Cosméticos, alimentos enlatados, produtos para higiene e saúde, automóveis, canetas, relógios, eletrodomésticos, roupas, anúncios de empresas de transporte aéreo e marítimo, agências internacionais de viagens, bancos, construtoras, máquinas e equipamentos industriais, que enriqueceram as páginas da revista.

Foi nesse contexto que os brasileiros aprenderam a substituir os sucos de frutas tropicais onipresentes à mesa por uma bebida de gosto estranho e artificial chamada *coca-cola*. Aprenderam a mascar uma goma elástica chamada *chiclets* e começavam a usar palavras novas que foram se incorporando à sua língua falada e escrita. Passaram a ouvir o *fox trot*, o *jazz*, o *boogie-woogie* entre outros ritmos e começaram a ver muito mais filmes

⁶³ SCHOULTZ, op. cit., p. 116.

⁶⁴ Conforme TOTA, op. cit., capítulo 1; e MOURA, G. **Tio Sam chega ao Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1986, p. 54.

⁶⁵ A revista, após o início da década de 50, apresentou um aumento significativo no número de páginas, resultando em um aumento de reportagens e de anúncios publicitários.

produzidos em Hollywood. Passaram a voar nas asas da Panair (*Pan American*), deixando para trás os 'aeroplanos' da Lati e da Condor.⁶⁶

A primeira edição em português se esgotou rapidamente com 100 mil exemplares vendidos em diversas cidades do país, número este além das expectativas da própria revista. Para surpresa dos seus editores, *Seleções* chegou a vender, na primeira edição, mais exemplares do que o número destinado a suprir toda a América Latina. Em menos de seis meses, a circulação cresceu para 150 mil revistas, tornando-se uma das publicações mais lidas do Brasil.

A grande aceitação de *Seleções* entre a população brasileira e em outros países relacionava-se com uma minuciosa escolha dos conteúdos que seriam abordados. A revista evitava publicar reportagens que poderiam chocar-se com as crenças e os costumes dos novos leitores. Assim, foram abertos escritórios e funcionários foram contratados nos países em que a revista era vendida para filtrar o conteúdo e indicar assuntos locais interessantes para novas reportagens. Em 1951, *Seleções* transferiu o seu escritório para o Rio de Janeiro, fator este que aumentou o número de anúncios de empresas nacionais e abriu espaço para o trabalho de funcionários e jornalistas brasileiros⁶⁷. O escritório da revista *Seleções* ficou no Brasil até o ano de 1970, quando mudou-se para Portugal devido a irregularidades com o imposto de renda.

Além de estar presente na revista *Seleções*, a propaganda norte-americana aparecia em outras áreas, como na Feira Internacional de Nova York, em 1939. Tal como uma vitrine, a feira tinha como objetivo apresentar ao consumidor as últimas novidades tecnológicas produzidas pela indústria norte-americana. O Brasil também participou deste evento, levando o café e apresentando alguns artistas nacionais, como Carmem Miranda e Cândido Portinari⁶⁸. Os participantes brasileiros ficaram encantados com os novos produtos e passaram a considerar os Estados Unidos como exemplo modernizador a ser seguido.

Os brasileiros que (...) visitaram a feira, ou que consultaram jornais e revistas, mal puderam conter a admiração. Ficaram atônitos diante de aparelhos de barbear, máquinas de lavar roupas, primitivos aparelhos de televisão e robôs. Enfim, os *gadgets* exerceram tamanho fascínio que, de volta ao Brasil, esses visitantes trouxeram na bagagem a idéia de que a modernização brasileira deveria seguir o modelo americano.⁶⁹

Outras iniciativas foram utilizadas na divulgação da imagem positiva do modelo norte-americano. Foram realizados intercâmbios entre artistas nacionais e internacionais promovidos pelo *Office*, que incentivou o ensino da língua inglesa, implantou uma agência de notícias e estimulou o cinema norte-americano e a publicação da revista *Seleções do Reader's Digest* no Brasil. Além disso, incentivou também a vinculação de propagandas de produtos desenvolvidos nos Estados Unidos nas revistas nacionais. O principal resultado foi a aproximação dos valores do *american way of life* do cotidiano do brasileiro, que passou a tratar o individualismo, a valorização

⁶⁶ MOURA, op. cit., p. 8 e 9.

⁶⁷ O sistema de venda por assinatura também foi uma novidade aqui no Brasil, fator este que ajudou a aumentar a venda de exemplares. Conforme JUNQUEIRA, op. cit., p. 9.

⁶⁸ Cabe ressaltar que, durante este período, Carmem Miranda e Cândido Portinari desenvolveram, neste período, trabalhos nos Estados Unidos.

do consumo, o otimismo em relação aos problemas pessoais e aos hábitos da sociedade norte-americana como paradigma.

Durante a Segunda Guerra Mundial, como a produção industrial dos Estados Unidos foi adaptada para a fabricação de armamentos, as empresas foram estimuladas a colocar anúncios comerciais nas revistas de circulação no território brasileiro para garantir o consumo dos seus produtos industriais após o final do conflito. “O projeto se casava bem com as noções de ‘esforço de guerra’ de todo o continente: os anúncios explicavam as razões da escassez naquele momento e a necessidade de sacrifícios imediatos (no consumo), de modo a garantir a abundância do futuro (pós-guerra).”⁷⁰

Nas revistas *Seleções do Reader's Digest* editadas durante a Segunda Guerra Mundial, observaram-se diversas reportagens e anúncios comerciais que informavam ao leitor a situação do conflito e a contribuição que as empresas estavam fazendo para o estabelecimento da paz e da democracia na humanidade. Incentivados por Rockefeller, os empresários norte-americanos passaram a investir em propagandas em nome da Política de Boa Vizinhança, para garantir mercado consumidor e para transmitir uma imagem positiva do capital privado norte-americano. Nesta imagem, além dos lucros, os empresários também estariam preocupados com a paz e o futuro da humanidade, como se pode perceber no anúncio da Ford Motor Company, publicado na revista *Seleções* de outubro de 1943. Nele, a empresa Ford explicava aos seus clientes que momentaneamente não estava fabricando os esperados automóveis para auxiliar os soldados que, sozinhos nos campos de batalha, fortaleciam-se com as lembranças dos entes queridos. Entretanto, essa tecnologia bélica serviria para ‘garantir a felicidade futura ... em toda a América’.

Quando cessa o troar da artilharia, e reina o silêncio na noite, a mente do soldado transpõe o horizonte, deixando atrás de si a macabra visão do campo de batalha, e chega ao seu lar longínquo. A voz da mãe, da esposa, o riso das criancinhas, como recordações angélicas, tangem no coração do homem, fortalecendo-o para conseguir na luta que lhes garantirá a felicidade futura.

Por isso é que, para lograr, com a liberdade, essa felicidade, a Ford Motor Company dedica todos os seus recursos à fabricação de bombardeiros, tanques e armas de combate, em lugar dos novos e ansiosamente esperados modelos de automóveis.

E dessa nova atividade industrial nascerão, quanto a sorrir a *aurora de paz*, melhores produtos para os milhões de habitantes do Hemisfério Ocidental. Com os novos recursos da ciência, e os nossos esforços, *toda a América desfrutará de felicidade sem precedentes*.

Para além do horizonte de hoje, veremos uma era grandiosa para a Humanidade.⁷¹

Com o final da Segunda Guerra, as ações políticas norte-americanas na América Latina começaram a enfraquecer, já que a ameaça nazi-fascista perdia força mundial. Nos anos seguintes, a América Latina pedia importância devido aos interesses econômicos e políticos demarcados pelo começo da Guerra Fria. Era necessário garantir a influência política e econômica na maior parte do mundo. Entretanto, o maior foco de atenção foi dado à Europa, não tanto pela destruição resultante da Segunda Guerra, mas porque era a região mais próxima, e por isso mais

⁶⁹ TOTA, op. cit. p. 95.

⁷⁰ MOURA, op. cit., p. 69.

⁷¹ **Seleções do Reader's Digest**, edição de outubro de 1943, s/p. (grifo meu)

sujeita, à ameaça comunista.

Como a América Latina estava geograficamente distante da União Soviética, a ameaça comunista era vista como menor. Por este motivo, a partir de 1946, as relações político-econômicas entre o Brasil e os Estados Unidos tomaram um rumo não desejado pela política nacional. O governo brasileiro solicitava um auxílio econômico que alcançasse as mesmas proporções que o Plano Marshall. Mas este auxílio foi negado porque o governo norte-americano não pretendia gastar dinheiro público para ajudar o desenvolvimento econômico da América Latina, e sim, da Europa. Assim, uma das soluções apresentadas pelos Estados Unidos foi oferecer ajuda através do capital privado, que investiria na região e poderia ajudar a distribuição de riquezas entre a população mais pobre.⁷²

Mesmo não sendo o principal interesse do governo norte-americano, que estava preocupado com a defesa do seu território e com a disseminação do comunismo em outras regiões do planeta, era importante preservar e expandir a influência norte-americana no Brasil para a venda de produtos industrializados, para o estabelecimento e manutenção de empresas norte-americanas na região e para explorar matéria-prima. Era importante também conter o fortalecimento de um sentimento nacionalista anti-americano e estabelecer uma unidade anticomunista no Continente Americano. Estas metas foram defendidas pela política externa norte-americana durante os anos 40 e 50, já que acreditava ser o Brasil um influente aliado na América Latina devido a sua importância territorial, econômica e militar.⁷³

Assim, tanto em reportagens (como o Repórter Esso, programa diário de radiojornalismo brasileiro, iniciado em 1941, que transmitia músicas e reportagens sobre o cinema norte-americano cuja propaganda era anunciada regularmente no periódico) como no entretenimento proposto pelos meios de comunicação de massa, o imperialismo e a penetração cultural norte-americana continuou se fortalecendo na América Latina no pós-guerra.

Neste processo, o *american way of life* se estabelecia gradativamente no Brasil devido à exportação de hábitos comportamentais que eram transmitidos em grande quantidade pelos meios de comunicação. Nesse sentido, destacou-se o papel de *Seleções*, pois trazia uma visão de mundo que sustentava sistemas de representações “capazes de inspirar atitudes concretas, orientando gestos e ações”⁷⁴ através das reportagens “que focalizassem o americano médio: alguém que gosta do lar, vai à Igreja, ouve rádio, vai ao cinema e faz seguro de vida para a família”⁷⁵.

O cinema norte-americano também teve o mesmo papel. A dominação do mercado cinematográfico brasileiro por Hollywood fez com que a transmissão de filmes produzidos em outros países, e até mesmo os filmes nacionais, acabassem diminuindo. A influência no comportamento das pessoas, seja no modo de se vestir, se expressar ou se comportar, passou a

⁷² Conforme SCHOULTZ, op. cit., p. 381.

⁷³ HAINES, G. K. **The americanization of Brazil. A study of U.S. Cold War Diplomacy in the Third World, 1945-1954.** Wilmington, Delaware, SR Books, 1989, p. 12.

⁷⁴ CASA NOVA, V. **Lições de Almanaque.** Belo Horizonte, Ed. da UFMG, 1996, p. 13.

⁷⁵ MOURA, op. cit., p. 74.

ser ditada pelos artistas hollywoodianos, bem como pela publicidade norte-americana.⁷⁶

Nesse contexto mais amplo que *Seleções* começou a ser vendida no Brasil. Por ser a única revista elaborada fora do país e, justamente por isto destinar a maior parte da sua publicação aos artigos que tratavam de política, economia, sociedade e do cotidiano da sociedade norte-americana, diferenciou-se das revistas nacionais e só perdia, no número de edições vendidas, para a revista 'O Cruzeiro'.

Seleções difundia os valores da cultura norte-americana oficial – branca, masculina e protestante – e apresentava a sua sociedade como modelo a ser copiado, por se constituir, na sua visão, em forma universal do bem viver. Segundo pesquisas do Ibope, foi considerada pelos brasileiros a revista mais confiável do país, já que trazia as “últimas novidades” não só dos Estados Unidos, mas de todo o mundo. Passando a idéia de que também os brasileiros se atualizavam e podiam acompanhar os últimos passos da tecnologia moderna, dos avanços da medicina e das descobertas científicas.⁷⁷

Mesmo tendo um público definido, a família média urbana, a revista tinha uma circulação muito maior do que este grupo social. Através de uma rede informal de leitores, baseada no empréstimo ou na doação dos números antigos, outras pessoas tiveram acesso às reportagens e aos anúncios comerciais, ainda que não comprassem a revista.

Este público, ao ler ou folhear as páginas, entrava em contato com outra realidade, baseada na liberdade de consumo e na qualidade de vida do cidadão médio norte-americano. Por uma relação de identificação com as narrativas sobre a vida de pessoas comuns e com as diversas situações do cotidiano colocadas nas reportagens e nos anúncios comerciais, o leitor acabava moldando o seu gosto e a sua visão de mundo de acordo com os valores civis e morais norte-americanos, como o individualismo, a livre iniciativa e o otimismo, constantemente transmitidos em *Seleções*.

Até nas seções mais inocentes, como os 'Retalhos do drama cotidiano', que relatavam situações sobre o comportamento honesto e solidário da classe média norte-americana, as contribuições para a valorização desta sociedade, apareceram muitas vezes, de forma sutil. Desta forma, a constante leitura de *Seleções* poderia influenciar atitudes nos seus leitores, pois “mesmo se as mensagens da indústria cultural fossem tão inofensivas como se diz (...) o comportamento que elas transmitem está longe de ser inofensivo”.⁷⁸

⁷⁶ Conforme TOTA, op. cit., p. 132 e seguintes, e MENEGUELLO, C. **Poeira de estrelas: O cinema hollywoodiano na mídia brasileira de 40 e 50**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

⁷⁷ JUNQUEIRA, M. **Ao sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções: Oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)**. Tese de doutoramento, mimeo., p. 254, apud. PRADO, M. Davi e Golias: as relações entre Brasil e Estados Unidos no século XX. In.: MOTA, C. **Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000): a grande transição**. São Paulo, Senac SP, 2000, p. 339.

⁷⁸ ADORNO. A Indústria Cultural. In: COHN, G. (org.). **Theodor W. Adorno**. São Paulo,

Capítulo 2

Trabalho e Consumo

2.1 Padrões norte-americanos, uni-vos!

Muitas reportagens e narrativas sobre os benefícios que o capitalismo proporcionava aos operários norte-americanos foram encontradas em todo o período estudado. Todas elas destacavam as qualidades do sistema capitalista, no qual os operários trabalhavam em um ambiente agradável e eram recompensados conforme o empenho e a dedicação dada à empresa. Nestas representações, ao contrário da União Soviética, nos Estados Unidos os trabalhadores recebiam salários consideráveis e tinham acesso à casa própria, ao automóvel e a diversos bens de consumo que eram o tema dos anúncios comerciais publicados nas revistas *Seleções*.

A maioria das narrativas versava sobre as experiências positivas vividas por empresários que descreviam novos métodos administrativos aplicados nas empresas. Havia também, em menor quantidade, relatos sobre a trajetória de pessoas que alcançaram a realização pessoal com trabalho e dedicação, como é o caso de Thaddeus Ashby, personagem principal da reportagem “Quando voltará você a ser um cidadão respeitável?”¹, que em dez páginas contou o início da sua trajetória profissional.

De acordo com a narrativa, por não ter mais condições financeiras de continuar estudando na Universidade de Harvard, Ashby abandonou os estudos para trabalhar em uma usina de aço, único lugar onde havia emprego disponível. Começou na função de faxineiro mas, como sugeriu uma melhoria no sistema produtivo, logo foi promovido. Como arquivista “... estava aprendendo coisas não previstas nas aulas de Harvard. E o que é mais importante: estava ganhando tanto quanto se estivesse começando uma carreira qualquer num escritório.”² No dia do aniversário do patrão houve uma terrível tempestade de neve e a metade dos operários não compareceu ao

¹ ASHBY, Thaddeus. Quando voltará você a ser um cidadão respeitável? **Seleções do Reader's Digest**, novembro de 1950, p. 57.

² Ibid. p. 59.

trabalho. Entretanto, ele e alguns outros trabalhadores conseguiram bater o recorde mundial de laminação a frio para fazer uma surpresa ao patrão. Com o resultado positivo, eles ganharam o reconhecimento de todos.

A reportagem afirmava que, motivado pelo salário, Ashby começou a trabalhar em uma usina com aço. Interessado em aprender mais sobre o trabalho, comprou alguns livros sobre o assunto e passou a estudar com um amigo. “Aprendemos a proteger a abóbada do forno contra o desgaste pelo gás e os resultados mensais da produção, com a economia de tempo em reparos, nos proporcionavam mais dinheiro.”³ Mesmo com o cansaço, “Comecei a viver mais para as minhas oito horas na usina do que para as horas de descanso. Sentia-me superior ao resto do mundo ..., certo de que nenhum deles dava tão duro como eu, ou enfrentava uma responsabilidade tão grande.”⁴

Um dia, Ashby disse que recebeu uma carta do seu primo, “Quando voltará você a ser um cidadão respeitável? Quando pretende deixar essa usina?”⁵ A sua resposta foi enviada após aumentar a produção da usina em plena noite de Natal.

Se eu pudesse transmitir a você o que sinto trabalhando aqui, você compreenderia melhor as minhas razões. Você devia fazer esta experiência também. (...) Você perguntava quando eu deixaria o aço pra me tornar um cidadão respeitável. Hoje sou mais respeitável que nunca. Mas para bem compreender o que digo, você precisaria subir a uma plataforma comigo, ver o aço correndo do forno e poderia dizer a si mesmo: ‘Eu ajudei a fazer isso!’⁶

Esta narrativa é destacada por mostrar o orgulho que Ashby sentia como operário. Este sentimento foi o resultado do envolvimento com o serviço, que resultou em sugestões capazes de melhorar a produção, e em extrema dedicação para superar as metas da empresa – mesmo em dias difíceis e feriados. O orgulho também foi resultado do reconhecimento dos colegas e da própria indústria, que promovia seus funcionários e pagava um salário superior ao dos trabalhadores de escritório. Esses sentimentos influenciaram a decisão de Ashby quando preferiu abrir mão da faculdade para continuar trabalhando na indústria que fez com que ele se sentisse um cidadão respeitável, a despeito da opinião de seu primo.

Como esta, várias narrativas que versavam sobre as condições de trabalho nos Estados Unidos destacavam a importância do envolvimento do operário com o seu trabalho. Quando os operários ajudavam a gerenciar a produção e sugeriam melhorias, eram recompensados e passavam a receber aumentos salariais e até uma participação nos lucros da empresa. Todos estes benefícios, segundo as informações contidas na revista, eram fruto do sistema capitalista. Por isto, a presença de reportagens sobre este tema mostravam a importância que a revista dava ao capitalismo. Uma delas, “Um capitalismo que interessa ao operário”⁷, explicava aos leitores o significado do socialismo e do capitalismo:

³ Ibid. p. 65

⁴ Id.

⁵ Ibid. p. 66.

⁶ Ibid. p. 66 e 67.

⁷ JOHNSTON, Eric. A. Um capitalismo que interessa ao operário. **Seleções do Reader's**

Em teoria, no regime socialista os cidadãos trabalham para o Estado, do qual recebem garantias de segurança contra as vicissitudes da vida. O Estado é o seu amo perpétuo, e eles, seus servos leais e felizes. No regime capitalista, pelo contrário, a teoria é de que os homens são cidadãos livres, ainda que trabalhem para outrem. Ninguém tem o direito de impor-lhes um emprego ou fixar limites à sua duração. Significa isso não ser possível impedir que um empregado se converta em patrão.⁸

A reportagem afirmava ainda que o capitalismo, plenamente desenvolvido nos Estados Unidos, era um sistema benéfico por garantir a livre iniciativa e permitir uma distribuição igualitária dos benefícios entre todos os cidadãos. Entretanto, era evidente que nem todas as pessoas poderiam ter os lucros resultantes das transações comerciais. “Se não podem estabelecer-se por sua conta, devem pelo menos ter o direito de associar-se a seus empregadores e partilhar das suas probabilidades de êxito”⁹ Por isto os empresários incentivavam a conversão das empresas norte-americanas em gerências mistas para integrar os interesses dos patrões e dos operários. Dentro deste sistema, os operários poderiam ajudar nas decisões dos patrões, contribuindo com a sua experiência de trabalho e interferindo, inclusive, nas questões referentes ao lucro da empresa.

A revista afirmava ainda que o espírito de iniciativa dos indivíduos era a base do regime capitalista e quanto mais fosse utilizado nas empresas, melhor seria para os operários, que poderiam receber os resultados através dos lucros. Segundo o autor da reportagem, esta era a principal vantagem que ajudaria o capitalismo na disputa com o socialismo.

Destacando a importância da cooperação entre patrões e operários, a reportagem mostrava que o sistema capitalista proporcionava benefícios para todos os cidadãos. Para que tal meta fosse alcançada, os próprios empresários estavam incentivando a participação dos operários na gerência e nos lucros da empresa. Esta era a maneira utilizada pelo capitalismo para beneficiar todos os trabalhadores. Caso o indivíduo tivesse ambição e livre iniciativa, era livre para tornar-se patrão e possuir o seu próprio negócio, ao contrário do sistema socialista, que, mesmo garantindo as necessidades dos indivíduos, mantinha uma estrutura rígida, onde todos serviam e dependiam do Estado.

As vantagens do capitalismo também foram tratadas em “Precisa-se: Um novo nome para *Capitalismo*”¹⁰, que destacou as transformações sofridas pelo capitalismo desde a sua criação. Segundo esta reportagem, “a redefinição de um simples vocábulo poderia ajudar a conter a expansão mundial do comunismo.”¹¹, pois os comunistas afirmavam que o capitalismo servia para alienar as pessoas e aumentar a pobreza por visar apenas o lucro. Entretanto, o único objetivo do capitalismo era “... proporcionar mais mercadorias e maior bem-estar a um número cada vez maior de pessoas.”¹² Por isto, o capitalismo reduziu a utilização de mão-de-obra escrava e infantil, diminuiu as horas de trabalho, melhorou o padrão de vida, quase resolveu o problema do

Digest, agosto de 1946, p. 69.

⁸ Id.

⁹ Ibid. p. 70.

¹⁰ NICHOLS, William I. Precisa-se: Um novo nome para *Capitalismo*. **Seleções do Reader's Digest**, agosto de 1951, p. 92.

¹¹ Id.

¹² Id.

desemprego e passou a preocupar-se mais com a segurança dos operários.

E a transformação continua. Gratificações, aposentadorias, reajustamentos, aumentos para atender à alta do custo de vida e outros meios de distribuir lucros vêm sendo adotados, sempre com o objetivo de dar a um número cada vez maior de pessoas uma cota cada vez maior da produção, sob a forma de salários mais altos, preços mais baixos ou produtos de melhor qualidade.¹³

Pelas informações da reportagem, o capitalismo melhorou tanto que deveria mudar seu nome para apoiar “a batalha mundial pela conquista do espírito dos homens”¹⁴. Este simples fato poderia enfraquecer o comunismo e as mentiras que ele difundia.

Ao destacar tantas transformações positivas trazidas pelo capitalismo para a sociedade, como a *redução* (e não o fim) da utilização de mão-de-obra infantil, a *quase* eliminação do desemprego e as crescentes gratificações *fornecidas* pelos empresários, a reportagem questionava as mentiras proclamadas pelos comunistas, já que o capitalismo não aumentava a pobreza. O mais interessante foi a sugestão dada pela reportagem para vencer a batalha contra o comunismo, como se apenas mudar o nome do capitalismo fosse suficiente.

Durante a Guerra Fria, os benefícios descritos pelas reportagens caracterizavam as propostas dos governos democráticos Ocidentais. Naquele momento histórico era necessário oferecer melhores condições de vida para a população com o intuito de evitar a presença e o crescimento das esquerdas em geral. Através destes benefícios, as promessas feitas pelo comunismo de estabelecer uma sociedade mais justa após a conquista do poder pela classe operária se deparavam com um contra-discurso, que associava distribuição de renda com expansão econômica.

Ao contrário do que transparece nas reportagens analisadas, nos Estados Unidos a maior preocupação dos empresários não era conter o avanço comunista. Ao invés disso, este grupo social queria conquistar os privilégios econômicos perdidos com a Depressão, diminuir a interferência do Estado na economia e enfraquecer o movimento operário.

Durante a década de 20, os empresários norte-americanos não tinham a interferência do Estado no comando dos negócios e agiam livremente nas resoluções dos problemas surgidos com os operários. Desta forma, reprimiam violentamente as greves, controlavam a presença dos sindicatos dentro das fábricas e esperavam que os trabalhadores fossem leais ao capitalismo e à livre empresa.

Com estes meios, os empregadores associaram os valores do negócio com os ‘tradicionalis’ valores americanos. Eles anunciaram um modo americano enraizado no individualismo, na independência, na liberdade e na harmonia social. A publicidade fazia com que o público igualasse estas idéias com o consumo ... O negócio também alcançou profundamente as instituições religiosas e educacionais.¹⁵

¹³ Ibid. p. 93.

¹⁴ Ibid. p. 94.

Com a crise de 1929, bancos quebraram, empresas faliram e várias pessoas perderam seus empregos e passaram a viver na miséria. Esta grave situação acabou com os privilégios econômicos e enfraqueceu a crença na iniciativa privada e nos bons resultados da economia, sustentados pelos empresários. Ao invés da liberdade e do individualismo, os operários passaram a privilegiar a justiça e a igualdade social, buscando apoio nos sindicatos e no governo. Assim, as empresas perderam o prestígio popular e começaram a sofrer restrições do governo, que passou a controlar a economia e a beneficiar os operários através da regulamentação dos salários e da carga horária e da garantia do direito à organização sindical, entre outros benefícios garantidos pela Lei Nacional de Relações Trabalhistas, conhecida como Lei Wagner. Como conseqüência, o sindicalismo norte-americano se fortaleceu e passou a lutar por seus direitos.

Este panorama não sofreu transformações com a chegada da Segunda Guerra Mundial, pois o Estado continuou a controlar a produção destinada à guerra e a necessidade de mão-de-obra fez com que os empresários perdessem o controle sobre os operários, que reivindicavam mais benefícios sociais.

Quando, em 1945 e 1946, os sindicatos norte-americanos mostraram a sua força em uma greve que envolveu mais de 5 milhões de operários, “a maioria dos empresários estava convencida de que os Estados Unidos estavam vivendo uma crise social, política e econômica. Isso era contra à pressuposição da comunidade empresarial norte-americana fortemente mobilizada para reduzir o poder do operariado na fábrica e tomar o controle do poder político.”¹⁶

Para recuperar os antigos privilégios econômicos, os empresários voltaram a defender a redução do controle estatal na economia e passaram a lutar para enfraquecer os sindicatos na sociedade e nas fábricas. Para defender a livre iniciativa e acabar com a interferência do Estado nas relações entre patrão e empregado, os empresários voltaram a influenciar a opinião pública para reforçar que a função do Estado em controlar a livre empresa passaria a ser desnecessária diante do crescimento econômico e dos benefícios alcançados por todos os cidadãos em um período interpretado como de prosperidade e abundância.

Resumidamente, a visão dos negócios ligava o sucesso econômico com a liberdade, o individualismo e a produtividade. Projetando esta visão, os empresários voltaram a alcançar a linguagem política dos anos vinte, mais uma vez associando o *American way* com uma sociedade harmoniosa e sem classes, nacionalista, com direitos individuais, livre empresa e crescente abundância a partir do aumento da produtividade.¹⁷

Para tanto, as associações dos empresários, como a Associação Nacional dos Industriais (*National Association of manufacturers* – NAM), passaram a divulgar uma imagem que destacava as boas relações estabelecidas entre patrão e operários, apresentando uma sociedade harmoniosa e abundante para quem seguisse os princípios da livre iniciativa. Os empresários também divulgaram estas imagens na própria empresa, em reuniões realizadas após o

¹⁵ FONES-WOLF, E. **Selling free enterprise**: the business assault on labor and liberalism, 1945-60, University of Illinois Press, 1994, p. 16. Esta citação teve a livre tradução da autora. Todas as citações de livros escritos em línguas estrangeiras foram feitas da mesma forma.

¹⁶ Ibid. p. 22.

¹⁷ Ibid. p. 5.

expediente, onde “pequenos grupos de trabalhadores assistiam seriados e participavam de discussões que focalizavam os valores e os símbolos associados ao *American way of life*, incluindo patriotismo, liberdade, individualismo, competitividade e abundância através da crescente produtividade.”¹⁸

Além de investir em uma doutrinação dos operários, os empresários difundiram as suas idéias nas escolas e nas Igrejas Protestantes para influenciar a opinião pública a favor dos seus interesses. Utilizaram também diversos meios de comunicação para transmitir as vantagens do capitalismo para a sociedade. O resultado foi a difusão destas idéias em programas de rádio e televisão, documentários, filmes destinados às massas, jornais e revistas semanais, panfletos, cartas e muitos outros materiais.

Dentre as publicações utilizadas, *Reader's Digest* vinculou textos sobre este tema não só na sua publicação norte-americana como também na revista brasileira. A maioria das reportagens destacava a importância de estabelecer relações agradáveis no ambiente de trabalho e incentivava a divisão de parte dos lucros entre os trabalhadores. Segundo a revista, estes métodos apresentavam resultados positivos para a empresa porque conseguiam resolver diversos problemas entre patrões e operários e serviam como um reconhecimento do esforço individual, fazendo com que o operário se identificasse com a empresa e passasse a produzir mais, como mostrava a narrativa “Agora sabem para quem trabalham”¹⁹. Em uma fábrica de veludo norte-americana, os anos de insatisfação com baixos salários e a ausência do proprietário no comando dos negócios, acrescidos de uma grave crise econômica, levaram os operários a organizar uma greve por melhores condições de trabalho.

O texto informava que, como os proprietários estavam insatisfeitos com a ação dos trabalhadores e não estavam dispostos a ceder, após dezesseis meses de greve decidiram fechar a fábrica. A situação dos trabalhadores também era desesperadora, pois há muito não recebiam e por isto se encontravam na mais completa penúria. O novo patrão, porém, começou a trabalhar com a divisão dos lucros e os operários conseguiram melhores salários e conquistaram alguns benefícios trabalhistas. Consequentemente,

Não tem havido greves, horas perdidas por desentendimentos, nem quaisquer arbitragens exteriores durante os seus 11 anos sob o regime de distribuição de lucros. (...) Os trabalhadores possuem casa própria, depositam dinheiro no banco semanalmente, mandam seus filhos para a universidade e gozam dos mais altos padrões de vida (...). A prosperidade é evidente em toda a cidade, progredindo com uma rapidez jamais vista em sua longa história.²⁰

O sucesso na resolução deste problema tornou-se um exemplo, pois “a divisão dos lucros é a maior resposta ao comunismo, socialismo e qualquer outro ismo que negue aos homens e às mulheres o direito de trabalhar e de falar livremente.”²¹

¹⁸ Id.

¹⁹ DRAKE, Francis e Katharine. Agora sabem para quem trabalham. **Seleções do Reader's Digest**, novembro de 1951, p. 62.

²⁰ Ibid. p. 66.

²¹ Ibid. p. 67.

De acordo com os interesses dos empresários, em vez de garantir uma base salarial para todos os operários era mais interessante que cada empresa tivesse o direito de pagar o salário e oferecer os benefícios que lhe conviesse. Daí o incentivo aos empresários implantarem a participação nos lucros mediante o envolvimento do trabalhador com propostas e idéias que melhorassem o processo produtivo. Este propósito era coerente à livre iniciativa e ao imaginário norte-americano, já que os Estados Unidos eram interpretados como o lugar onde a prosperidade era o resultado do esforço e da dedicação de cada cidadão, que recebia os méritos conforme o empenho em trabalhar melhor.

Além de evitar greves, a divisão dos lucros também era utilizada pelo discurso anticomunista para fortalecer o capitalismo e enfraquecer o comunismo, como mostra a reportagem “Que é lucro”²². Demonstrando uma preocupação com a opinião dos sindicalistas a respeito dos lucros das empresas, o autor explicou que lucro é “o rendimento líquido, depois de deduzidas todas as despesas inclusive os impostos pagos. O lucro não é, portanto, pago aos dirigentes de uma empresa. Estes recebem apenas os salários respectivos”²³. Por esse motivo o lucro não deveria ser condenável. Se fosse eliminado como no comunismo, o governo passaria a intervir nos sindicatos e a liberdade individual acabaria. Assim, os líderes trabalhistas deveriam compreender que o sistema de lucros também era um sistema de perdas, afinal o capital gasto poderia não ter o retorno pretendido.

As representações trazidas nas revista *Seleções* refletiam a preocupação dos patrões em manter os lucros das suas indústrias sem sofrer a interferência dos operários e do Estado. Ao sustentar a livre iniciativa através das negociações estabelecidas entre os patrões e os operários, a revista depreciou a interferência estatal e as greves na solução dos problemas trabalhistas, argumentando que elas acabavam com a liberdade individual.

Para garantir a eficácia deste projeto, os empresários apropriaram-se do discurso anticomunista. Neste, a ameaça comunista representava o fim da livre iniciativa e da liberdade individual porque controlaria a economia, o trabalho e a distribuição de renda para garantir os benefícios da classe trabalhadora. Desta forma, se os sindicatos e até mesmo o próprio Estado fornecessem benefícios aos trabalhadores com o estabelecimento de leis que controlassem o livre desenvolvimento do capitalismo e os salários dos operários, acabavam prejudicando o pleno desenvolvimento da sociedade norte-americana, que centralizava a sua tradição na liberdade política e econômica e no desenvolvimento pessoal.²⁴

Em paralelo a tais reportagens, *Seleções* freqüentemente escrevia sobre as condições de trabalho na União Soviética. Valendo-se de narrativas de viajantes e exilados, a revista denunciava as péssimas condições de vida e de trabalho que todas aquelas pessoas experimentavam sob o regime comunista, buscando desconstruir o mito da revolução e legitimar o capitalismo e a livre iniciativa. A exemplo, destacamos duas reportagens.

²² LAWRENCE, David. Que é lucro. **Seleções do Reader's Digest**, outubro de 1952, p. 94.

²³ Id.

²⁴ De acordo com FONES-WOLF, op. cit. p. 6.

A primeira, “Paraíso dos operários”²⁵ descreveu a vida dos trabalhadores que viviam em países dominados pela União Soviética. A justificativa para este governo era de exercer o poder em nome dos trabalhadores, mas ao contrário do que a propaganda governamental afirmava,

O trabalhador (...) é obrigado a trabalhar mais, e mais horas, por menor salário. Se deixa de produzir a sua quota de trabalho, é punido com severidade. Não pode fazer greve. Não pode nem protestar respeitosamente contra uma decisão do seu empregador, que é o Estado onipotente. Sua promoção depende, não de sua perícia como artífice, ou de sua iniciativa, mas de sua habilidade de fazer crer aos superiores que é um servidor devotado da causa soviética.²⁶

Na Hungria, país dominado pelo regime soviético, os trabalhadores eram vigiados todo o tempo pela polícia política e ainda eram obrigados a contribuir para aumentar os fundos do Partido Comunista através da “subscrição popular” (cota recolhida mensalmente dos salários dos trabalhadores para o Partido). A diminuição drástica dos salários tornava impossível para os trabalhadores manterem o padrão de vida que tinham antes da ocupação soviética. Com a alta dos preços, “o operário mal pode comprar hoje a comida que é concedida pelo cartão de racionamento (com uma única refeição boa por semana), pagar o aluguel duma moradia que há cinco anos ele não teria considerado habitável, e substituir as roupas que lhe caem do corpo aos pedaços.”²⁷

Duas vezes por semana os trabalhadores também eram obrigados a assistir a “seminários operários”, organizados pelos sindicatos, que realizavam palestras sobre as vantagens do Comunismo e os *horrores* do Capitalismo. Numa destas reuniões, um líder sindical “afirmou que o operário norte-americano ... é um pobre mendigo explorado, que vegeta em condições pouco superiores à escravidão.”²⁸ Repleto de comunistas, os sindicatos deixaram de defender os direitos dos trabalhadores e passaram a obedecer às ordens soviéticas.

Sem liberdade para escolher os líderes sindicais nem os líderes políticos, muitos húngaros começaram a fugir para a Áustria. Um deles, arrependeu-se de ter sido um comunista. “Que tolos que fomos em não percebermos que estávamos trocando um padrão com o qual podíamos discutir, por um padrão que

²⁵ NAGY, Ferenc. Paraíso dos operários. **Seleções do Reader's Digest**, agosto de 1949, p. 75.

²⁶ Id.

²⁷ Ibid. p. 77.

²⁸ Ibid. p. 76

nos faz frente com os *cassetetes* dos policiais e com a metralhadora, sempre que abrimos a boca.”²⁹

Em reportagens como esta, fazia-se questão de destacar que o regime comunista não oferecia nenhum benefício ao trabalhador. Longe de realizar as promessas de ser o *paraíso dos operários*, os comunistas doutrinavam os operários com mentiras e exigiam contribuições para o Partido, diminuindo o salário já insuficiente. As pessoas trabalhavam mais horas do que no regime Ocidental, não podiam reivindicar melhores salários nem melhores condições de vida, simplesmente porque não tinham direito à liberdade de expressão. Sofriam as injustiças de um regime que privilegiava a delação, a mentira e a dedicação cega a um ideal político como mérito para promoções e viviam sobre constante pressão política.

As reportagens reforçavam a existência de um controle moral e político que os comunistas exerciam sobre os trabalhadores. Se eles não produzissem a cota diária estipulada, não receberiam o valor combinado e começariam a ser vigiados pela polícia secreta russa. Da mesma forma, se eles não freqüentassem os cursos doutrinários do partido, não teriam nenhum benefício e seriam perseguidos.

A reportagem “Se você trabalhasse na Rússia Soviética”³⁰, reforçou estas informações. Nela, alguns fugitivos, entre eles um operário, um gerente de fábrica e um contra mestre, relataram as suas “terríveis” condições de trabalho. A imagem utilizada como âncora (Figura 03) reforçou ainda mais o controle político do Estado em relação aos trabalhadores através da utilização de fios presos aos operários. Isto faz referências aos marionetes, bonecos que são manipulados através de fios presos em partes do seu corpo. No caso desta imagem, os trabalhadores, manipulados pelo governo soviético, representado pela grande mão, mostram que não têm liberdade porque são manipulados.

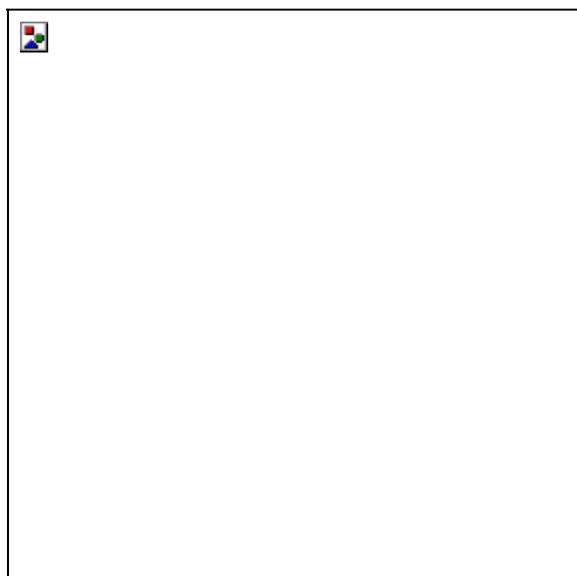


Figura 3

²⁹ Ibid. p. 79.

³⁰ Se você trabalhasse na Rússia Soviética. **Seleções do Reader's Digest**, agosto de 1951, p. 85.

Nesta reportagem, o operário Ivan informou que recebia salário baixo, pois este sofria uma série de descontos:

Dois e meio por cento de impostos governamentais, dois por cento de impostos culturais (que compreendiam serviços médicos) e o desconto especial de dez por cento para a conclusão dos Planos Quinquenais – um empréstimo ‘voluntário’ ao governo. E havia ainda sempre descontos ‘voluntários’ especiais: para a China comunista e até para os norte-americanos desempregados.³¹

Ivan também disse que na sua carteira de trabalho estava registrada a sua dedicação ao Partido e as suas ações dentro da fábrica. Caso ele, por algum motivo, chegasse atrasado, sofreria o julgamento de um Tribunal Popular e teria que fazer trabalho forçado na própria fábrica, recebendo apenas 25 por cento do salário. Caso isso acontecesse por mais duas vezes, ele seria enviado a um campo de trabalhos forçados, lá ficando por seis anos.

Nicolas, um gerente de fábrica, contou que as cotas de produção não eram estabelecidas pelos seus diretores e gerentes, mas sim por um ministério especial e, mesmo que estas cotas fossem muito altas, deveriam ser produzidas a todo custo. Ele disse ainda que os seus funcionários poderiam fazer queixas para o sindicato, entretanto, “...são poucas as queixas, e essas giram sempre em torno de casos pessoais, como, por exemplo, de ter o contramestre sido injusto na distribuição de ferramentas ou materiais. Nem uma só vez o comitê decidiu a favor do operário.”³²

Boris, o contramestre, falou que na União Soviética os trabalhadores dificilmente davam sugestões para melhorar a produção, pois “... a gente tem medo de correr ‘risco técnico’. Suponhamos que um engenheiro ou um contramestre descubra um novo método de fazer alguma coisa, e que o método não dê certo. Imediatamente ele será acusado de sabotagem e poderá acabar num campo de trabalhos forçados pelo resto da vida.”³³

Além de não terem o apoio dos sindicatos para exigirem melhores condições de trabalho, os trabalhadores russos não tinham liberdade para sugerir melhorias no sistema produtivo com medo de serem julgados e condenados à escravidão.

Na União Soviética ainda funcionavam campos de concentração, onde principalmente os presos políticos trabalhavam em regime de escravidão. A denúncia desta situação foi o tema de diversos textos de *Seleções*. Dentre eles, a narrativa que melhor descreveu a situação dos trabalhadores escravos chamava-se “Fui escravo dos soviéticos”³⁴, que em 22 páginas descreveu as experiências de John H. Noble, condenado em 1946 a 15 anos de prisão pela polícia soviética. Sem ter um julgamento justo, John ficou sob a guarda da MVD (Polícia Secreta Russa) por 9 anos e meio sem ao menos saber o motivo de sua condenação. Antes de retornar aos Estados Unidos, nos quatro últimos anos ele foi trabalhador escravo no campo de Vorkuta, sofrendo pelas condições precárias de trabalho, de alimentação e de vida.

³¹ Ibid. p. 85 e 86.

³² Ibid. p. 88.

³³ Id.

³⁴ NOBLE, John H. Fui escravo dos soviéticos. **Seleções do Reader's Digest**, maio de 1956, p. 181.

Cercado por arame farpado e vivendo “como animais”³⁵ os escravos trabalhavam nas minas de carvão conhecidas como “a terra da morte branca”³⁶, em virtude da neve que se acumulava nas montanhas e do frio. Este era um dos piores inimigos dos prisioneiros que eram obrigados a trabalhar em temperaturas inferiores a 40 graus negativos. Muitos deles morreram constantemente de doenças provocadas pelas baixas temperaturas.

Os próprios policiais soviéticos não gostavam desse lugar, pois sofriam com as saudades da vida em Moscou e, “com exceção de um homem, todos eles estavam longe de ser comunistas fanáticos. O Partido era para eles simplesmente um meio de fazer carreira. Poucos alimentavam qualquer ideal em relação ao comunismo.”³⁷

A rotina diária naquele “purgatório” era extremamente cansativa. Após uma refeição matinal, os escravos caminhavam dois quilômetros e meio para chegar nas minas de carvão e trabalhavam em “uma escavação primitiva, onde quase não existia equipamento moderno e não se tinha qualquer noção de segurança. Quase toda semana havia desabamentos.”³⁸ Não havia uma vigilância muito rígida sobre o desenvolvimento do trabalho dos escravos. Entretanto, todos eles deveriam cumprir uma cota diária de serviço, também chamada de “... norma comunista, mais diabólica do que qualquer senhor de escravos do tempo antigo. (...) Os que não cumpriam as suas normas eram submetidos a rações de castigo, de menos da metade da dieta normal.”³⁹ Segundo o autor, esse sistema transformava-se em um círculo vicioso, pois a alimentação já era normalmente precária para o ritmo de trabalho exercido.

O desgaste físico e emocional era tão grande que os prisioneiros se auto mutilavam para não trabalharem mais:

Um prisioneiro asiático, um calmuco de ar feroz, estava de pé no centro do salão, com uma machadinha na mão esquerda. (...) Colocando a mão direita sobre um tamborete, ele gritou: - Demônios russos! De mim vocês não terão mais trabalho! Ao soarem estas palavras, a machadinha desceu violentamente e atingiu a mão pouco acima das articulações, decepando os quatro dedos desde a base. Com os olhos brilhantes de contentamento, o calmuco enrolou dois trapos sujos no que lhe restava da mão e arrastou-se de novo para a sua prateleira. (...) Outros esfregavam terra em ferimentos causados de propósito, ou pediam a amigos que lhes esmagassem os pulsos com cacetes. Alguns eram transferidos, outros apenas recebiam pesadas penas carcerárias por “sabotagem”⁴⁰

Até mesmo os soldados comunistas não estavam isentos destes atos. Cansados de não terem liberdade nem para escolher a própria profissão, também cometiam atos violentos, chegando ao suicídio: “Muitos dos guardas estavam igualmente fartos (...) Este inverno dez rapazes que estavam de guarda na tundra se suicidaram.”⁴¹

³⁵ Ibid. p. 195.

³⁶ Ibid. p. 182.

³⁷ Ibid. p. 198.

³⁸ Ibid. p. 195.

³⁹ Ibid. p. 190.

⁴⁰ Ibid. p. 192.

⁴¹ Ibid. p. 201.

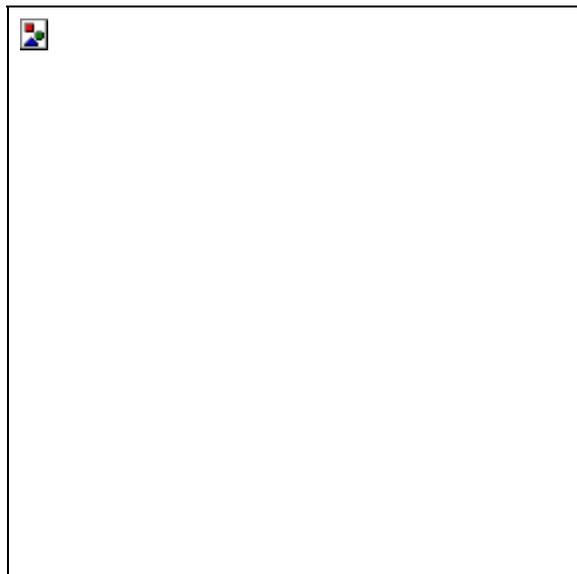


Figura 04

Entretanto, um fato marcou a experiência traumática do autor, uma greve feita em 1953 quando os cem mil escravos pararam de trabalhar e expulsaram os soldados do campo de Vorkuta. Durante quatro dias, os prisioneiros, entre eles padres, ministros protestantes e líderes políticos dos países ocupados do Leste Europeu, controlaram Vorkuta. Após este período, a greve acabou com centenas de feridos e dezenas de mortos, numa brutalidade gigantesca. A imagem colocada na primeira página da reportagem (Figura 04) apresentava o momento da tomada do campo pelos soviéticos onde, escondido atrás de um dormitório, Noble assistia o assassinato dos seus colegas.

As representações presentes nesta história sustentavam que os presos políticos sofriam com o frio da região, não tinham condições de trabalhar e viver em segurança e tinham grandes dificuldades em cumprir as altas cotas de serviço. Tal condição de vida era tão insuportável para alguns presos que preferiam perder uma parte do corpo para não ser comandado por um comunista. Atitudes desesperadoras não era exclusividade dos escravos, pois até mesmo os soldados que trabalhavam no campo acabavam com a própria vida para não trabalhar naquele lugar.

Por outro lado, nas reportagens e nas narrativas presentes nas revistas *Seleções*, trabalhar nos Estados Unidos era, no mínimo, recompensador. No sistema capitalista, os operários recebiam bonificações quando melhoravam o sistema produtivo e ganhavam participação nos lucros conforme as propostas das empresa. A diferença entre estes dois mundos foi explorada pelos empresários norte-americanos para valorizar o sistema capitalista e, indiretamente, diminuir a interferência governamental na economia. Pois, segundo os seus argumentos, se ela não fosse controlada, traria o comunismo para a sociedade Ocidental.

Estas representações também foram úteis à política externa do governo norte-americano. Nos primeiros anos da Guerra Fria era importante fortalecer os pontos positivos do capitalismo e denegrir as promessas comunistas de lutar pela liberdade de todos os operários do mundo. Vinculadas não só nos Estados Unidos como no Brasil, estas propagandas anticomunistas estavam presentes em todos os países que foram influenciados pelos norte-americanos a partir do

pós-guerra através de revistas, filmes, artigos de jornais, programas de rádio e em outros meios de comunicação.

Os textos que valorizavam a livre iniciativa, a liberdade econômica e os ganhos resultantes da produção de mercadorias também não eram estranhos para a sociedade brasileira. No mesmo período os empresários brasileiros também estavam preocupados com a crescente interferência estatal na economia e com a possibilidade de uma transformação social resultante das reivindicações das classes populares.

Em Curitiba, por exemplo, as elites econômicas também incentivavam os empresários locais a estabelecerem melhores condições de trabalho para os seus funcionários com o intuito de evitar as greves e enfraquecer os movimentos sociais. Para tanto, os empresários paranaenses utilizaram-se do discurso anticomunista para influenciar a opinião pública a respeito do perigo de uma infiltração comunista dentro do movimento operário e dos grupos que exigiam reformas sociais e promoviam as greves.

Entre os anos de 1947 e 1964 a pressão por reformas políticas, sociais e econômicas, feitas pelos movimentos sociais do campo e da cidade se fortalecia porque encontrava uma movimentação política favorável. Assim, podia lutar pelo desenvolvimento nacional e pela modernização do país através de reformas sociais que proporcionassem melhores condições de vida para toda a sociedade brasileira. Esta movimentação, que se destacou durante a presidência de Getúlio Vargas e de João Goulart, contava com o apoio do próprio governo, que tentava implantar reformas sociais capazes de beneficiar as classes médias e trabalhadoras, e de fortalecer a autonomia econômica brasileira frente aos Estados Unidos.

Estas propostas se confrontavam com os interesses das elites econômicas curitibanas que, preocupadas com o fortalecimento dos movimentos sociais, começavam a buscar medidas que assegurassem seus privilégios políticos e econômicos. Nesta empreitada, a Federação do Comércio e a Associação Comercial do Paraná começaram divulgar entre os empresários curitibanos algumas medidas capazes de conter as reformas sociais e manter a ordem vigente. Através de reportagens publicadas em revistas destinadas aos empresários, começavam a divulgar a importância de manter “espírito de cooperação” e “um clima de paz social” nas relações entre os patrões e os trabalhadores. Esta seria a melhor solução para evitar as greves e os movimentos sociais, que estavam sofrendo a influência comunista.

Os empresários também criticavam as ações governamentais que beneficiavam os trabalhadores, como a Legislação Trabalhista da Constituição de 1946 que legalizava as greves, e que justificavam a intervenção estatal na economia. Por isto, defendiam a livre iniciativa e denunciavam as intervenções estatais como práticas capazes de implantar o comunismo no Brasil.

Desde a década de 50, em diversos momentos as elites econômicas buscaram disseminar o “alarme do comunismo” na sociedade brasileira, na perspectiva de desmoralizar as greves, os movimentos sociais e até as propostas consideradas comprometedoras para seus interesses particulares, como ocorreu com o nacional-reformismo durante todo o período 1945-1964. Percebe-se que houve uma ansiedade crescente, por parte das lideranças dos grupos econômicos locais, por buscar conscientizar sua coletividade sobre a necessidade de tomada de posição frente às greves, às eleições e às práticas governamentais. Amplificava-se o caráter mobilizatório do imaginário anticomunista em

função da busca por construir a coesão dos grupos econômicos em torno da defesa de suas crenças e interesses particulares.⁴²

A análise do imaginário anticomunista presente na sociedade paranaense entre os anos de 1947 e 1964 foi o objeto de estudo da pesquisa realizada por Andrea Wozniak Giménez em sua dissertação de mestrado chamada *O medo da “Revolução Social” na “Terra dos Pinheirais”*. Além dos grupos empresariais, Giménez também analisou o discurso anticomunista dos grupos católicos tradicionais, que foram os principais difusores dos medos em relação ao comunismo, bem como os principais mobilizadores sociais para a causa anticomunista. Além do contexto nacional, os grupos católicos curitibanos desejavam manter a influente posição na sociedade local e se posicionavam diante da pressão por reformas sociais que combatessem o avanço comunista. A pesquisa estendeu-se ainda sobre a análise das ações desenvolvidas pela sociedade paranaense diante da ameaça comunista.

Tanto os empresários brasileiros como os norte-americanos, procuraram fortalecer os valores de liberdade, de livre iniciativa e de abundância junto à opinião pública e valeram-se do discurso anticomunista para enfraquecer o controle do Estado na economia e para garantir os seus benefícios políticos e econômicos. Entretanto, o trabalho ainda não estava completo.

2.2 A harmonia entre patrões e operários

Outra questão que esteve constantemente em *Seleções* quanto às relações de trabalho norte-americanas referiam-se às reivindicações dos operários e ao papel que o sindicato deveria desempenhar naquela sociedade. Os textos publicados descreviam a preocupação dos empresários com as reivindicações dos operários sobre os salários e as horas trabalhadas, com a atuação dos sindicatos na resolução destes problemas e com a qualidade do serviço oferecido pelos trabalhadores.

Esta preocupação justificava-se no crescimento da força sindical nos Estados Unidos durante a década de 30 e na pressão realizada pelos sindicatos para exigir do governo aumentos salariais e direitos trabalhistas garantidos por lei nos anos 40.

Nos anos 30, o presidente Roosevelt, membro do partido Democrático, promulgou diversas leis que beneficiaram as organizações sindicais, como a Lei Norris – LaGuarda de 1932, que dificultava a emissão de interditos judiciais emitidos contra as organizações trabalhistas e tornavam ilegais os contratos *yellow-dog*, a partir do qual o empregador exigia que o trabalhador não ingressasse nos sindicatos para ter a garantia do emprego.⁴³

Ainda nos anos 30 o governo norte-americano tentou garantir a organização dos

⁴² GIMÉNEZ, Andrea W. **O medo da “Revolução Social” na “Terra dos Pinheirais:** imaginário anticomunista na sociedade curitibana (1947-1964). Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR. Curitiba, 2003. p. 171.

⁴³ Conforme MARSHALL, F. Ray; RUNGELING, Brian. **O papel dos sindicatos na economia norte-americana.** Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1976, p. 58.

trabalhadores em sindicatos que poderiam negociar sem sofrer interferência dos empregadores, na seção 7A da Lei Nacional de Recuperação Industrial de 1933. Apesar do esforço do governo, esta lei foi declarada inconstitucional pela Corte Suprema dos Estados Unidos em 1935, que na época tinha a maioria republicana. No mesmo ano, o Congresso aprovou a Lei Wagner, que “sustentava que os empregadores contribuíram para as greves e as recessões nos negócios ao se recusarem a negociar coletivamente.”⁴⁴

A partir deste momento os empresários deveriam negociar com os sindicatos escolhidos pelos seus empregados. Isto fortaleceu o poder de negociação dos sindicatos, que conquistaram maior liberdade para organizar-se coletivamente e conseguiram atrair a opinião pública a seu favor.

A opinião pública retirava seu apoio ao *big business*, já que muita gente acreditava que os empregadores eram quem tinham causado a Grande Depressão da década de 1930. A opinião pública apoiava a idéia de que o homem trabalhador individual merecia melhor descanso e talvez somente através de sua união numa causa comum como um sindicato o trabalhador teria voz ativa no setor patronal.⁴⁵

No pós-guerra, o amparo legal e o apoio da sociedade aos sindicatos diminuiu drasticamente depois que diversas greves organizadas pelos sindicatos aconteceram nos anos de 1945 e 1946. Durante a guerra, os sindicatos se comprometeram a não fazer greves para não prejudicar a produção destinada à guerra. Para efetivar este acordo, o governo controlou, no mesmo período, o aumento de preços dos produtos industrializados. No final da guerra, a alta de preços fez com que os sindicatos entrassem em greve, solicitando aumentos salariais correspondentes à inflação.

É neste contexto que os empresários, representados pelas suas Associações, começam a agir para controlar o poder dos sindicatos ligados à indústria. Em 1947, várias leis anti-sindicalistas foram promulgadas em diversos estados e, mesmo com o veto do presidente Harry Truman (1945-1952), a Lei Talf Hartley foi aprovada pelo Congresso, agora em maioria Republicana, que

declarou ilegal os estabelecimentos industriais que admitiam somente empregados sindicalizados e boicotes secundários, manteve os sindicatos responsáveis pela inadimplência do contrato e danos devidos a greves entre sindicatos rivais que competiam por grupos específicos de trabalhadores, legalizou injunções contra greves que colocassem em risco a prosperidade e segurança nacionais, obrigou trabalhadores na eminência de greve a cumprir um período de negociação (“cooling-off”) de sessenta dias e exigiu que os líderes sindicais fizessem um juramento de não comunista.⁴⁶

Ao mesmo tempo, para evitar novas transformações nas relações de trabalho que prejudicassem os seus interesses, os empresários norte-americanos estavam difundindo uma nova solução para os problemas trabalhistas que poderia ser alcançada sem a utilização das greves. Era basicamente uma tentativa de estabelecer o trabalho conjunto entre sindicatos e

⁴⁴ Ibid. p. 59.

⁴⁵ Ibid. p. 58.

⁴⁶ DIGGINS, John Patrick. **The proud decades**. America in war and peace, 1941-1960. New York, W. W. Norton & Company, 1989, p. 101.

patrões.

Alguns grupos sindicais, e mesmo parte dos trabalhadores, não acreditavam que as greves eram a melhor solução para os problemas trabalhistas. Escrita por um líder sindical da Federação Americana do Trabalho – AFL, a reportagem “Os operários não fazem greve por prazer”⁴⁷, explicava aos empresários que as greves poderiam ser evitadas se eles demonstrassem interesse pelos problemas dos seus funcionários.

Segundo a reportagem, muitos proprietários preocupavam-se apenas com a produção e a venda da mercadoria. Os seus funcionários eram “pouco mais que máquinas vestidas de macacões”⁴⁸ que recebiam salários insuficientes para o sustento de uma família. Como não se interessavam pelo operário, a única forma destes serem ouvidos era através das greves. Entretanto, esta não era a solução desejada pelos operários. “Em geral os operários sindicalizados não são radicais exaltados, e não estão dispostos a perder dias de salário e caminhar em linhas de piquetes, a menos que sejam suas condições de trabalho ... intoleráveis.”⁴⁹

Nas empresas onde não havia demissões arbitrárias, onde os empresários pagavam bons salários, ofereciam benefícios e tornavam o ambiente de trabalho agradável, os trabalhadores não faziam greves e nem se envolviam com os sindicatos. Por isto era importante que o empresário compreendesse quais eram os descontentamentos dos operários e para atender às suas solicitações. O autor ressalta ainda que

É verdade que algumas greves são provocadas, não por questões tais como conflitos de jurisdição entre sindicatos, protesto contra decisões governamentais, influência comunista, etc. (...) Muitos patrões e muitos observadores vêem sinistras tendências políticas em simples e legítimas solicitações de salários menos exíguos e de melhores condições de trabalho. Os que pensam que o operariado em geral está procurando minar o sistema capitalista, devem lembrar-se de que os trabalhadores estão reclamando apenas uma participação maior e mais eqüitativa nesse mesmo sistema.⁵⁰

Das reportagens que tratavam da função do sindicato na resolução dos problemas trabalhistas, esta tem uma conotação especial. Escrita por um líder sindical da AFL, a reportagem apresentava um posicionamento favorável às negociações estabelecidas entre os operários e os seus patrões e acreditava que as greves deveriam ser a última tentativa para o operário lutar pelos seus direitos.

Desde o final do século XIX, quando foi fundada, a AFL já defendia o mesmo posicionamento. Organizando sindicatos regionais, a AFL “interessava-se principalmente pelos salários e pelas condições de trabalho dos associados dos sindicatos a ela filiados.”⁵¹ Por isto, em oposição às ideologias do período, como o anarquismo, o sindicalismo e o socialismo, a AFL não se envolvia em projetos utópicos, grupos revolucionários e mesmo com intelectuais.

A AFL também sofreu influência do imaginário social norte-americano quando valorizava a

⁴⁷ McINTYRE, Marty. Os operários não fazem greve por prazer **Seleções do Reader's Digest**, setembro de 1947, p. 32.

⁴⁸ Id.

⁴⁹ Id.

⁵⁰ Ibid. p. 34.

⁵¹ MARSHALL, op. cit. p. 48.

autonomia e a liberdade, já que era contrária a participação do Estado na resolução dos problemas trabalhistas⁵². Por isto, sempre priorizou solucionar os problemas dos ‘trabalhadores filiados através da negociação com os patrões. Uma das suas primeiras propostas era a utilização do “salário consciente (wage consciousness), uma filosofia que incentivava o pagamento de benefícios para os trabalhadores como meio de transformação social.⁵³

Com propostas como esta a AFL tornou-se o maior sindicato norte-americano e recebeu o apoio da maioria dos trabalhadores, porque priorizava as questões sociais, conseguindo afastar definitivamente a presença do comunismo nas suas federações. Isto agradou tanto os trabalhadores, que estavam interessados em receber melhores salários e queriam afastar-se da política, como os empresários, que preferiam negociar com os trabalhadores ao invés de sofrer as conseqüências de uma legislação trabalhista.

A AFL também apoiou diversas campanhas lideradas pela NAM para enfraquecer o Congresso das Organizações Industriais – CIO, associação de sindicatos rivais, ligado aos operários industriais, que tinha um posicionamento político mais radical. A AFL chegou até a apoiar a promulgação da lei Talf-Hartley, argumentando a necessidade de defender a liberdade, a democracia e o homem livre, diante da expansão do comunismo.⁵⁴

Por estes motivos que a reportagem indicava que a melhor solução para os problemas trabalhistas deveria ser alcançada através do reconhecimento do trabalhador, materializado no pagamento de melhores salários, na estabilidade, no pagamento de benefícios e no estabelecimento de um ambiente agradável para o operário. Se estas medidas fossem colocadas em prática, não haveria greves.

A reportagem comentou sobre a existência de algumas greves motivadas por problemas políticos ou ainda por influência comunista, mas ele destaca que esta atitude não predominava, pois para muitos trabalhadores as greves eram só uma forma de alcançar melhores condições de vida.

Como aponta a reportagem, existia uma ligação do movimento trabalhista norte-americano com o comunismo. Entretanto, esta não era uma ligação forte, pois poucas associações de trabalhadores permitiam a presença de comunistas, como o CIO. Ele era a segunda associação de sindicatos mais atuante nos Estados Unidos entre a segunda metade da década de 30 e o início dos anos 50 e, ao contrário da AFL, tinha uma participação política e partidária mais radical, e permitia o envolvimento de intelectuais nos seus sindicatos.

O CIO foi fundado em 1935 por um grupo dissidente da AFL que organizou os operários industriais semi-especializados e não-especializados. Além de agregar trabalhadores que não despertavam o interesse da AFL, o CIO defendia a assistência governamental e participava

⁵² A tentativa de conseguir benefícios para os trabalhadores sem contar com o apoio legislativo e governamental diminuiu no início do século XX, depois que a AFL sofreu diversas interdições que dificultavam as suas ações. A partir de então ela passou a lutar por amparo legal, mas manteve o afastamento da política partidária.

⁵³ Conforme HAYNES, J. **Red scare or red menace?** American communism and anticommunism in the Cold War era. Chicago, Ivan E. Dee, 1996., p. 111.

⁵⁴ O apoio que a AFL deu a NAM para enfraquecer o CIO foi analisado por FONES-WOLF, op. cit. p. 44 e seguintes.

ativamente da política norte-americana, principalmente no apoio dado aos candidatos do Partido Democrático.

A preocupação com a infiltração de membros do Partido Comunista e espões nos sindicatos e nas indústrias começou em 1945. Neste ano, o governo canadense prendeu vinte e duas pessoas acusadas de levar informações sobre os Estados Unidos e a Inglaterra para a NKVD (Polícia Secreta Soviética). Com estas informações o governo norte-americano, através da *Congress's House UnAmerican Activities Committee* (HUAC) passou a investigar vários setores da sociedade, como o governo, os sindicatos, o cinema e as universidades, para evitar a espionagem e barrar presença de comunistas.⁵⁵

A existência de poucos comunistas no CIO foi um importante instrumento utilizado a favor dos empresários⁵⁶ que, no contexto da Guerra Fria, anunciaram este fato como uma ameaça nacional. Utilizaram o discurso anticomunista para defender as soluções pacíficas nas relações trabalhistas e descartar as ações mais radicais dos sindicatos ligados ao CIO, tratando destas metas como um assunto de fundamental importância para o país, à medida que elas enfraqueciam o movimento comunista norte-americano. A força destas acusações acabaram enfraquecendo o CIO, que perdeu prestígio entre os trabalhadores mesmo quando denunciou todos os comunistas infiltrados. Como consequência, em 1955, o CIO uniu-se a AFL.

Como os empresários tinham o apoio da AFL, não pretendiam invalidar a função de todos os sindicatos na sociedade. Ao invés disto, buscavam fixar acordos de cooperação, onde os sindicatos ficavam responsáveis por controlar a produção e resolver as questões trabalhistas através de diálogos e negociações, recursos estes mais eficientes que as greves. Em contrapartida, os empresários se comprometiam a oferecer benefícios, como a participação nos lucros, promoções e estabilidade de emprego, mediante a contribuição dos operários com idéias para o aumento da produção.⁵⁷ Por este motivo, as narrativas sobre as relações trabalhistas afirmavam que as negociações deviam ser a ferramenta mais importante na solução dos problemas relacionados ao trabalho, pois apenas elas conseguiam trazer benefícios para todos.

As vantagens resultantes do trabalho em conjunto desenvolvido pelo patrão e pelo sindicato foi o tema da reportagem “Como ganhar dinheiro *com* os operários”⁵⁸. A Empresa *Continental Paper Co.* tinha muitas dificuldades para fazer com que os operários economizassem a matéria-prima utilizada no processo produtivo. Além disso, não havia condições de cumprir as freqüentes correções salariais exigidas pelo sindicato.

Para evitar mais uma correção salarial, a empresa “persuadiu o sindicato a retirar as novas reclamações de aumento de salário e aceitar um contrato que garantia aos empregados 30,51% do valor em dinheiro acrescentado pelo seu trabalho.”⁵⁹ Com o apoio do sindicato, foi implantado o ‘Plano de Participação’ que rendia aos operários quase o dobro das correções

⁵⁵ In.: DIGGINS, op. cit., p. 111.

⁵⁶ SELLERS, C. et. al. **Uma reavaliação da História dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1990, p. 327 et seq.

⁵⁷ Fones-Wolf, op. cit., p. 68.

⁵⁸ HEATH, S. Burton. Como ganhar dinheiro *com* os operários. **Seleções do Reader's Digest**, dezembro de 1948, p. 55.

⁵⁹ Ibid. p. 56.

salariais exigidas pelo sindicato. Para conseguir tal valor, os operários deveriam economizar a matéria-prima e encontrar uma utilidade para as sobras da produção. Do valor adquirido, 30,51% era repassado aos operários. “Dessa importância, metade é paga em dinheiro e metade sob a forma de seguro e de direito a pensão anual”⁶⁰, que poderia ser revertida em uma aposentadoria ou em um poupança, necessária se o operário fosse demitido antes de completar 65 anos. A parte destinada ao seguro transformava-se em um fundo de reserva que poderia ser utilizado pela empresa para pagar horas extras ou o salário dos operários quando estes não produziram o suficiente para cobrir o salário básico.

A partir da adoção deste plano, as greves acabaram e os operários aumentaram a produção. A reportagem finalizou destacando o exemplo da empresa Continental, que conseguiu resolver os problemas com os operários, a partir do momento em que todos começaram a ganhar em conjunto. Desta forma, “Não há necessidade de medidas disciplinares.”⁶¹

Segundo a reportagem, a cooperação do sindicato dos operários e da empresa trazia benefícios para todos. Os operários conseguiam adquirir ganhos maiores do que a proposta inicial do sindicato e os empresários conseguiam fazer com que os operários economizassem a matéria-prima e conseguissem reverter em lucro o material desperdiçado durante a produção. O resultado foi a diminuição dos custos, o aumento da produção e o estabelecimento de um fundo de reserva que poderia ser gasto para pagar despesas esporádicas, como baixa produtividade e horas extras. Daí a importância dos empresários conseguirem o apoio dos sindicatos para aumentar o lucro da empresa.

Quando os empregados não estavam satisfeitos com o ambiente do serviço ou com os salários, o sindicato deveria ter um papel conciliador para evitar conflitos, paralisações na produção e greves. Por isto, todos os textos sobre a convivência entre os patrões e empregados defenderam a idéia de que os sindicatos, e até os próprios empresários, buscassem apaziguar os problemas surgidos no cotidiano da empresa. Quando eles não eram resolvidos dentro da fábrica, cabia ao sindicato encontrar a melhor solução para ambos os lados.

Em dezembro de 1947 a reportagem “Um árbitro salomônico”⁶² apresentou um bom exemplo desta relação. Ela contava a história de Harry Shulman, professor catedrático da Universidade de Yale, que trabalhou como juiz nas pendências cotidianas da fábrica Ford. Nos últimos três anos, ele julgou mais de três mil casos e ficou conhecido pelo seu bom senso em resolver os problemas trabalhistas. Desta forma, garantia a ordem da rotina diária e evitava greves e divergências entre patrões e empregados.

O juiz era pago pela empresa e pelo sindicato e conseguiu tal posição graças ao sistema de arbitragem entre as partes que era “um modo rápido de decidir litígios. O operário continua trabalhando enquanto se processam os detalhes”⁶³

Em alguns casos, Shulman chegou a opor-se a demissões, as quais que considerou

⁶⁰ Id.

⁶¹ Ibid. p. 58.

⁶² GALTON, Laurence. Um árbitro salomônico **Seleções do Reader's Digest**, dezembro de 1947, p. 81.

⁶³ Ibid. p. 85.

arbitrárias e exigiu a recontração dos funcionários. Em outros, contrariou a vontade do sindicato quando este exigiu que a empresa demitisse dois operários porque produziam mais que os outros trabalhadores. Defendendo a arbitragem, o juiz acreditava que, se houvesse “boa vontade de ambas as partes, o sistema poderia contribuir grandemente para a paz entre o capital e o trabalho”⁶⁴.

Além de contarem com o apoio dos sindicatos da AFL, de estabelecerem algumas restrições legais às greves e de influenciarem a opinião pública a seu favor, os empresários buscaram conquistar o apoio e a lealdade dos seus funcionários para garantir o aumento da produtividade e a diminuição dos problemas internos. Para tanto, começaram a implantar, dentro das fábricas, medidas capazes de melhorar as relações humanas e o bem-estar social.

Para reforçar esta proposta, era necessário sustentar uma transformação na administração. Nesta, a empresa deveria mostrar para a sociedade que estava preocupada em resolver os problemas políticos e sociais do mundo do trabalho para estabelecer a harmonia entre os interesses econômicos sociais.⁶⁵

De acordo com a teoria das relações humanas aplicadas à administração, os operários tinham, além do salário, outras motivações que influenciavam a qualidade do serviço prestado. O trabalho deveria oferecer aos indivíduos recompensas financeiras, pessoais e profissionais. Se algumas medidas capazes de oferecer estas recompensas fossem aplicadas, o operário trabalharia com maior dedicação. Como consequência, aumentaria a produção e os lucros da empresa, pois “Aumentar a produtividade dependia da garantia da cooperação do grupo de trabalho através da participação nas tomadas de decisões, na melhor comunicação e na melhor preparação da supervisão, garantindo maior satisfação social e psicológica aos empregados.”⁶⁶

Como aumentar os rendimentos era a maior preocupação dos empresários, eles passaram a preocupar-se em estabelecer uma relação agradável e harmoniosa com os seus operários. Por isto, alguns empresários começaram a desenvolver campanhas que promovessem o reconhecimento dos operários através da participação no processo produtivo e no pagamento de benefícios salariais. Utilizada deste a década de 20, a teoria sobre as relações humanas só começou a ser aplicada com maior intensidade durante a década de 50, por conseguir aumentar a produção e diminuir os conflitos trabalhistas.

Seguindo estes interesses, várias narrativas destacavam que a insatisfação sobre o valor salarial, o horário de trabalho muito sobrecarregado ou a pressão exercida pelos chefes e proprietários poderia causar um ambiente de trabalho desagradável e conseqüentemente, a diminuição da produção pelas horas mal trabalhadas, faltas e atrasos.

A narrativa “É melhor a fábrica pequena?”⁶⁷ resumiu todos os pontos abordados anteriormente. A fábrica, que era subsidiária da *Johnson & Johnson* e produzia lumite – novo material plástico originário da mistura de petróleo e sal, adotou uma política de descentralização

⁶⁴ Id.

⁶⁵ FONES-WOLF, op. cit., p. 67.

⁶⁶ FONES WOLF, op. cit. p. 73.

⁶⁷ MULLER, Edwin. É melhor a fábrica pequena? **Seleções do Reader's Digest**, novembro de 1949, p. 51.

para aproximar patrão e empregados. Lá “os operários são remunerados pelas sugestões que fazem. É por meio dessas conversas que se resolvem questões do interesse dos trabalhadores: regulamentos de segurança, medidas profiláticas, divisão do pessoal em turnos de serviço, etc.”⁶⁸

Nesta fábrica os empregados eram independentes da empresa, pois nela trabalhavam 40 horas semanais e no restante do tempo dedicavam-se à agricultura. Como todos sabiam trabalhar em dois ofícios, caso perdessem o emprego na fábrica, não se desesperariam porque já trabalhavam em outra atividade. “Já ficou comprovado que, quanto mais independente seja o operário, menos probabilidade terá de largar o emprego (...) o que leva um homem a mudar freqüentemente de trabalho é a insatisfação com o emprego e com a vida – e daí provêm, em muitos casos, as greves e os conflitos trabalhistas”⁶⁹. Concluiu afirmando que esse modelo deveria ser seguido por outras fábricas, afinal “não é necessário os governos imporem soluções, que estas são encontradas na cooperação entre patrões e empregados, e que a fórmula é simples: o operário precisa estar contente não só com o trabalho, mas também com a sua maneira de viver.”⁷⁰

De acordo com estas representações, o respeito e a segurança eram as principais condicionantes nas relações trabalhistas, já que os problemas diários eram resolvidos através de conversas e o desemprego não amedrontava os trabalhadores que tinham outra opção de sobrevivência. A harmonia estabelecida ainda disfarçava o condicionamento quanto ao pagamento de salários mais altos, pois só recebiam os trabalhadores que melhorassem o sistema produtivo.

Esta reportagem associou as greves e os conflitos com o resultado da insatisfação dos trabalhadores com o emprego e até mesmo com a sua vida pessoal, despolitizando uma questão referente as reivindicações salariais baseadas na busca de melhores condições de trabalho e de salários mais justos.

Tratar das insatisfações dos operários apenas como frustrações pessoais não era uma prática anormal para os empresários, pois se os patrões e os funcionários tivessem interesses em comum, não existiriam motivos para a presença do sindicato. Pois as reivindicações dos operários por salários mais altos era simplesmente uma expressão do descontentamento diante do fracasso da empresa em atender suas exigências mais altas. Preencher as necessidades não econômicas era a chave para a paz industrial na fábrica e além dela.⁷¹

Em novembro de 1948, Morris Sayre, presidente da *Corn Products Refining Company* e da *National Associations of Manufacturs*, estimulou os seus companheiros industriais a mudarem o seu comportamento em relação ao operário na reportagem “Humanizemos a indústria”⁷². Sayre acreditava que a estabilidade de emprego deveria ser uma meta da livre iniciativa, pois somente com trabalhadores “felizes e tranqüilos” era possível obter sucesso e progresso para a civilização.

Dirigindo-se aos homens de negócios e aos dirigentes das empresas, pedia para que todos comesçassem a tratar da garantia da estabilidade dos seus funcionários e do fim do

⁶⁸ Ibid. p. 52.

⁶⁹ Ibid. p. 53.

⁷⁰ Ibid. p. 54.

⁷¹ Conforme, Ibid. p. 74.

⁷² SAYRE, Morris. Humanizemos a indústria. **Seleções do Reader's Digest**, novembro de

desemprego como um problema pessoal, pois

Trata-se duma responsabilidade que assumimos perante a pátria, perante os trabalhadores, perante os acionistas, e perante nós mesmos. Não se trata duma tarefa que possamos jogar para o lado, com um erguer de ombros, alegando a falta de tempo, até que chegue melhor ocasião. Já soou para os líderes industriais, no mundo inteiro, a hora de darem cumprimento a algumas das suas eloqüentes asserções de ‘responsabilidade social’.⁷³

Os gerentes deveriam assegurar aos seus funcionários que a empresa tinha preocupação com o progresso humano e com o bem-estar do público da mesma forma que preocupavam-se em aumentar os seus lucros. Essa era a responsabilidade dos empresários, lutar contra o sentimento de frustração que assolava grande parte da humanidade para garantir o futuro da liberdade econômica e da civilização ocidental.

No mesmo ano da publicação desta reportagem, a NAM, a Câmara do Comércio e outras associações locais de empresários estavam desenvolvendo campanhas para incentivar os proprietários a utilizar os princípios das relações humanas nas suas empresas. Como na reportagem, estes grupos apresentavam as vantagens da aplicação destes princípios aos empresários em cursos, conferências e panfletos que destacavam as seguintes qualidades nos operários:

Sessenta milhões de pessoas neste país passam aproximadamente metade das horas despertas sob o gerenciamento. Ao lado de suas famílias, a maioria delas está mais interessada nos seus empregos do que em qualquer outro assunto. Elas são as mesmas pessoas que votam, que se filiam aos sindicatos e que usam os seus produtos. E o que as pessoas que trabalham para você pensam sobre você e a sua empresa determinam suas opiniões sobre a totalidade do gerenciamento industrial e, conseqüentemente, sobre até onde vai a liberdade econômica sob a qual eles pensam que você deveria operar.⁷⁴

Na mesma edição, outra história enfatizava a importância de ser um *bom patrão*. A narrativa “Prova de fogo de um industrial”⁷⁵ contava a história de Lewis P. Reese, que teve a sua olaria destruída devido a um incêndio ocorrido em 1947. Ele “não inventou a partilha dos lucros, mas soube certamente aperfeiçoá-la e submetê-la a um teste dos mais decisivos. E a experiência resultou em um verdadeiro milagre”⁷⁶, pois todos contribuíram para a reconstrução da empresa sem exigirem as horas trabalhadas devido a grande gratidão que os operários sentiam pelo seu patrão. Em 53 dias, a olaria já estava pronta e funcionando a todo vapor, mostrando o resultado da dedicação de Lewis aos seus trabalhadores.

Da mesma forma, muitas narrativas trouxeram relatos de empresários sobre as transformações realizadas após a implantação da participação dos lucros. Nelas, através da dedicação dos operários, a produção de mercadorias aumentava e como conseqüência, os lucros

1948, p. 96.

⁷³ Id.

⁷⁴ FONES-WOLF, op. cit., p. 79.

⁷⁵ ROBERTS, Harry R. Prova de fogo de um industrial. **Seleções do Reader's Digest**, novembro de 1948, p. 115.

⁷⁶ Id.

e o salário de todos aumentavam na mesma proporção, já que o crescimento da produção deixava de significar horas exaustivas de trabalho e a exploração do patrão passava a ser lida como ganho de todos que participavam do processo produtivo.

Para aumentar a produção os empresários estimulavam os seus operários das mais diversas formas. Ensinavam a todos o funcionamento do processo produtivo para que os operários pudessem sugerir melhorias, procuravam resolver os problemas diários através de conversas informais, davam responsabilidades e consultavam os operários sobre as suas funções, promoviam os operários que destacavam-se, organizavam confraternizações e outras atitudes que objetivavam satisfazer as necessidades afetivas e aumentar a auto estima dos operários.

Além de estarem presentes nas reportagens, algumas empresas também anunciavam os bons resultados da participação dos seus empregados em anúncios comerciais. Em agosto de 1946 a General Motors destacava o orgulho que os seus empregados sentiam por conhecer profundamente as suas tarefas diárias e por darem “valiosas sugestões ... para melhorar a qualidade ou reduzir o custo da produção”. (Figura 05) Por estes motivos os produtos da General Motors eram “melhores produtos acessíveis a mais pessoas”. A imagem mostrava os operários trabalhando com satisfação e orgulho, reforçando ainda mais o ambiente agradável que havia na fábrica.

O Presidente da *Lincoln Electric Company*, por exemplo, incentivava os empregados a aumentar a produção através de situações problemáticas e incentivo. Na *Seleções* de abril de 1947, ele narrou as suas experiências na reportagem “Como estimular o trabalhador”. Após aplicar na sua empresa um fenômeno “... que visa tornar a indústria mais útil à própria humanidade”⁷⁷, cujos resultados permitiram o aumento do salário dos trabalhadores, a diminuição de horas trabalhadas e a redução do preço mínimo do produto trabalhado, o empresário decidiu divulgar o significado da *Gerencia Incentivadora*.

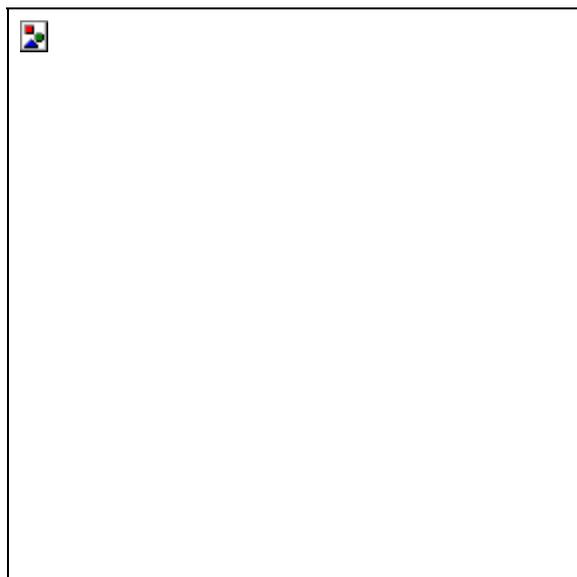


Figura 05

Basicamente resumia-se em uma forma de estimular os operários a resolverem as

dificuldades surgidas durante o serviço.

Nossa idéia é desenvolver o operário por meio de situações de crise e incentivo. A crise pode ser, por exemplo, uma tarefa que parece estar acima de sua capacidade, mas que ele vence por seus próprios esforços. O incentivo que mais age sobre os indivíduos em regra é a conquista do respeito, próprio e alheio. Salários que representem recompensa por qualquer realização de destaque; melhoria de posição; cargos de responsabilidade – eis aqui outros tantos meios de favorecer essa conquista. O operário deseja sentir-se parte duma turma em que seus esforços são necessários e sua habilidade se destaca.⁷⁸

Entretanto, este plano só triunfou após algumas transformações, como a implantação de um sistema de pagamento compensatório para os operários, o estabelecimento da promoção por mérito e a introdução da divisão dos lucros da companhia entre todos. Era importante também fazer com que os operários conhecessem todas as circunstâncias do negócio. Desta forma, se eles reivindicassem melhores salários, a gerência poderia explicar o que todos poderiam fazer para alcançar tal proposta.

Todas estas histórias, contadas e direcionadas aos empresários, reforçavam a importância da boa convivência de patrões e operários dentro da empresa. Estas recomendações não passavam de um modo de evitar o nascimento de qualquer descontentamento entre os operários já que, caso isso acontecesse, a dedicação ao trabalho não aconteceria da forma desejada. Conseqüentemente, a qualidade do serviço e a produtividade diminuiriam com as horas desocupadas, as faltas e outras situações que causariam prejuízo. Mesmo que não fosse a meta dos patrões, as modificações implantadas pelos empresários trouxeram benefícios para os operários, que passaram a receber maiores salários e outros benefícios, como estabilidade, participação nos lucros e seguridade social, variando conforme a empresa.

A reportagem, “Disseminação do capitalismo popular”⁷⁹, mostrava as vantagens do capitalismo. O seu assunto era a popularização do capitalismo nos Estados Unidos, por meio da compra de títulos de proprietários na indústria norte-americana a preços baixos. Essa mudança econômica foi possível devido aos “... salários mais altos além da entrada neste setor de companhias de seguros e de fundos provenientes dos planos particulares de aposentadoria”⁸⁰.

Desde janeiro de 1954, a Bolsa de Nova York lançou um Plano de Investimento Mensal (MIP) destinado a investidores constantes e de longo prazo. Os investimentos eram independentes das oscilações do mercado de títulos e tinham um contrato mínimo de pagamento trimestral de 40 dólares, de modo que qualquer pessoa com condições de economizar um pouco por semana, poderia tornar-se um investidor de capital. O que mais impressionava era a participação de vários trabalhadores norte-americanos.

Muitas empresas estão tornando os seus próprios operários co-proprietários. ... Um

⁷⁷ LINCOLN, James F. Como estimular o trabalhador. **Seleções do Reader's Digest**, abril de 1947, p. 39.

⁷⁸ Ibid. p. 39 e 40.

⁷⁹ MAHER, Edward. Disseminação do capitalismo popular. **Seleções do Reader's Digest**, setembro de 1955, p. 123.

⁸⁰ Id.

empregado da General Electric pode solicitar um desconto até de dez dólares por semana um folha para a compra de bônus de economia do Governo Americano, depositar os bônus na companhia e recebê-los ao fim de cinco anos acrescidos de juros e mais 15% em ações da companhia. Vinte mil empregados da General Electric se tornaram acionistas em 1954 e mais 40.000 seguiram o mesmo caminho no corrente ano.⁸¹

A reportagem afirmava que estas transformações geravam uma aproximação entre os operários e os patrões e podiam, por isto diminuir os conflitos trabalhistas e beneficiar toda a sociedade.

É claro que a medida que a propriedade das grandes empresas ficar cada vez mais nas mãos do homem do povo, haverá crescente consciência da parte da administração das indústrias em relação às suas responsabilidades para com o resto da comunidade. Mas o fato mais impressionante ... é o seguinte: milhões de trabalhadores nos Estados Unidos chegaram a tal nível de salários que podem tornar-se proprietários das empresas para as quais trabalham. É esse um novo gênero de capitalismo que se apresenta ao mundo – um capitalismo para muitos e não para poucos. O comunismo ou o socialismo vão ter muito trabalho para chegar a coisa parecida.⁸²

Segundo a reportagem, a participação dos trabalhadores no mercado de ações ajudou a difundir o espírito empreendedor entre os cidadãos norte-americanos e fortaleceu o sistema capitalista. Essa situação ajudava na distribuição de renda entre as pessoas e beneficiava a comunidade, pois *os homens do povo poderiam* participar da administração das empresas e desta forma, levar mais benefícios para todos. Diante de tantas vantagens, ficaria realmente difícil para o comunismo e o socialismo aplicar estas medidas em seus países.

Apesar de estar completamente fora da realidade, estas informações transformavam o mercado de ações na alavanca que iria permitir a chegada dos operários, *homens do povo*, na administração das empresas. A partir deste momento, eles poderiam fazer com que as empresas ajudassem mais as comunidades porque conheceriam os problemas do povo. Estas imagens aproximavam o capitalismo de um governo popular quando afirmava que todos teriam acesso aos investimentos, à riqueza e ao controle dos meios produtivos.

Entre 1946 e 1951 a revista *Seleções* publicou uma série de reportagens sobre as relações de trabalho nos Estados Unidos. A frequência destas reportagens era tão intensa a ponto da revista dedicar duas ou mais seções para tratar deste tema. Isto se explica porque, durante o governo Truman, os empresários tentavam conquistar a opinião pública e se fortalecer politicamente. Com a chegada de Dwight Eisenhower (1952-1960) à presidência da República, os empresários passaram a ter o apoio da presidência, do Senado e do Congresso Nacional, todos estes comandados por políticos do partido Republicano. Por esse motivo, durante a década de 50 os empresários tiveram mais benefícios políticos e, ao mesmo tempo, conquistaram a opinião pública e o apoio de grande parte dos trabalhadores. Ainda assim, nesta década existiram problemas com a AFL, os sindicatos e as greves, mas, comparados ao pós-guerra, ocorreram em proporções bem menores. Por isto, nos anos 50 a revista *Seleções* diminuiu drasticamente a quantidade de reportagens sobre as relações trabalhistas e sobre a administração das empresas.

⁸¹ Ibid. p. 127 e 128.

As poucas reportagens que foram publicadas, destacavam as vantagens do capitalismo, como mostrou “Disseminação do capitalismo popular”.

Todas as reportagens apontaram para o fato de que, no universo capitalista norte-americano, não eram as greves que propiciavam benefícios aos empregados, mas sim a sua dedicação e a vontade dos empregadores em dividir um pouco do seu lucro. Parecendo favoráveis aos sindicatos e às organizações dos trabalhadores através de uma imagem positiva do capitalismo, os empresários buscavam reduzir a força destas organizações e ao mesmo tempo, favorecer a livre iniciativa. O comunismo foi mais uma ferramenta utilizada para garantir os interesses dos patrões, pois

Depois de 1945, a enorme expansão do “bloco” socialista e a ameaça potencial que apresentava fez com que os governos ocidentais se concentrassem maravilhosamente, especialmente sobre a importância da previdência social. O objetivo desta ruptura deliberada com o capitalismo de livre mercado não era apenas eliminar o desemprego em massa (...), mas também estimular a demanda.⁸³

Como nos Estados Unidos, os empresários brasileiros também estavam preocupados com as relações trabalhistas. Nos anos 40 e 50 eles incentivavam a implantação da participação dos lucros e difundiam a importância da cooperação no ambiente de trabalho.

Além de reportagens sobre o tema, vinculada em revistas de grande circulação e em publicações voltadas para os empresários, muitos anúncios comerciais utilizavam a imagem de operários e trabalhadores sorridentes e “bem dispostos, realizando alegremente as tarefas que lhes são imputadas em ambientes muito agradáveis.”⁸⁴

Da mesma forma e com os mesmos interesses dos empresários norte-americanos, os empresários brasileiros buscaram medidas para diminuir os conflitos existentes nas relações de trabalho e aumentar a produtividade através de algumas modificações realizadas no sistema produtivo.⁸⁵ Baseados em princípios da administração taylorista e fordista, os projetos que visavam disciplinar o operário para o aumento da produção já estavam sendo implantados no Brasil desde os anos 30.

Nos anos 50, através de reportagens e de anúncios comerciais, as empresas e as indústrias começaram a serem vistas como lugares agradáveis porque proporcionavam segurança e conforto aos trabalhadores. Da mesma forma, os trabalhadores eram representados como pessoas contentes e importantes para a empresa porque participavam do processo produtivo. A obtenção dos lucros também foi valorizada em algumas propagandas de associações de empresários que mostravam os benefícios que trazia aos trabalhadores, como emprego e bem

⁸² Ibid. p. 128.

⁸³ HOBBSAWN, E. Adeus a tudo aquilo. In.: BLACKBURN, R. (org.) **Depois da queda**. São Paulo, Paz e Terra, p. 99.

⁸⁴ FIGUEREDO, Anna Cristina C. M. **Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada**: Publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954-1964). São Paulo, Ed. Hucitec História Social, 1998. p. 54.

⁸⁵ Estas reflexões fazem parte da pesquisa desenvolvida por Anna Cristina Figueredo na sua dissertação de mestrado, onde analisou os anúncios comerciais publicados em revistas de grande circulação.

estar.

No Brasil este discurso também era utilizado pelo governo que, junto com as elites econômicas, defendia que o crescimento econômico dependia da união dos esforços coletivos de trabalhadores e patrões. Este pensamento agregava ao trabalho uma importância maior do que a simples subsistência e fazia com que o operário também se sentisse responsável pelo crescimento nacional.

Como este discurso estava presente em revistas de grande circulação e em anúncios comerciais destinados às classes que possuíam poder aquisitivo suficiente para consumir mais do que o necessário para a sobrevivência, ele não era questionado pelos seus receptores. “Ou seja, tais setores acolhiam com simpatia o ideal de um mundo harmonioso, no qual prevalecesse acima de tudo a ordem em que os indivíduos teriam possibilidade de “subir na vida”, desde que demonstrassem empenho nesse objetivo e que o sistema não sofresse alterações muito radicais que pudessem interromper ou arriscar seu percurso dentro dele.”⁸⁶

Esta imagem harmoniosa da sociedade eliminaria as tensões sociais entre patrões e operários e entre as diferentes classes sociais, pois nela todos estariam satisfeitos com a sua condição econômica e social. Assim, “mais do que manipular a consciência dos trabalhadores, elas visavam, portanto, alimentar os sonhos das camadas médias de um mundo agradável, harmonioso, ordeiro e por meio delas angariar o apoio daquelas camadas aos projetos dos grupos dominantes.”⁸⁷

A preocupação do governo e dos empresários em relação aos trabalhadores estava presente em outros meios de comunicação. Além das revistas de grande circulação, existiam programas de rádio que analisavam a política mundial através do olhar norte-americano. Um deles, chamado “Nos Bastidores do Mundo”, se direcionava à classe média e operária brasileira e transmitia uma visão favorável aos norte-americanos em 15 minutos de programação diária. O programa difundia ainda idéias anticomunistas para evitar a expansão do Partido Comunista Brasileiro – PCB. Para tanto, inflamava os medos em relação ao comunismo e alertava os brasileiros sobre o interesse do Kremlin em estabelecer alianças com os operários brasileiros.⁸⁸

Outro programa de rádio da mesma época, chamado “O Destino e a Esperança” mostrava a existência de interesses comuns entre os operários brasileiros e norte-americanos. Transmitido três vezes por semana com duração de quinze minutos, o programa era uma

série dramática centrada em um operário de uma fábrica de São Paulo que vai aos Estados Unidos para trabalhar em uma usina de New Jersey. Um veterano brasileiro da Segunda Guerra Mundial, o personagem se casou com uma americana. O herói conta a história de sua vida entre os operários norte-americanos. Logo o herói, um brasileiro, conta sobre as experiências e preocupações comuns entre as classes operária brasileira e americana.⁸⁹

⁸⁶ FIGUEREDO, op. cit. p. 66.

⁸⁷ Id.

⁸⁸ HAINES, Gerald K. **The Americanization of Brazil..** A study of U.S. Cold War Diplomacy in the Third World, 1945-1954. Wilmington, Delaware, SR Books, 1989, p. 172.

⁸⁹ Id.

Como no caso norte-americano, a influência comunista nos sindicatos e no movimento trabalhista também preocupava o governo e as elites econômicas brasileiras. Mas, ao contrário daquele país, no Brasil o PCB teve uma real participação no movimento operário, iniciada em 1946, quando os membros do partido começaram a estabelecer alianças com os lideranças sindicais conservadoras para conseguir um espaço de atuação no movimento trabalhista nacional. Mesmo a partir de 1947, quando o governo Dutra levou à ilegalidade o PCB e passou a fiscalizar o posicionamento político dos sindicatos através de um controle legal, o partido continuou influenciando os sindicatos brasileiros através da presença dos seus membros que atuavam nestas entidades, pois “com o fechamento final do regime, a preocupação do partido com a centralidade da organização nos locais de trabalho faz com que os comunistas se dediquem bastante a esse trabalho”⁹⁰. Entre os anos de 1954 e 1964, a atuação do PCB nos sindicatos vai se fortalecer ainda mais, preocupando as elites políticas e econômicas que, em 1964, apoiaram a implantação de um governo militar para evitar uma série de reformas sociais que fortaleceria a classe operária.

2.3 O sonho americano e o pesadelo comunista

Tantos incentivos ao pagamento de benefícios aos trabalhadores levaram ao aumento da produção e à venda de bens de consumo na sociedade norte-americana. Recém saídos de uma guerra com grandes vantagens econômicas, os Estados Unidos iniciaram um grande período de prosperidade, desfrutado pela maioria dos seus cidadãos⁹¹. Toda esta abundância estava presente em diversos anúncios comerciais publicados em *Seleções*.

Logo após a Segunda Guerra Mundial, e durante toda a década de 50, os meios de comunicação demonstravam as transformações sociais e culturais vividas pelos norte-americanos. De fato, durante os anos 50, o sistema capitalista teve uma fase de expansão. Com o aumento da produção industrial, resultante do crescimento econômico, as taxas de desemprego diminuíram; conseqüentemente, com o reajuste dos salários pagos aos trabalhadores, cresceu o consumo dos mais novos produtos, que proporcionavam à classe média um novo padrão de vida, jamais alcançado anteriormente.⁹² John Patrick Diggins também destacou a importância da indústria militar, dos gastos com a defesa do território, as exportações e o crescimento populacional como fatores importantes do crescimento econômico⁹³. Nesse sentido,

⁹⁰ SANTANA, Marco Aurélio. **Homens partidos**: comunistas e sindicatos no Brasil. Rio de Janeiro, Bom Tempo Editorial, 2001, p. 75.

⁹¹ Deste grupo de *privilegiados*, entre um quarto e um terço da população não participava destas transformações porque vivia abaixo da linha de pobreza. Entre os pobres, estavam quase 20% dos brancos, os negros, os latino-americanos e mais da metade dos idosos, que muitas vezes passavam despercebidos pela constante propaganda de prosperidade. In.: SELLERS, op. cit. p. 385.

⁹² Entre os anos de 1950 e 1958, a economia cresceu em torno de 4.7%. De acordo DIGGINS, op. cit. p. 178.

⁹³ *Ibid.* p. 180.

O compromisso político de governos com o pleno emprego e – em menor medida – com a redução da desigualdade econômica, isto é, um compromisso com a seguridade social e previdenciária, pela primeira vez proporcionou um mercado de consumo em massa para bens de luxo que agora podiam passar a ser aceitos como necessidades.⁹⁴

O resultado foi o crescimento de todos os ramos da indústria e do comércio. As inovações tecnológicas resultantes da indústria da guerra e os modernos produtos industrializados como o plástico e a indústria química, trouxeram novos bens de consumo ao mercado. Como os eletrodomésticos, que prometiam trazer à vida cotidiana o progresso e a modernidade; privilégios permitidos, confirme o imaginário presente em *Seleções*, apenas à sociedade ocidental.

Este desenvolvimento da economia também foi sustentado pelo grande crescimento populacional que ocorreu nos Estados Unidos no pós-guerra, que proporcionou primeiramente um novo mercado consumidor e, alguns anos mais tarde, mão-de-obra para todos os setores da economia. Externamente, os empréstimos e as exportações dos produtos agrícolas e industrializados para os países destruídos pela guerra e para os novos mercados mundiais, como o Brasil, além da posterior implantação de multinacionais neste e em outros países, contribuiriam para o aumento do Produto Nacional Bruto, “que chegou a ... US\$ 174 bilhões e continuava a subir.”⁹⁵

Diante de tanta prosperidade, os trabalhadores esqueceram os anos de aperto vividos durante as décadas anteriores e, com altos salários, tornaram-se consumidores compulsivos, adquirindo todos os produtos possíveis. No final dos anos 40, devido ao aumento da procura de bens industrializados, a oferta tornou-se insuficiente para suprir a busca por produtos alimentícios, de vestuário, eletrodomésticos e até casas e automóveis. Como os preços não eram controlados, o custo de vida subiu 70% entre 1946 e 1950. As pequenas crises econômicas que aconteceram em 1949, 1952 e 1957 não foram suficientes para preocupar os norte-americanos que, em 1970, viveram uma grande crise econômica devido também à Corrida Armamentista da Guerra Fria e da Guerra do Vietnã.

Estas transformações ocorreram de uma forma desigual em alguns setores da economia. Na agricultura, a chegada de tratores, colheitadeiras e inseticidas resultou no aumento da produção das culturas básicas, contribuindo para a queda dos preços e para a expulsão dos pequenos agricultores. Estes perderam espaço para a agroindústria, que se estabeleceu definitivamente no mercado norte-americano. Essa mão-de-obra, que migrou para as grandes cidades à procura de melhores condições de vida, não ficou desempregada, já que as novas indústrias, em constante crescimento, precisavam de mão-de-obra disponível para o trabalho.

As indústrias de produtos tradicionais, como carvão, sofreram diminuições na produção. Por outro lado, a indústria de aço, construção civil, automobilística, aeronáutica, de produtos químicos, sintéticos e de aparelhos eletrônicos cresceram muito. O resultado foi o aparecimento de novos produtos que provocaram grandes transformações sociais. Estes fatores associaram a imagem de modernidade e desenvolvimento tecnológico aos Estados Unidos.

⁹⁴ HOBBSAWM, E. **A Era dos Extremos**. São Paulo : Cia. das Letras, 1995, p. 264.

Seleções trazia em suas páginas diversos anúncios comerciais destes produtos, que utilizavam o discurso modernizador da produção industrial para valorizar a venda. Em fevereiro de 1946 um anúncio afirmava que a sua empresa estava contribuindo com a reconstrução dos países destruídos pela guerra através das suas centrais elétricas, que aceleravam o progresso industrial e a reconstrução, trazendo a “esperança no futuro” (Figura 06). A imagem reforçava o triunfo da modernidade quando apresentou, na parte superior, prédios bem iluminados que lembravam as cidades norte-americanas. Em baixo, estavam os destroços causados pela guerra na Europa. Cabia aos Estados Unidos, através da Worthington, garantir a esperança.

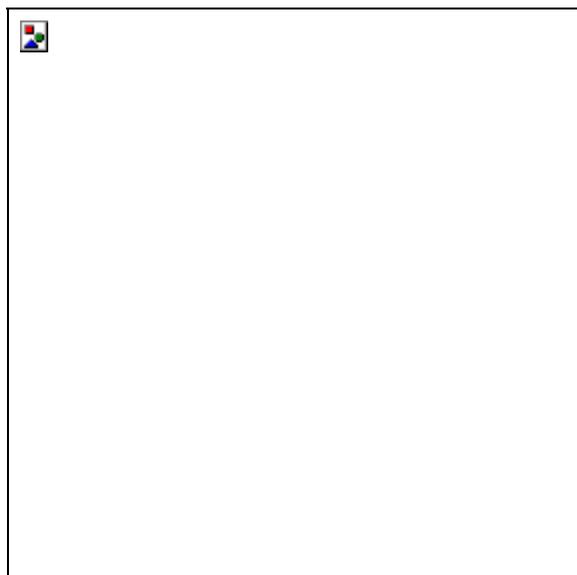


Figura 06

Anúncios como este reforçavam a importância política dos Estados Unidos do pós-guerra. Outros anúncios presentes na revista legitimavam a sociedade de consumo, reforçada na sociedade norte-americana e em diversos outros países capitalistas. No Brasil, o discurso modernizador dos anos 50 também relacionava-se à industrialização, que traria o desenvolvimento econômico para o país. O estabelecimento da industrialização foi desenvolvido durante o governo Juscelino Kubitschek (1956-1961) através da participação de recursos nacionais e estrangeiros, coordenados pelo Estado⁹⁶. Ao contrário de Getúlio Vargas, que buscava a autonomia nacional, resistindo à entrada de capital privado estrangeiro, Kubitschek favoreceu o investimento deste capital em um novo setor industrial, os bens de consumo duráveis, como automóveis, eletrodomésticos e similares.

Uma das transformações resultantes desse processo foi o crescimento da sociedade urbana e a formação de um novo grupo de trabalhadores empregados nas empresas nacionais e multinacionais. Parte deles, com o aumento do seu poder aquisitivo, conseguiu ter acesso aos novos bens de consumo produzidos em território nacional e anunciados na publicidade. De todos eles, o consumo de eletrodomésticos, que prometiam facilitar o trabalho doméstico, popularizou-se. O automóvel passou a ser o símbolo do consumo e do progresso, facilitando a locomoção e os momentos de lazer dos seus proprietários. Nas residências, o entretenimento também estava

⁹⁵ SELLERS, op. cit. p. 384.

garantido com o rádio, meio de comunicação de maior abrangência, e a televisão, ainda que disponível apenas para as classes altas da sociedade.⁹⁷

O crescimento das cidades estimulou o aumento de um público freqüentador de cinemas e interessado em várias publicações, como as revistas de fotonovelas e as histórias em quadrinhos. Conseqüentemente, cresceu o número de jornais e revistas de grande circulação, como *O Cruzeiro*, *Manchete*⁹⁸ e *Seleções*. De acordo com Gerson Moura e Maria Lígia Coelho Prado⁹⁹, a partir deste período a população brasileira passou a associar a modernidade, o desenvolvimento e o saber técnico-científico aos Estados Unidos, ideal de nação desenvolvida.

As empresas multinacionais eram vistas como as responsáveis pela modernização do país porque traziam emprego e a tecnologia estrangeira. Ao mesmo tempo, a valorização desta tecnologia e da vida urbana, interpretadas como as responsáveis pelo desenvolvimento e a modernização do país em oposição à economia agroexportadora, ajudaram a formar uma mentalidade e um comportamento que incentivava o consumo dos mais diversos produtos industrializados, que estavam associados à modernidade e ao bem-estar. A partir deste momento, “a ênfase no indivíduo, o estímulo à competição, a renovação permanente de hábitos e bens de consumo, (...) a valorização do lazer definido como “tempo economizado”, a noção de que a liberdade se conquista no ato do consumo, entre outras idéias ...” passaram a estar presentes no cotidiano dos brasileiros. Neste processo, a liberdade de comprar e possuir bens tornou-se mais importante que uma participação política e social ativa. Estas reflexões fazem parte da dissertação de mestrado de Anna Cristina Figueredo, que analisou o estabelecimento da sociedade de consumo no Brasil, nos 50 e 60 através da publicidade comercial publicada em revistas de grande circulação.¹⁰⁰

Circulando em grande parte dos países Ocidentais, *Seleções* forneceu um retrato do período pelas reportagens e pela grande quantidade de anúncios comerciais existentes. Nesta revista, durante a década de 40, cada anúncio ocupava uma página. A parte reservada à publicidade estava separada das reportagens, localizando-se no início e no final da publicação. Grande parte dos anúncios comerciais eram de produtos norte-americanos, disponíveis ao mercado brasileiro através da exportação. No entanto, nos primeiros anos da década de 50, observou-se a existência de anúncios publicitários menores, localizados em todo o corpo da revista, inclusive entre as reportagens. A partir de 1951, com a abertura do escritório da revista no Rio de Janeiro, aumentaram os anúncios comerciais de produtos brasileiros, o que se fortaleceu com a implantação das multinacionais.

⁹⁶ Ibid. p. 251-2.

⁹⁷ Ibid. capítulos 2 e 3.

⁹⁸ Estas duas publicações foram estudadas nos trabalhos de Anna Figueredo e Lúcia Grinberg. In.: FIGUEREDO, *ibid.*; e GRINBERG, I., ESSUS, A. O século faz 50 anos: fotografia e cultura política em 1950. In.: **Revista Brasileira de História**. São Paulo v. 14, n. 27, p. 129-149, 1994.

⁹⁹ MOURA, G. **Tio Sam chega ao Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1986, e PRADO, M. Davi e Golias: as relações entre Brasil e Estados Unidos no século XX. In.: MOTA, C. **Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000): a grande transição**. São Paulo, Senac SP, 2000.

¹⁰⁰ FIGUEREDO, *op. cit.*

A maioria dos anúncios publicitários demonstrava a mesma estrutura visual. Apresentavam uma imagem localizada um pouco acima do centro da página. Sobre ela, havia uma frase utilizada para despertar a atenção do consumidor por apresentar letras diferentes do restante da revista. Na parte de baixo, em letras menores, havia um pequeno texto explicando as qualidades do produto e, no canto direito, encontrava-se o nome do produto e a sua marca.

O principal recurso utilizado para demonstrar as qualidades dos produtos era a utilização de imagens que deveriam despertar a atenção dos seus futuros compradores. A maioria dos anúncios publicitários analisados colocavam representações dos seus consumidores, como homens, mulheres e crianças.

Como cada produto anunciado destinava-se para um público específico, variando conforme o sexo, a idade, a classe social, o estado civil e outros; foi importante estabelecer o perfil mercadológico de *Seleções* para encontrar o seu consumidor ideal. Para isto, os produtos foram classificados nas seguintes categorias:

Tabela 1: Média de anúncios publicados, segundo os produtos, de 1946 a 1960.

Classificação dos produtos	Quantidade de anúncios por edição mensal
Higiene e beleza (xampu, desodorantes, absorventes, loções, perfumes, maquiagem, cremes de barbear, etc.)	11
Meios de transporte, combustíveis, óleos lubrificantes e equipamentos (caminhão, automóveis)	10
Vestuário e acessórios (roupas, tecidos, sapatos, jóias, relógios, etc.)	8
Produtos para casa (móveis, eletrodomésticos, panelas, colchões, refrigeradores, rádios, etc.)	8
Alimentos e bebidas não alcoólicas (produtos industrializados e alimentos infantis)	7
Produtos químicos (plásticos, detergentes, inseticidas)	6
Lazer (agências de viagens, empresas aéreas, filmes, discos, livros, máquinas fotográficas, etc.)	6
Saúde (medicamentos e curativos)	5
Máquinas, motores e equipamentos	5
Máquinas de escrever, calcular e ditar	4
Bancos, seguradoras e empresas de importação	3
Bebidas alcoólicas e cigarros	2

De acordo com os produtos, depreendeu-se que a maioria dos anúncios dirigiam-se à família de classe média e alta. Nela estavam os consumidores dos produtos mais anunciados, as mulheres utilizando produtos de higiene, beleza, vestuário e produtos para a casa, e os homens interessados em automóveis e produtos para a higiene pessoal. Era para esta faixa social que os

produtos eram indicados e nela estavam as principais personagens dos anúncios comerciais de *Seleções*. Estas imagens eram utilizadas para estabelecer uma identificação entre o consumidor produtos desejados e assim incentivar o consumo.

Por outro lado, a pouca quantidade de anúncios de seguradoras, bancos e empresas de importação reforçavam o direcionamento da revista para a classe média. Nesta, poucos seriam os interessados em adquirir seguros ou investir em bancos. A quantidade de anúncios de bebidas alcoólicas e cigarros, eram os produtos menos anunciados, justificava-se na própria postura editorial da revista *Seleções*. Uma revista fundada por protestantes, conservadora e que valorizava a família e a vida religiosa não incentivaria o consumo de produtos que causam vícios e são prejudiciais a saúde.

Para vender os seus produtos, os anúncios comerciais precisavam estabelecer uma identificação com o consumidor, para que este efetivasse a compra. Para tanto, os anúncios utilizavam valores sociais que refletissem os desejos dos consumidores, como a busca da felicidade, a ascensão social e a bela aparência, prometendo a satisfação destes desejos no consumo da mercadoria. Ao utilizar os desejos e as atitudes dos consumidores, a publicidade trazia o imaginário dos anos 40 e 50.

Neste imaginário, presente também na televisão, nos filmes e nas revistas de grande circulação, a família de classe média idealizada não tinha problemas com o lugar para morar. Em algumas séries televisivas norte-americanas, como "I love Lucy", as personagens habitavam em casas suburbanas, repletas de eletrodomésticos. Tal como as personagens, a maior prioridade da família norte-americana era a habitação. Para atender a demanda da população, o governo e a iniciativa privada iniciaram projetos de construção de casas nas regiões urbanas e suburbanas. Neste projeto, chegaram a construir mais de um milhão de moradias por ano e permitiram ao cidadão médio norte-americano a posse da residência. O número de proprietários cresceu em 50% entre 1945 e 1960.¹⁰¹

Estas casas, normalmente pequenas, padronizadas e muitas vezes construídas com material ordinário, eram escolhidas por jovens casais de classe média que gostariam de viver em lugares tranquilos. Longe dos centros urbanos, naquelas regiões se desenvolveram vilarejos com igrejas, supermercados, lugares para o lazer e *shopping centers*. Para as pessoas pobres, restavam apenas as regiões centrais das cidades, inclusive porque vários subúrbios selecionavam os seus moradores, excluindo "os membros que não pertencessem a raça Caucasiana."¹⁰²

Mesmo com a crítica de arquitetos e outros intelectuais como Lewis Mumford, autor de *The city in history*, que censurava a padronização das construções das casas, das ruas, e do gosto dos seus habitantes¹⁰³, estas transformações foram muito valorizadas pelo governo, pela iniciativa privada e pela população. Este foi um dos assuntos tratados na reportagem "A revolução

¹⁰¹ TINDALL, G, SHI, D. **America: a narrative history**. New York, W W Norton & Company, 1989, p. 817.

¹⁰² Ibid. p. 821.

¹⁰³ DIGGINS, op. cit. p. 183.

social americana”, publicada em novembro de 1954¹⁰⁴, que explicava aos leitores os motivos da elevação da renda da maioria dos norte-americanos. Este processo foi iniciado durante a Segunda Guerra Mundial, e pelas transformações sociais que causou, foi chamado de “Revolução Social Americana”.¹⁰⁵ O aumento salarial dos trabalhadores e as baixas taxas de juros foram um dos fatores que estavam proporcionando a “marcha para a igualdade de renda”¹⁰⁶. Nela,

Os Estados Unidos estão hoje mais perto que qualquer outro país da igualdade “absoluta” de renda. A maioria dos norte-americanos são donos da casa em que residem. Sem falar nos agricultores, mais da metade – 54% – do povo dos Estados Unidos mora em casa própria. Mais ainda – e isso é muito importante – 56% dos que residem em casa própria têm-na livre de hipoteca.¹⁰⁷

A *marcha para a igualdade* anunciava as vantagens de viver no capitalismo, pois a *quase completa* distribuição de renda permitia que 56% dos americanos tivessem a casa própria. A revista também mostrava que estes benefícios não estavam disponíveis para as pessoas que não viviam no sistema capitalista. Várias reportagens de *Seleções* narravam as dificuldades vividas pelos russos sob o regime comunista. Devido aos constantes racionamentos, faltavam os mais variados produtos; desde alimentos até roupas e calçados. Como toda a produção era organizada pelo Estado, não havia interesse em melhorar a qualidade de vida e oferecer um mínimo de conforto às pessoas.

Várias reportagens descreviam esta situação. Entre elas, “Assim é hoje Moscou”¹⁰⁸, escrita por um general norte-americano que trabalhou na embaixada dos Estados Unidos na União Soviética, trouxe várias informações sobre o cotidiano do povo russo. Para ele, Moscou era uma cidade de fachadas falsas e parecia “uma vasta favela. As poucas avenidas largas que atravessam a cidade são decepcionantes. As ruas transversais não passam na maior parte dos casos de becos mal calçados. (...) Nos arredores da cidade, as avenidas se transformam em estreitas e sulcadas estradas de terceira classe.”¹⁰⁹

Segundo o General, o problema da habitação na Rússia era gravíssimo. As casas eram péssimas. “A grande maioria dos habitantes de Moscou prefere sair a ficar nos seus alojamentos superlotados, onde, de ordinário, duas ou mais famílias moram num pequeno aposento. Além disso, pode-se conversar na rua com mais liberdade do que nas casas onde tudo se ouve através dos finos

¹⁰⁴ PRETER, Sylvia F. A revolução social americana. **Seleções do Reader's Digest**, novembro de 1954, p. 73.

¹⁰⁵ Id.

¹⁰⁶ Id.

¹⁰⁷ Id.

¹⁰⁸ O'DANIEL, John W. Assim é hoje Moscou. **Seleções do Reader's Digest**, outubro de 1951, p. 96.

¹⁰⁹ Ibid. p. 97.

tabiques.”¹¹⁰ Os novos edifícios de apartamentos também apresentavam sérios problemas de construção e “o preço dos aluguéis está acima das possibilidades do operário comum”¹¹¹.

As maiores inovações tecnológicas valorizadas pela propaganda comunista não foram desenvolvidas por eles, mas por estrangeiros que ajudaram no desenvolvimento industrial. O autor ainda informava que a ausência da sociedade de consumo dificultava, para qualquer indivíduo, viver de um modo digno.

A falta da habitação e as dificuldades decorrentes deste fato no mundo comunista era um tema constante em *Seleções*. Diversas reportagens apontavam a ausência de jardins, as construções precárias e as dificuldades de dividir o mesmo apartamento com outras três ou quatro famílias. Rica em vários detalhes, a reportagem “Não há descanso para os russos”¹¹² também apontou os problemas da habitação. O tema central informava sobre o descontentamento do povo russo e ucraniano pelas péssimas condições de vida: os membros do exército não possuíam uniformes nem casas decentes, não havia segurança nas cidades já que o número de roubos e crimes era constante, além da fome – poucos alimentos invariáveis e sem gosto – e das péssimas condições de trabalho.

John Fischer também destacou que a Rússia não apresentava capacidade industrial para a produção de artigos de consumo, já que estava destinando toda a sua produção para a indústria bélica e pesada. Quanto ao sistema de moradia, o autor descreveu como habitavam os ucranianos:

Para que o leitor possa calcular como vive uma família ucraniana típica, basta que escolha o quarto menor de sua casa e se mude para lá com esposa e filhos, camas, roupas e os móveis absolutamente indispensáveis. A água quente do quarto de banho tem de ser dividida entre muitas outras famílias vizinhas. Depois, convide uma prima viúva com quatro filhos, para morar ali. Conheci casos em que quatro famílias ucranianas moravam num só quarto.¹¹³

Para uma sociedade que valorizava a individualidade e o conforto, viver com quatro ou mais pessoas em um quarto é assustador. A falta de espaço e de privacidade a ponto das pessoas preferirem ficar fora de casa porque há mais liberdade contraria todos os padrões de vida da sociedade Ocidental. Imaginar a vida neste sistema causaria pânico em muitas pessoas que viviam no capitalismo.

A construção de casas e estradas nos Estados Unidos também era o tema de um anúncio publicitário da Esso, publicado em janeiro de 1948 (Figura 07). Com a imagem de um garoto que “...contempla uma vida melhor”, a Esso anunciava a construção de “belas casas, novas e modernas fábricas, estradas amplas e parques sombreados” para todos descansarem e se divertirem no futuro. O responsável por tudo isso era o petróleo, “Nos últimos 50 anos de livre

¹¹⁰ Ibid. p. 97 e 98.

¹¹¹ Ibid. p. 98.

¹¹² FISCHER, John. Não há descanso para os russos. **Seleções do Reader's Digest**, fevereiro de 1947, p. 53.

concorrência, o petróleo contribuiu para melhorar as nossas vidas”, e agora estava sendo utilizado na medicina, na indústria de alimentos, em cosméticos e em vários produtos para realizar o sonho do menino e construir uma vida melhor. A postura do menino, sentado olhando para o horizonte, como se estivesse pensando no futuro, reforçava a esperança por uma vida melhor.

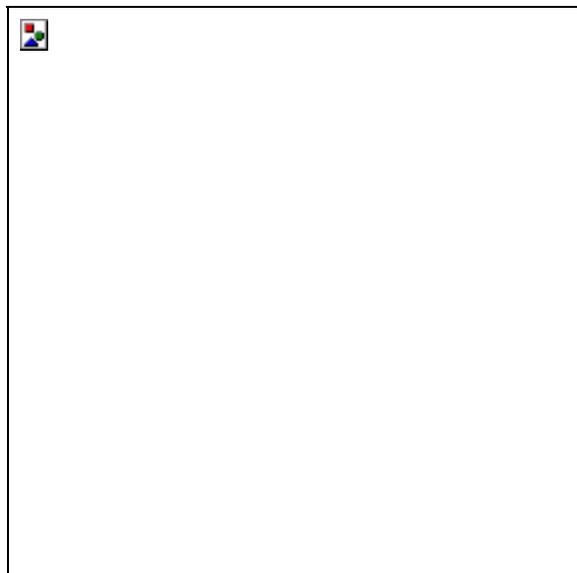


Figura 07

Como as casas suburbanas estavam afastadas dos centros urbanos e os meios de transporte públicos não cobriam estas regiões de uma forma adequada, a melhor opção para percorrer a distância entre a casa e o local de trabalho era um automóvel. O seu consumo foi tão grande que a maioria das famílias brancas de classe média chegavam a possuir dois ou mais automóveis. A construção de rodovias e o preço da gasolina, que não era cara, facilitaram a disseminação dos carros nos Estados Unidos.

O maior símbolo de status social e mobilidade social do período, o automóvel, reforçou a individualidade e transformou os hábitos dos norte-americanos. A grande quantidade de carros gerou a abertura de estradas, a construção de hotéis, postos de gasolina e restaurantes e cinemas *drive-in*. Tudo isto para facilitar a vida dos motoristas que não precisavam mais sair do carro para encontrar lazer. A febre deste consumo quadruplicou a produção de automóveis entre os anos de 1946 e 1955, alcançando a quantidade de oito milhões de veículos produzidos anualmente. Como consequência, um dos anúncios mais freqüentes nas revistas *Seleções* era de automóveis e neles, as imagens mais comuns traziam a família desfrutando dos benefícios deste objeto de consumo.

Graças aos altos salários, ao crédito fácil e à publicidade massiva, o consumo dos mais diversos bens cresceu desenfreadamente. Bombardeados por campanhas publicitárias cada vez mais sofisticadas na imprensa e nos meios eletrônicos, os norte-americanos transformaram desejos em necessidades e se regalaram com o consumo de um monte de objetos variados. O crescimento da publicidade demonstrou-se no seu faturamento, que subiu de três bilhões de

¹¹³ Ibid., p. 55.

dólares em 1945 para doze bilhões de dólares em 1960.¹¹⁴

Com a grande quantidade de trabalhadores que recebiam bons salários, criou-se uma cultura do consumo. Qualquer produto que anunciasse a novidade e promettesse satisfazer os desejos mais supérfluos dos norte-americanos eram comprados. As maiores mudanças na vida cotidiana foram vivenciadas pela classe média, que passou a ter acesso aos bens de consumo que significavam luxo e status social.

Ao contrário dos Estados Unidos, a União Soviética constantemente era retratada pela revista *Seleções* como um país miserável. Sem grandes opções de consumo, quando as pessoas que viviam sob o domínio comunista entravam em contato com o mundo Ocidental, ficavam maravilhadas com tantos produtos eletrônicos, com as roupas coloridas, os sapatos confortáveis e, principalmente com a fartura e a variedade de alimentos.

Para o cidadão Ocidental era fácil identificar os moradores dos países comunistas, como mostra a reportagem “A fronteira vermelha da Europa”¹¹⁵, sobre os alemães que viviam próximos da fronteira dos países ocupados.

Quando se encontra num restaurante ou numa loja da fronteira, as pessoas olham logo para os sapatos do recém-chegado, a fim de saber de onde vem. Sapatos gastos ou remendados indicam os visitantes de leste, que são vistos nas barracas à beira da estrada, devorando iguarias que não podem obter onde moram – uma banana, um arenque, uma barra de chocolate. Essa gente passa uma porção de tempo olhando para dentro de modestas vendas ou confeitarias; mesmo quando não podem comprar ficam entusiasmados só com ver alimentos que desapareceram das vendas da Alemanha Oriental. E, quando voltam, tornam-se os melhores propagandistas que o Ocidente poderia ter, desmentindo a onda incessante de calúnias e invencionices soviéticas. (...) Apesar do perigo, centenas de visitantes ilegais, antes de voltarem para o terror e a fome, enchem as sacolas de revistas ocidentais, misturadas com barras de chocolate e laranjas.¹¹⁶

A narrativa “Assim é hoje Moscou” também abordou estes problemas:

Na realidade, o consumidor russo sofre de maneira incalculável. As roupas são caríssimas e viram farrapos ao fim de algumas lavagens. Os sapatos custam pelo menos o salário de duas semanas (...) e quase sempre ficam imprestáveis depois de poucas semanas de uso. Os móveis são tão ruins que o jornal *A noite de Moscou* chegou a publicar um artigo intitulado: ‘Por que não há bons móveis?’¹¹⁷

Narrativas como estas foram mais uma arma para o anticomunismo, pois associaram o comunismo com problemas terríveis para qualquer sociedade, como a falta de comida e de roupas de qualidade e os preços altos, que dificultam a aquisição dos produtos que, ainda por cima, eram ruins. Nos países Ocidentais, problemas como estradas e apartamentos construídos irregularmente, famílias dividindo o mesmo apartamento sem privacidade, salários baixos e a ausência de bons produtos à venda, eram capazes de assustar o cidadão que vivia com conforto e

¹¹⁴ SELLERS, op. cit., p. 387.

¹¹⁵ MUHLEN, Norbert. A fronteira vermelha da Europa. **Seleções do Reader’s Digest**, dezembro de 1951, p. 95.

¹¹⁶ Id.

qualidade de vida.

Nos Estados Unidos, os investimentos em publicidade diluíram-se em anúncios dos mais variados produtos. Uma das novidades mercadológicas foi a chegada de novos bens de consumo, como os utilizados pelos bebês. O resultado do *babyboom*, o grande crescimento demográfico já apontado anteriormente, criou um mercado promissor de fraldas, alimentos infantis, brinquedos, médicos, escolas e casas¹¹⁸, como mostravam os anúncios comerciais de *Seleções*.

Freqüentemente, nos anúncios de produtos alimentícios, de higiene e de medicamentos, a imagem mais utilizada representava a mãe que se preocupava com a saúde e a segurança dos filhos. A utilização desta personagem era importante para garantir a venda do produto, já que a dona-de-casa era responsável por toda a família. Isto foi utilizado no anúncio do Leite de Magnésia 'Phillips' (Figura 08).

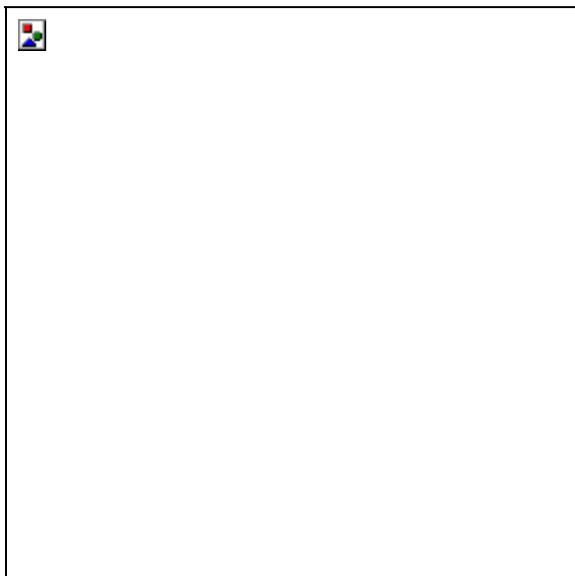


Figura 08

Destacando a imagem da mãe ajudando o seu filho a escrever, o Leite de Magnésia de Phillips lembrava que “Um auxílio sempre é bom” para a criança. O texto reforçava a importância do auxílio prestado pelas mães. “Como sabe que a mão insegura do seu garoto requer o auxílio de um apoio para trabalhar com firmeza, sabia que também o seu delicado aparelho digestivo requer o auxílio do Leite de Magnésia de Phillips para funcionar com perfeição. Ajude o seu filhinho a ter saúde ...”

Os produtos ‘Toddy’ também utilizavam-se das imagens das mães cuidando dos filhos (Figura 09). A justificativa para o consumo se relacionava à

¹¹⁷ O'DANIEL, John. Assim é hoje... op. cit. p. 98.

¹¹⁸ TINDALL, op. cit. p. 817.

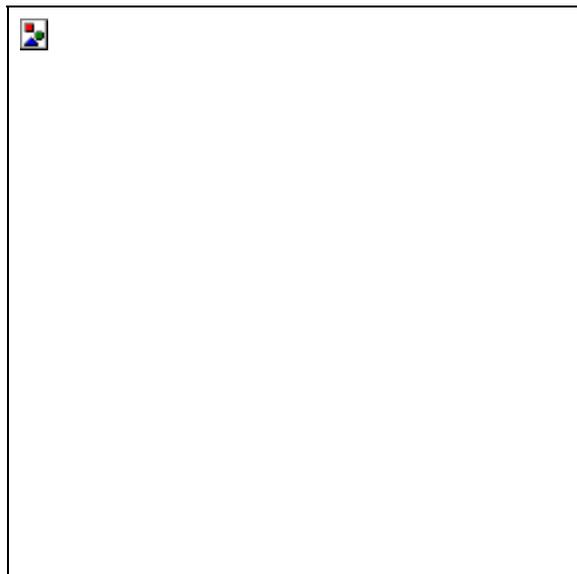


Figura 09

aparência saudável das Crianças: “Estes são os meus filhos...”. O orgulho maternal também era o resultado do consumo de Toddy, pois “quando observam a robustez, ela explica com satisfação: “todo o segredo se resume numa lata de TODDY, que mantenho sempre à mão... Com TODDY eu conquistei para eles mais peso em pouco tempo.”

Diante da imagem de famílias perfeitas, mães cuidadosas e de tantos benefícios materiais, *Seleções* destacava que quando os habitantes da União Soviética tinham a oportunidade de fugir, arriscavam suas vidas nesta empreitada. Este foi o tema de uma narrativa chamada “Não quis que meus filhos se criassem na Rússia.”¹¹⁹ Numa súplica desesperada ao governo norte-americano para morar no seu país, Alexeiev apontou os motivos que levaram a arriscar a sua vida e de seus familiares para não precisarem mais viver na Rússia. A imagem âncora do texto reforçava o desespero da mãe pois mostrava uma criança triste, sobre uma cidade que poderia lembrar a Rússia pela arquitetura (Figura 10).

A autora da reportagem e o seu marido pertenciam a um grupo privilegiado porque trabalhavam como técnicos especializados. “Mesmo ganhando de cinco a dez vezes mais que os operários, “éramos extremamente pobres. Em comparação, a vida de uma família operária nos Estados Unidos parecia opulenta. E eu não desejava condenar meus filhos ao destino que as condições soviéticas reservam a juventude.”¹²⁰

Uma das lembranças que mais influenciou a atitude desta mãe foi a presença de várias crianças abandonadas, mendigando por alimentos. “Centenas de milhares de ‘crianças selvagens’, cobertas por uma crosta de sujo, e em farrapos, doentes e depravadas na sua maioria, vagueavam pelo país, roubando e mendigando. Morriam aos punhados.”¹²¹ Na União Soviética as crianças também eram doutrinadas para espionar e desrespeitar os mais velhos – exemplos de filhos que denunciavam a religião ou as opiniões dos pais não faltaram.

¹¹⁹ ALEXEIEV, Nina. Não quis que meus filhos se criassem na Rússia. **Seleções do Reader's Digest**, setembro de 1947, p. 43.

¹²⁰ Id.

¹²¹ Id.

Por este abandono, as crianças constantemente praticavam crimes e estavam sujeitas à condenações como a pena de morte ou o trabalho forçado. “Não apenas a fome, senão também o terror da polícia, são coisas familiares às crianças russas quanto doces e presentes de Natal para as crianças de países

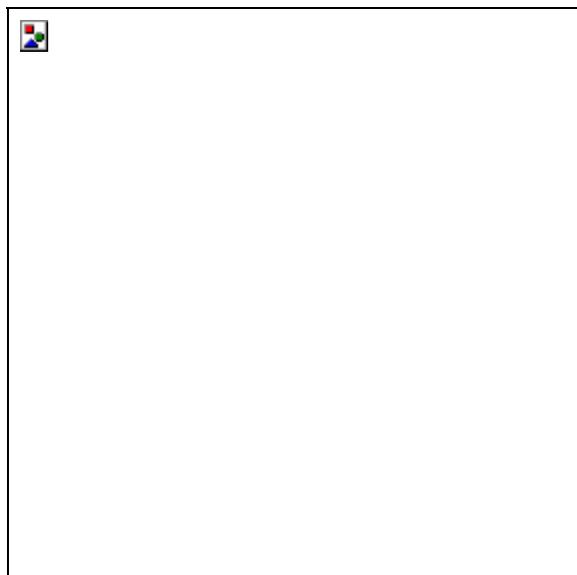


Figura 10

mais afortunados.”¹²² A violência contra as crianças era tão grande que o governo implantou um programa onde as crianças com mais de 13 anos eram obrigadas a trabalhar. “Desde então, milhões deles foram arrebatados às famílias afim de serem utilizados no trabalho das minas e das fábricas.”¹²³

Por viverem em uma sociedade violenta, onde a ameaça fazia parte do cotidiano, as brincadeiras infantis mais comuns eram “Prisão” e “Extermínio”. Entretanto, o pior problema era a vigilância mental, que distorcia e mutilava os sentimentos de compaixão e justiça. “Na Rússia colete de aço revestir-lhes-ia a mente, seus melhores instintos seriam destorcidos, seus sentimentos mutilados... não há lugar para a brandura, simpatia, ou independência mental. O único meio de subsistir é conformar-se.”¹²⁴

O problema da habitação também foi lembrado, pois a ausência de privacidade dificultava a educação dos filhos, “com um só quarto servindo de morada a toda uma família, não há como ocultar a realidade biológica, em defesa da inocência.”¹²⁵ Por passarem por tantos sacrifícios como a falta de alimentos e de medicamentos, a impossibilidade de manter uma habitação limpa e com privacidade, o casal decidiu viver nos Estados Unidos.

Ao contrário do ideal de maternidade utilizado pelos anúncios analisados anteriormente, o relato desta mãe soviética descrevia a forma utilizada pelo comunismo para tratar as suas crianças. A alegria, a alimentação farta, a preocupação com a saúde e a responsabilidade pela educação dos filhos eram substituídos pelo descaso e a crueldade que o regime comunista

¹²² Ibid. p. 46.

¹²³ Id.

¹²⁴ Ibid. p. 47.

¹²⁵ Ibid. p. 44.

dispensava às crianças. Parte delas tinha se transformado em mendigas, outras foram arrancadas dos familiares para trabalhar em campos de trabalhos forçados, minas ou indústrias, outras delatavam a prática religiosa dos seus pais para sobreviver. Estas imagens causariam pânico e pavor em qualquer família – deste grupo, principalmente as mães, que se identificariam com a autora simplesmente porque eram mães como ela.

No Ocidente acontecia o contrário. As mães tinham como educar os seus filhos. O Estado não interferia na educação das crianças e a sociedade de consumo trazia novidades para auxiliá-la. Fraudas, cremes, comidas enlatadas e eletrodomésticos permitiam uma dedicação maior aos filhos, já que as outras tarefas tornaram-se mais fáceis.

Entre os anos 45 e 60, a compra de refrigeradores e lavadoras de roupas cresceu mais de 20%, fazendo com que estes produtos estivessem presentes nas casas de mais de 85% da classe média norte-americana. Outros utensílios, como o aspirador de pó, a lavadora de louça e a enceradeira, deixavam as casas repletas de novidades. O gigantesco consumo de eletrodomésticos no Brasil também foi percebido nos constantes anúncios destes produtos em *Seleções* e em outras publicações nacionais, como nas revistas *O Cruzeiro*, *Manchete* e até nos Almanques farmacêuticos de circulação regional, como o Almanaque Renascim Sadol.

A grande maioria dos anúncios dos produtos utilizados em casa, como os eletrodomésticos e os móveis, se direcionavam às donas de casa. Como, naquela época, o modelo da mulher norte-americana de classe média não trabalhava fora de casa, a sua função social era cuidar da casa, da família e dos filhos. Uma reportagem publicada na revista *Life* de 1956 descrevia a mulher de classe média norte-americana ideal.

Com 33 anos, era uma bonita e popular dona-de-casa suburbana, mãe de quatro filhos, casada desde os dezesseis anos. Descrita como uma excelente esposa, mãe, anfitriã, voluntária e administradora do lar, ela fazia suas roupas, preparava dúzias de jantares por ano, cantava no coral da igreja (...) e era devotada ao seu marido. “Na sua rotina”, *Life* dizia, “ela ia em clubes e em encontros de caridade, levava os seus filhos à escola, fazia as compras semanais na mercearia, fazia cerâmica e planejava estudar francês”.¹²⁶

Como era uma *excelente dona de casa e administradora do lar*, a mulher era o tema central dos anúncios dos eletrodomésticos. Como elas conheciam os trabalhos domésticos, garantiam a qualidade dos produtos anunciados, como o motor para máquina de costura Arno, que oferecia “Mais tempo livre para dedicar a seus filhos! Para cuidar do seu lar!” promessa esta reforçada pela imagem colocada ao fundo, onde aparecia a mãe brincando com as crianças (Figura 11). O ideal de mãe e esposa era utilizado para reforçar os benefícios do produto, pois uma das formas da mãe cuidar da casa e da família era costurar para elas.

Os anúncios de *Seleções* também refletiam as representações ideais da mulher brasileira. Nos anos 50 a sociedade valorizava a domesticidade e a maternidade. As revistas femininas e os almanques farmacêuticos da época apresentavam um modelo familiar similar ao norte-americano: a família ideal era branca, de classe média, consumia os produtos anunciados e tinha as funções bem definidas: “os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os

¹²⁶ Citado por TINDALL, op. cit. p. 822.

responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura.¹²⁷

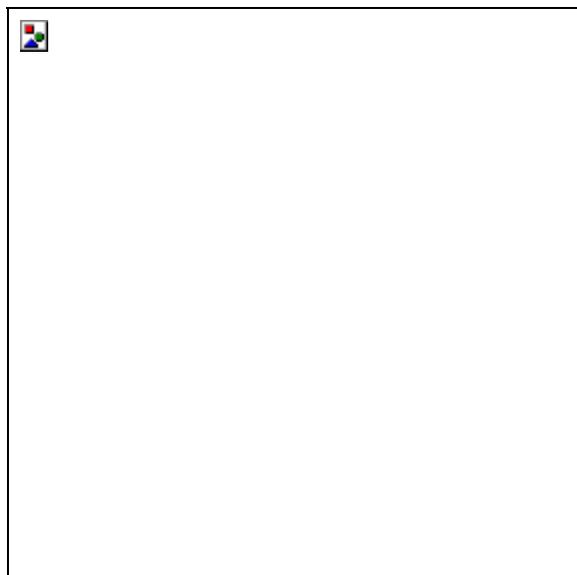


Figura 11

Tal como o modelo feminino apresentado pela revista *Life*, as publicações nacionais indicavam qual seria o melhor comportamento para a mulher. Quando analisou as regras de conduta direcionadas às mulheres publicadas no Almanaque Iza, Margareth Brandini Park as resumiu assim,

Como rainha do lar é indispensável que faça deste um lugar atraente. O cardápio deve ser repleto de novidades, fugindo da rotina. Nos momentos de folga deverá informar-se sobre os negócios do seu marido para poder trocar idéias com ele. As adversidades devem ser superadas com coragem e resignação. A sogra e os parentes devem ser bem tratados. Privilegiar a harmonia, acomodando-se às pequenas diferenças. Atualizar-se com leitura, notícias para acompanhar seu marido e, além de tudo isso, ao fazer um vestido, preocupar-se com o gosto do seu marido em relação à cor e ao estilo!¹²⁸

As invenções tecnológicas e modernas como enceradeiras, alimentos enlatados e produtos de limpeza também utilizavam as representações sobre a mulher, pois era ela quem comprava os produtos que prometiam facilitar a rotina dos trabalhos domésticos, garantiam economia de tempo e dinheiro, possuíam qualidade, traziam facilidades, etc.

Esta imagem ideal de maternidade e domesticidade transmitida nos meios de comunicação aplicava-se às elites, às classes altas e parte da classe média. Discordando da representação ideal, muitas mulheres norte-americanas, principalmente as casadas, tinham um trabalho regular. Com a Segunda Guerra Mundial mais de 6,5 milhões de mulheres foram trabalhar em funções consideradas até então masculinas em nome do esforço de guerra. Mas,

¹²⁷ BASSANEZI, Carla. Mulheres nos anos dourados. In.: PRIORE, Mary Del. (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo, Contexto, 1997, p. 608-9.

contrariando as expectativas de retornar ao lar, 75% delas continuaram trabalhando. Em 1960, 40% das mulheres acima de dezesseis anos trabalhava, apontando um crescimento de 50% em relação a 1940.

No Brasil, a participação feminina no mercado de trabalho também aumentou. Além dos fatores econômicos, como ajudar o marido com os gastos familiares, estas mulheres buscavam independência e trabalhavam como secretárias, caixas de banco, garçonetes, professoras, vendedoras, enfermeiras e em outros ofícios que não ofereciam resistência em empregar mulheres.

Na publicidade de *Seleções* foram encontradas várias representações de mulheres trabalhando. Durante os anos 40, elas apareciam indiretamente, em anúncios direcionados às empresas e ao público em geral. Nos anúncios de companhias aéreas estavam as aeromoças; as enfermeiras apareciam nos anúncios de medicamentos e, com uma frequência muito maior, as secretárias e as auxiliares de escritório estavam nos anúncios de máquinas de escrever, calcular e ditar, como mostrava o anúncio das máquinas Burroughs (Figura 12). Nele, as secretárias apareciam para valorizar as máquinas de somar, calcular, máquinas de contabilidade e caixas registradoras. Por isto elas estavam representadas em segundo plano e em traços simplificados, pois não deveriam despertar a atenção.

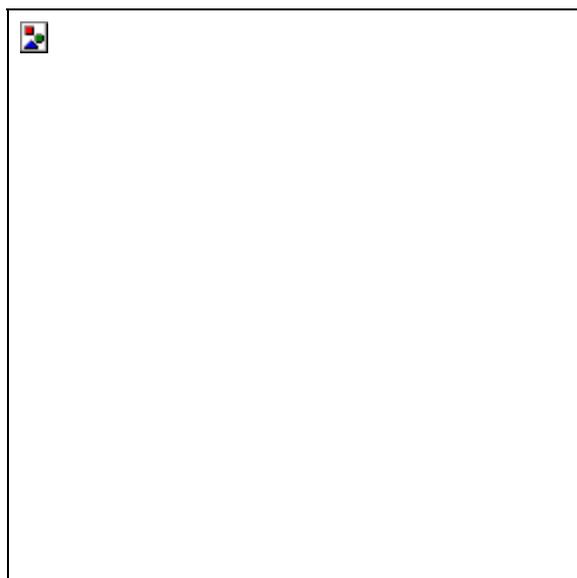


Figura 12

Em uma proporção bem menor, mulheres trabalhando apareciam em anúncios de produtos femininos, como os de absorvente feminino (Figura 13). Ao apresentar os benefícios que o produto oferecia a mulher “*Durante ‘aquêles dias’*”, a imagem trazia uma mulher trabalhando em um consultório médico. Como ela estava ocupada o dia todo, precisava de um produto confortável e seguro. A reportagem ainda oferecia um cupom que enviaria às consumidoras um livro chamado “Ser quase mulher ... e ser feliz”, “que ajuda as mulheres a passarem os dias críticos com despreocupação e conforto”.

¹²⁸ PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. Campinas, Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil, São Paulo, Fapesp, 1999, p. 92.

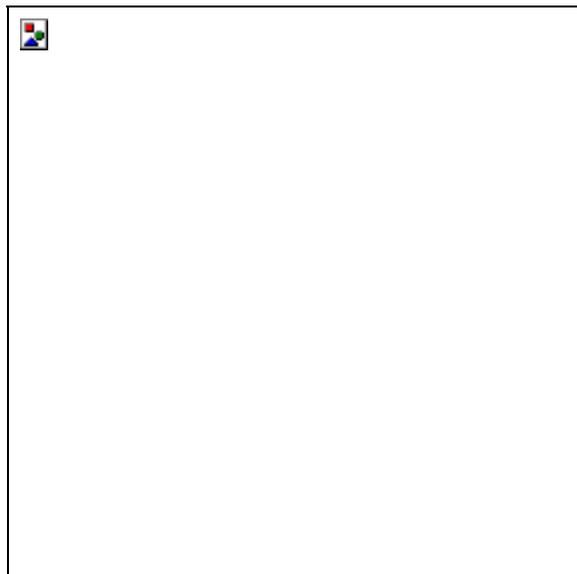


Figura 13

Como o número de mulheres que trabalhavam fora de casa aumentou muito nos anos 50, também aumentaram as representações da mulher que trabalhava fora de casa nos anúncios direcionados ao público feminino. Como o trabalho poderia reduzir a feminilidade e a delicadeza da mulher, as revistas femininas traziam sugestões de comportamento e cuidados com a aparência para que as mulheres continuassem femininas.¹²⁹ Por este motivo, todos os anúncios de *Seleções* mostravam mulheres bonitas e felizes com o seu trabalho.

Todavia, para as mulheres que viviam sobre o jugo comunista, as dificuldades não estavam apenas em casa. A maioria dos russos recebia salários baixos e sofria com o triste espetáculo do trabalho feminino, como apontou a reportagem que já foi analisada “Assim é hoje Moscou”¹³⁰.

Vêm-se nas ruas de Moscou mulheres que quebram gelo, carregam lixo e removem neve no inverno sob as ordens de capatazes masculinos. As mulheres também dirigem os bondes e os ônibus e é com razoável habilidade que recolocam a alavanca dos bondes no fio-trole, quando ela escapole, o que acontece várias vezes em todas as viagens. A Rússia Soviética sem dúvida alguma conseguiu tornar as suas mulheres suficientemente sujas para qualquer tarefa que lhes seja determinada¹³¹.

A situação da mulher também foi narrada na reportagem “Não há descanso para os russos”, já trabalhada anteriormente. A primeira página já destacava a situação das mulheres que trabalhavam. Na imagem utilizada como âncora, apareciam algumas mulheres mal vestidas que trabalhavam em uma construção (Figura 14). As duas mulheres que destacavam-se estavam erguendo uma parede com tijolos.

Como a imagem reforça, as mulheres russas eram obrigadas a trabalhar até mesmo em serviços que necessitavam de força e eram considerados masculinos. Até uma senhora de 63 anos teve que construir a sua casa com as próprias mãos “seus utensílios foram uma pá, um

¹²⁹ Bassanezzi, op. cit. p. 624.

¹³⁰ O'DANIEL, John. Assim é hoje.... op. cit. p. 96.

¹³¹ Ibid. p. 99.

machado e uma trolha. Os materiais eram gesso, que retirava do quintal e misturava com palha para fazer uma espécie de tijolo, e um carregamento de madeira que escolheu da demolição nas ruas.”¹³²

Como o marido ganhava pouco e não tinha condições de sustentar a família,

“quase todas as mulheres russas trabalham ... as mulheres nem sempre trabalham em ofícios simples. Muitas vezes dedicam-se a fazer muros de tijolo ou a nivelar estradas. A primeira equipe de mulheres soviéticas que vi estava ocupada em limpar neve de dez centímetros de altura e gelo nas ruas de Moscou. Embora a temperatura estivesse muito abaixo de zero, elas quebravam o gelo com barras de ferro e lançavam enormes pedaços, com as mãos nuas, para dentro do caminho.”¹³³

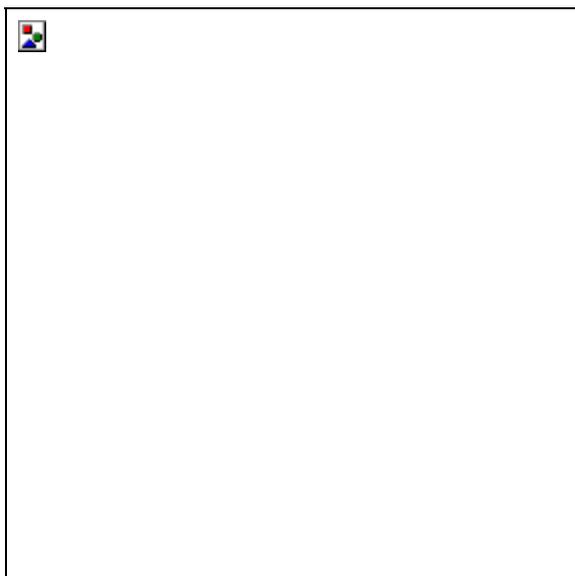


Figura 14

Além de trabalharem, elas enfrentavam dificuldades como donas de casa. Para conseguir comprar os mantimentos, tinham que levantar cedo para adquirir os produtos antes que acabassem. Desta forma evitavam chegar atrasadas ao serviço para não receberem mais reduções salariais.

Apesar destes esforços, a quantidade de alimentos era escassa. Com exceção dos funcionários privilegiados, como cientistas, membros do exército e políticos, a maioria da população comprava os alimentos nos armazéns estatais, que estipulavam a quantidade a ser entregue por semana: “... tem-se direito a uma ração semanal de cerca de 750 gramas de carne e meio quilo de manteiga ou banha”¹³⁴. Quando faltavam, eram substituídos por leite em pó. Nas vitrines, os alimentos expostos, como queijos e presuntos, eram de plástico e quase não existiam na União Soviética. A única opção para variar o jantar, sopa de repolho com pão escuro, era passar nas feiras livres e tentar encontrar algum alimento de qualidade. Além destas privações, as mulheres russas não possuíam belas roupas – “só *trapos*” e, quando podiam, trocavam as roupas novas por comida.

¹³² FISCHER, John. Não há descanso para ... op. cit. p. 54.

¹³³ Ibid. p. 55 e 56.

¹³⁴ Ibid. p. 56.

No comunismo era difícil para a mulher cuidar da casa e dos filhos porque devia trabalhar para ajudar no sustento da casa. Mas a função executada pelas mulheres e as condições de trabalho eram completamente diferentes. A descrição do trabalho feminino em serviços pesados, tradicionalmente executados por homens, chocava-se com as representações do trabalho feminino no Ocidente. Ainda por cima, no comunismo elas ainda praticavam esforços sobre-humanos para conseguir comida.

Já no mundo Ocidental, retratado pela revista, além da imagem da dona de casa, cercada por produtos eletrônicos que proporcionavam conforto e abundância; e da mulher realizada porque trabalhava fora de casa, a publicidade da revista apresentou o ideal de beleza e sedução, utilizado nos anúncios de produtos para vestuário, beleza e higiene.

Nas publicidades, tanto os produtos masculinos como os femininos apelavam para as carências pessoais quando ofereciam um auxílio para os consumidores. Utilizando-se de pessoas famosas, imagens de casais ou homens e mulheres bem apresentados, estes produtos afirmavam que os padrões de beleza só seriam alcançados com o consumo do produto anunciado, prometendo resultados como a conquista de um novo emprego ou o encontro com a pessoa ideal para o casamento. Como estas eram as mercadorias mais anunciadas em *Seleções*, exemplos não faltavam.

Muitos anúncios traziam imagens de pessoas sedutoras, parecidas com os atores e as atrizes famosas. A publicidade da marca 'Elizabeth Arden' destacava que "*ALGUMAS já nasceram belas ... TODAS podem alcançar a beleza seguindo Tratamento Básico de ELIZABETH ARDEN*" (Figura 15).

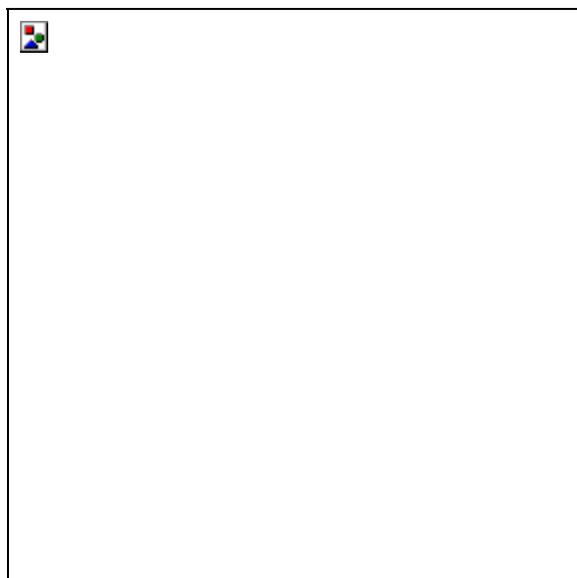


Figura 15

Além de sofrer com a educação dos filhos, com a falta de alimentos e com os trabalhos pesados, as mulheres que viviam na União Soviética tinham problemas com a sua aparência. A leitura da reportagem "Terra de leite e mel", uma narrativa sobre a vida de um piloto que conseguiu fugir do comunismo, informava sobre a dificuldade de encontrar uma mulher bonita e bem vestida nas ruas da Rússia Comunista. Apenas as atrizes, bailarinas, esposas de altos funcionários e estrangeiras tinham condições de vestir-se bem. "Há na Rússia, ainda, outra

pequena classe de mulheres elegantes. Entretanto (...) são agentes da NKVD (polícia secreta comunista) e que empregam os seus encantos como arma”¹³⁵

Reportagens como esta eram capazes de abalar qualquer indiferença em relação ao comunismo, pois o controle do governo alcançava até a manipulação da beleza feminina para conseguir privilégios políticos. As mulheres que viviam nos países da União Soviética, como sustentou *Seleções* não tinham a liberdade para educar os seus filhos como desejavam, não podiam escolher uma profissão agradável e não desfrutavam da abundância da sociedade de consumo. No comunismo não havia privacidade nem respeito à individualidade, pois as casas eram minúsculas e ocupadas por duas ou mais famílias. As roupas, os sapatos e os móveis eram péssimos.

Diante de tantas informações sobre abundância e felicidade, presente nas páginas de *Seleções*, ficaria difícil para um cidadão ocidental apoiar tal proposta política, principalmente porque ela trazia a pobreza, o controle, a violência, a fome, a prostituição e a escravidão.

No texto e nas imagens publicitárias dos produtos alimentares, das utilidades para a casa, dos produtos para a higiene pessoal e a saúde, do vestuário, da beleza e do lazer destacavam-se as representações que cada indivíduo tinha da sociedade ocidental das décadas de 40 e 50. Nestas imagens, identificou-se a família idealizada, com pais e filhos vivendo em um mundo de plena felicidade e harmonia porque usavam os produtos anunciados.

A prosperidade norte-americana também esteve retratada no cinema e na televisão. A grande circulação destes valores trazia a sensação de pertencimento a uma sociedade abundante. Neste processo, o consumo do olhar se satisfazia com a grande oferta dos objetos, e a posse de apenas um deles equivalia ao consumo da totalidade de produtos. “A evidência do excedente, a negação mágica e definitiva da rareza, a presunção materna e luxuosa da terra da promessa”¹³⁶ encantam e valorizam ainda mais os Estados Unidos. Ao mesmo tempo, a representação de tanta fartura denegria fortemente o comunismo, provocando o medo de carência, fome, falta de segurança e injustiça, valores estes importantes para qualquer ser humano.

¹³⁵ WHITE, W. L. Terra de leite e mel. **Seleções do Reader's Digest**, setembro de 1949, p. 110.

¹³⁶ BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa, Edições 70, s/d, p. 16.

Capítulo 3

O Anticomunismo

3.1 A Cortina de Ferro ameaça os povos livres

Desde 1945 os Estados Unidos se deparavam com uma nova situação na política mundial. A França, a Inglaterra e a Alemanha eram as maiores potências mundiais até o início da Segunda Guerra Mundial, pois em 1945 elas não tinham mais condições de exercer o seu poder por estarem destruídas pela guerra. Os Estados Unidos, por outro lado, se beneficiaram com o conflito e já estavam assumindo a posição de potência mundial. Da mesma forma, mesmo com os problemas resultantes da guerra, a União Soviética também emergiu como uma potência.

Neste período, a política norte-americana já tinha consciência dos privilégios adquiridos e, diante de um vazio de poder internacional, houve um debate sobre qual deveria ser a melhor direção para a política externa norte-americana, o isolacionismo ou o intervencionismo. Caso a direção tomada fosse influenciada pelo isolacionismo, os Estados Unidos continuariam sofrendo as conseqüências dos conflitos internacionais nos seus negócios.

A revista *Seleções* já trazia referências sobre este debate nas primeiras publicações do pós-guerra. Em janeiro de 1946, a reportagem “São tão ricos os

Estados Unidos”¹ explicava que, ao contrário do que afirmava a imprensa internacional, os Estados Unidos não haviam enriquecido pelo aumento da produção, durante o conflito mundial. Por isto, as obrigações que os outros países desejam impor aos Estados Unidos “de que, uma vez estabelecida a paz mundial, os Estados Unidos devem gastar umas quantas centenas de milhões nisto ou naquilo, ou que o governo americano deve garantir tais ou quais tipos de empréstimos, ou que será unicamente um benefício para todos, se emprestarmos alguns bilhões de dólares aqui ou ali”², não podem ser postas em prática sem que “não importe ao povo criar terríveis dificuldades no futuro”.³

Para sustentar tal argumento, o autor explicava que o dinheiro que os Estados Unidos tinham naquele momento não eram uma riqueza real, mas sim aplicações resultantes do lucro da venda de mercadorias. Mas “os bilhões de dólares que o povo americano tem em bônus, em depósitos nos bancos e em dinheiro, não constituem riqueza real. Porque, em grande parte, eles representam simplesmente mercadorias que já não existem”.⁴

Ao apresentar um ponto de vista desfavorável sobre a possibilidade dos Estados Unidos emprestarem dinheiro aos outros países, a reportagem mostrava a existência de um pensamento contrário ao intervencionismo. Segundo a reportagem, se Estados Unidos assumissem tal posição, seriam prejudicados no futuro.

Por outro lado, na mesma edição da revista, outra reportagem tinha um posicionamento favorável ao fornecimento de mercadorias aos países que sofreram as conseqüências da guerra. Através de uma explicação simplificada sobre o funcionamento do comércio exterior, a reportagem “O perigo dos saldos favoráveis”⁵, questionava como os estrangeiros pagariam os produtos norte-americanos se eles não tinham dólares disponíveis? Segundo a reportagem, existiam quatro formas. “Em pagamento de mercadorias que foram enviadas aos

¹ ROBEY, Ralph. São tão ricos os Estados Unidos? **Seleções do Reader's Digest**. Janeiro de 1946, p. 74.

² Id.

³ Ibid. p. 75.

⁴ Id.

⁵ CHASE, Stuart. O perigo dos saldos favoráveis. **Seleções do Reader's Digest**. Janeiro de 1946, p. 97.

Estados Unidos. Em pagamento de serviços que foram prestados a este país. Como empréstimo. Como presente.”⁶

Segundo o autor, emprestar dólares para incentivar o comércio internacional não era a melhor forma de resolver o problema de abastecimento dos países que participaram da guerra. “Eu não me oponho que um país dê mercadorias a outro. Os países aliados em guerra precisam de armamento. Tanto amigos como inimigos, com a terminação da guerra, precisam de alimentos, produtos médicos e material de construção.”⁷ Adotar esta prática seria vantajoso, pois

não nos esqueçamos de que os presentes voltam àquele que nos dá, de muitos modos, e muitas vezes multiplicados. Não podemos esquecer que a poderosa situação econômica dos Estados Unidos poderá vir a necessitar de algum modo de subscrição livre, para que seja preservada a paz do mundo. Não existe virtude especial alguma em mandar mercadorias para o estrangeiro, somente pelo prazer de fazê-lo. Isso vem a dar no mesmo que dizer, que quanto menos tivermos, em melhor situação estaremos.⁸

Ao invés de incentivar o comércio, a reportagem informava que o envio de mercadorias para os países aliados e até mesmo para os inimigos da guerra não era prejudicial à economia norte-americana. Ao contrário do que afirmava a primeira reportagem, esta já comentava que os Estados Unidos possuíam uma “poderosa situação econômica”. Entretanto, ele poderia precisar de aliados para manter a estabilidade mundial. Ou seja, intervir na economia mundial traria benefícios futuros aos Estados Unidos.

Para preservar a sua segurança política e econômica e evitar qualquer ameaça aos seus interesses, passou a ser mais proveitoso para os Estados Unidos manter a estabilidade mundial.

Inicialmente, essa percepção indicava os riscos que a desestabilização interna do continente europeu e do mundo, depois da Segunda Guerra, representavam para os interesses norte-americanos e, depois de 1946, os riscos do comunismo. A possível expansão do comunismo trazia a necessidade de construir redes de proteção contra os soviéticos regional e globalmente, contendo a sua disseminação – duplamente, visava-se construir uma ordem internacional estável e duradoura e que prevenisse a consolidação e o aumento da influência do poder rival.⁹

⁶ Ibid. p. 99.

⁷ Ibid. p. 100.

⁸ Id.

⁹ PECEQUILO, Cristina Soreaunu. **A política externa dos Estados Unidos**. Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 2003, p. 128.

O final da Segunda Guerra trazia para os norte-americanos o desafio de promover uma ordem mundial que favorecesse os seus interesses. As primeiras medidas foram estabelecidas em 1944 nas Conferências de Dumbarto Oaks e Bretton Woods, onde decidida a criação das Nações Unidas, do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional – FMI. Estas instituições deveriam submeter os países a uma regulamentação sobre as relações internacionais para evitar um novo conflito mundial e, através da defesa do livre comércio, evitar a deflagração de uma grande crise econômica.

No pós-guerra, a revista *Seleções* trouxe diversas reportagens sobre a importância de regulamentar as relações internacionais para o estabelecimento da paz mundial. De acordo com a revista, esta não era só uma preocupação dos líderes norte-americanos, mas de toda a população daquele país. Um texto publicado em 1946 destacava a mobilização da própria comunidade norte-americana em defesa da paz.

A reportagem “Heraldo da federação mundial”¹⁰, narrava a história de Robert Lee Humber, um advogado que lutava pela formação de uma federação mundial, “uma organização dentro da qual cada país conservaria sua soberania interna, delegando a um governo mundial somente aqueles poderes necessários para manter a lei e a ordem entre as nações. A seu ver, essa é uma finalidade vital superior a da ONU.”¹¹

O seu projeto, segundo a revista, começou em 1939 quando Humber passou a difundir suas idéias entre os vizinhos. Como todos gostaram, ele palestrou em Igrejas, clubes cívicos, hospitais até que, em 1945, apresentou a proposta sobre a formação da federação mundial na Câmara Legislativa de Missouri. Alí já superou as primeiras barreiras quando convenceu um deputado isolacionista sobre a importância da existência de uma regulamentação mundial. O próprio deputado compreendeu “que a paz e a segurança em nossas comunidades são baseadas na lei. Isso é verdadeiro em relação a nosso estado e a nosso país. Por que não seria entre as nações?”¹² Alí e em outros 14 estados o seu projeto foi aprovado e estava sendo discutido em outros 19 estados norte-americanos.

¹⁰ ARMSTRONG, O. K. Heraldo da federação mundial. **Seleções do Reader's Digest**. Julho de 1946, p. 79.

¹¹ Ibid. p. 80.

¹² Ibid. p. 89.

A narrativa finalizou comentando que Humber conseguiu falar com 40 delegados que estavam na conferência das Nações Unidas realizada em São Francisco. “Muitos deles ... prefeririam uma organização mundial mais forte do que a representada pela ONU.”¹³ Mesmo questionando a eficiência dos tratados internacionais, já que acreditava ser mais eficiente uma legislação regulamentada e controlada pela ONU, Humber destacava que as nações “deram um passo na direção acertada. Em conseqüência, devemos apoiá-las e trabalhar para o próximo e inevitável passo: a federação mundial. A oportunidade dessa idéia já chegou.”¹⁴

A valorização do espírito de iniciativa do cidadão norte-americano, que privilegiava as ações e a praticidade na resolução dos problemas, bem como a federação, lugar onde a garantia da igualdade está na eficiência de uma lei, contribuiu para formar o imaginário da excelência da sociedade norte-americana. A história de Humber, um cidadão repleto de iniciativa que agia para estabelecer a igualdade entre os povos, reforçava a imagem de uma nação preocupada em estabelecer o bem-estar mundial porque esta era a sua missão. Naquele momento histórico, quando as Nações Unidas estavam iniciando suas atividades, esta reportagem favorecia os interesses norte-americanos através de um homem, que lutava pela paz sem buscar nenhum benefício para si.

Ainda sobre o estabelecimento da paz mundial, em dezembro de 1946, a reportagem “Tenho fé na paz”¹⁵ foi escrita pelo ex-Chefe das Delegações Americanas na elaboração da Carta das Nações Unidas. Apesar de todas as dificuldades impostas pela União Soviética em resolver os limites dos membros do Conselho de Segurança, o autor “confiava, cada vez mais, na capacidade desta de manter o mundo a salvo de outra guerra mundial”¹⁶

As constantes imposições colocadas pela União Soviética, como afirmava a reportagem, eram uma maneira dos comunistas defenderem-se de todas as resoluções que acreditavam ser prejudiciais aos seus interesses, “mesmo quando

¹³ Ibid. p. 82.

¹⁴ Id.

¹⁵ STETTINIUS, Edwar R. Jr. Tenho fé na paz. **Seleções do Reader's Digest**. Dezembro de 1946, p. 20.

¹⁶ Id.

... são ... um gesto de amizade sincera.”¹⁷ Essa insegurança manifestada em uma luta pela auto-preservação era a própria consciência dos líderes soviéticos que o comunismo não representa a maioria da humanidade.

A vasta maioria do povo do mundo pratica uma economia que é predominantemente o capitalismo privado. O comunismo da União Soviética é um modo de vida minoritário; e a Rússia se vê desafiada por um modo de vida oposto, que é imensamente superior em matéria de população, recursos naturais e capacidade produtiva, e *em número devotos nas Nações Unidas*.¹⁸

O texto de Stettinius ainda afirmava que alguns líderes industriais soviéticos já valorizavam a eficiência e a produtividade, como todos os industriais norte-americanos, e reconheciam o exemplo benéfico de “habilidade e poder produtivo”¹⁹ dos Estados Unidos “numa época de prosperidade e paz para todos os povos.”²⁰

Isso significava que todos os povos, até mesmo os comunistas, segundo Stettinius, desejavam conquistar melhores condições de vida. “Com seu capital e sua técnica, são justamente os americanos que, tomando a liderança na demolição das barreiras ao comércio mundial, estão mais habilitados a manter os altos padrões de vida que serão a consequência inevitável de tal desenvolvimento.”²¹ Até mesmo os povos mais atrasados, com o seu próprio esforço, poderiam alcançar o desenvolvimento com a assistência norte-americana. Todos estes benefícios, garantidos pelas Nações Unidas, ajudariam no estabelecimento da paz e diminuiriam até mesmo as diferenças entre os comunistas e os capitalistas.

Quanto mais nos concentrarmos coletivamente numa paz como essa, menos discutiremos divergências ideológicas. Creio, na realidade, que essas divergências tendem a enfraquecer, e isso acontecerá, aliás, em favor da democracia. Quanto mais os russos virem os regimes democráticos em atividade de cooperação internacional, tanto mais cedo atingirão maior liberdade no seu próprio modo de vida. Há uma raiz de liberdade em toda alma humana. Os Estados Unidos, não somente por exemplos constantes no seu país, mas por aplicação útil da mesma no estrangeiro, podem ajudar essa semente a florescer no mundo inteiro.²²

¹⁷ Ibid. p. 23

¹⁸ Ibid. p. 22.

¹⁹ Ibid. p. 23.

²⁰ Id.

²¹ Id.

²² Ibid. p. 24.

O mito da excelência norte-americana também foi encontrado nesta reportagem. Nela, os Estados Unidos eram o exemplo de sistema produtivo, de sucesso econômico, de bem-estar e de qualidade de vida. Por isto eles deveriam levar o seu modo de vida aos outros povos para ajudar no desenvolvimento e no estabelecimento da paz mundial. A missão norte-americana era a garantia do sucesso das Nações Unidas e justificava a necessidade dos Estados Unidos participarem ativamente da ordem mundial. Mas em nenhum momento o texto destacou quem seria a nação que mais se beneficiaria com o livre comércio. Esta era mais uma propaganda positiva em favor do intervencionismo.

Os únicos empecilhos estavam sendo impostos pela União Soviética, que tentava defender os seus interesses porque tinha consciência de ser minoria. Mas o próprio sistema econômico era capaz de resolver estes problemas porque traria desenvolvimento para todos os povos. Isto seria capaz de fazer com que os comunistas percebessem as vantagens da democracia e começassem a mudar a favor da liberdade.

No caminho trilhado para a hegemonia mundial dos Estados Unidos, estava a União Soviética. As duas potências começaram a entrar em desacordo ainda no final da Segunda Guerra, quando os três líderes vencedores se encontraram para decidir qual seria o destino da Alemanha e dos países do Leste europeu. A União Soviética não abdicou dos seus interesses em manter o controle sobre os países da Europa Oriental, uma compensação pelas perdas da guerra e também uma faixa de segurança que evitaria possíveis invasões vindas do Oeste europeu.

No mesmo ano a revista *Seleções* já trazia reportagens que informavam sobre a resistência soviética em abrir mão dos seus interesses em favor da paz. Em Janeiro, uma reportagem de oito páginas explicava qual deveria ser o melhor caminho para estabelecer acordos com a União Soviética. Escrita por William Hard, “Oito passos no sentido da concórdia com a Rússia”²³ informa aos leitores quais eram os problemas que estavam dificultado a elaboração dos acordos mundiais entre os Estados Unidos e a União Soviética.

Segundo o texto, os líderes comunistas estavam tentando estruturar um império econômico nos países ocupados.

²³ HARD, William. Oito passos no sentido da concórdia com a Rússia. **Seleções do Reader's Digest**. Janeiro de 1946, p. 45.

Em quase toda a Europa Central, 'libertada pelo Exército Vermelho', a União Soviética leva avante uma política de degredos e perseguições, afasta ou constringe os observadores estrangeiros e instala governos controlados por comunistas responsáveis unicamente perante Moscou. Trata de fazer de meia dúzia de países - desde a Polônia no Báltico até a Iugoslávia no Adriático - meros apêndices.²⁴

Estas ações não foram evitadas, de acordo com o autor, pelos Estados Unidos e pela Inglaterra porque todos estavam tentando estabelecer esferas de influência na Europa, onde cada país se responsabilizaria pela administração da sua região. A Grécia, por exemplo, estava na esfera britânica, a Itália, nos Estados Unidos, e assim foi feito em todos os países. Como o Leste Europeu estava na esfera soviética, os norte-americanos e os ingleses não pretenderam interferir.

A reportagem anunciava que um dos problema que estava dificultado as relações internacionais referia-se aos poços de petróleo do Irã. Os Estados Unidos, sem consultar a União Soviética, permitiram "que as companhias de petróleo norte-americanas se dirigissem ao governo do Irã para obter novas concessões. Mais uma vez, a União Soviética pôde ver nisso uma tentativa da 'frente' ou 'esfera' anglo-norte-americana ... no lado de sua fronteira."²⁵

Da mesma forma, os ataques feitos pelos norte-americanos aos soviéticos, eram cada vez mais constantes. Como o questionamento de que os norte-americanos faziam aos soviéticos sobre a legitimidade do seu governo na Polônia, pois todos os responsáveis pelo governo eram comunistas submetidos a Moscou. A censura e o controle sobre a educação e a cultura também estavam nas mãos de comunistas. "Que garantia há nisso das eleições 'livres' prometidas à Polônia pelas três grandes potências em lalta?"²⁶

Diante destes desentendimentos, o autor se questionava sobre o sucesso na efetivação da paz. Para evitar uma nova guerra, que não estava distante, Hard apresentou oito passos capazes de solucionar todos estes problemas.

1 – Convidar a União Soviética para todas as conferências internacionais em que ela possa ter interesse, ... como as conservações e o desenvolvimento dos poços de petróleo do Irã ... ou ... sobre a questão vital do Dardanelos; ...

2 – Nomear para a toda a Europa libertada uma comissão de representantes autorizados da União Soviética, da Grã-Bretanha, da França e dos Estados Unidos, que tracem e

²⁴ Ibid. p. 46.

²⁵ Ibid. p. 47.

²⁶ Ibid. p. 48.

executem uma política que elimine quaisquer restrições ao esclarecimento da opinião pública naquelas regiões; ...

3 – Encarregar a Comissão da Europa Libertada, mencionada no segundo ponto, de acompanhar de perto as próximas eleições em todos os países libertados; ...

4 – Convidar a Rússia Soviética, bem como quaisquer outros países interessados, a chegar a acordo no sentido não só de negar a toda nação estrangeira qualquer privilégio político; ...

5 – Imitar as duas atitudes soviéticas que melhores resultados têm dado, no trato com os povos asiáticos. A primeira é ausência completa de discriminação racial. A segunda é o esforço sincero da Rússia de melhorar as condições econômicas do povo asiático; ...

6 – Colocar diante da União Soviética, imediatamente, o problema do desarmamento;

7 – Dar a União Soviética ... o auxílio dos Estados Unidos na reparação das tremendas devastações infligidas ... pelos alemães; ...

8 – E para entrar no caminho da paz a passos seguros, devemos dar o máximo de autoridade à Assembléia Geral de *todas as nações* na nova Sociedade das Nações fundada em São Francisco.²⁷

O autor concluiu destacando que a União Soviética era a nação mais poderosa, pois possuía o maior contingente humano disponível para formar um exército. “Não vamos, para que haja equilíbrio de poder, formar combinações de outras grandes potências contra ela. O único equilíbrio de poder de que os Estados Unidos devem participar é o de todos os seres humanos contra qualquer excesso de poder, onde quer que seja.”²⁸ Por isto era importante pedir a Deus para que o idealismo e o bom senso assegurem a paz mundial.

Os problemas existentes entre as duas nações, como o controle político exercido pelos soviéticos no Leste europeu, e as articulações políticas que beneficiaram apenas as empresas norte-americanas na extração de petróleo no Irã, deixando de fora os soviéticos; eram a causa dos desentendimentos do pós-guerra. Além de não culpar apenas os soviéticos, a reportagem também alertava sobre o perigo dos Estados Unidos articularem com outras nações contra a União Soviética. Como o seu poder era muito grande, cabia aos Estados Unidos estabelecer o equilíbrio no poder e lutar pela confraternização universal. Essa defesa relacionava-se ao receio de muitos norte-americanos entrarem em guerra novamente. Por isso era importante tentar concordar com a União Soviética.

A reportagem também fez referências indiretas aos problemas mundiais na Polônia, na Turquia, na Grécia e no Irã. Em 1946 efetivou-se o desentendimento com a União Soviética depois que esta começou a intervir na Turquia, na Grécia e no Irã. Essas ações foram interpretadas pelo governo norte-americano como um

²⁷ Ibid. pp. 48-52.

²⁸ Ibid. p. 52.

interesse que os soviéticos tinham de expandir os seus domínios pela Europa e Ásia.

No Irã, os soviéticos tentaram controlar a exploração de petróleo, enquanto na Turquia visavam o controle do estreito de Dardanelos, influenciando eventos na Grécia. Somados, esses acontecimentos reforçavam a imagem de que a União Soviética continuava sendo um poder expansionista e agressivo, ameaçando os Estados Unidos e seus aliados, não somente ao agregar novos territórios, mas ao deter e propagar uma visão de mundo diferente da norte-americana, sinalizando a expansão do comunismo.²⁹

Neste clima de tensão internacional, em 1946 Winston Churchill anunciou as primeiras representações que formaram o imaginário sobre a Guerra Fria. Primeiramente, o mito da expansão da União Soviética, que já dominava o Leste Europeu e estava disposta a conquistar toda a Europa, e a segunda referia-se a necessidade dos Estados Unidos assumir a liderança mundial contra a tirania que se estabelecia em alguns países da Europa.

A expansão de uma doutrina oposta aos interesses norte-americanos deixou de ser interpretada como uma ameaça imaginária após a tentativa soviética de controlar as vias marítimas do Bósforo na Turquia. A ação dos guerrilheiros comunistas gregos contra o protetorado Britânico aumentou ainda mais a preocupação em torno da expansão soviética e acabou influenciando a decisão dos Estados Unidos em assumir a defesa dos países que estavam sofrendo estas intervenções e garantir a liberdade do Ocidente.

Estas ações serviram para influenciar a opinião pública e o governo norte-americano a apoiar a Doutrina Truman, que pregava a necessidade de tomar algumas atitudes que assegurassem a segurança do território (ante a ameaça comunista) e garantissem os interesses da política externa norte-americana e a estabilidade do sistema econômico mundial. A reação norte-americana diante da ameaça comunista, a necessidade de intervir no conflito e a forma encontrada pela política externa norte-americana para reagir aos problemas internacionais originaram a contenção.

Como a revista *Seleções* também publicava algumas reportagens sobre os acontecimentos mundiais, em setembro de 1947 trouxe uma sobre os problemas da Grécia. Escrita por Winston Churchill, a reportagem “O que realmente

²⁹ PECEQUILO, op. cit., p. 136.

aconteceu na Grécia³⁰ descrevia a atuação da Inglaterra no conflito grego, que foi influenciado pelo comunismo, em 1944.

De acordo com Churchill, após a libertação da Grécia, que fora dominada pelos nazistas durante três anos, cabia aos aliados decidirem quem se responsabilizaria pela sua reconstrução. “Em tais circunstâncias o que havia a fazer, de acordo com os costumes do mundo de língua inglesa, era entregar o caso ao povo comum e humilde, para que este decidisse por votação secreta e sem intimidação.”³¹

Churchill dizia ainda que todos os aliados mandaram representantes para controlar as eleições, que foram consideradas válidas e leais aos interesses gregos. Entretanto, este processo democrático “foi ridicularizado em muitos círculos de esquerda. E os comunistas, naturalmente, deram largas aos seus lúgubres guinchos e miados”³², pois eram contrários ao estabelecimento do processo democrático.

De acordo com a reportagem, após as eleições, os comunistas realizariam um golpe de estado para tomar o poder. Em um processo “imposto por métodos de violência sangrenta em alta escala”³³, os “bandos de guerrilheiros comunistas”³⁴, que em nada tinham ajudado no processo de libertação dos nazistas, “iniciaram uma campanha de violência e assassinio contra os postos policiais e outras repartições do governo”³⁵. Com uma violência sem limites, “os piratas comunistas”³⁶ infiltrados no governo e que até então não estavam envolvidos na tentativa de tomar o poder, “retiraram-se do governo que parecia desmoronar-se, correndo como ratos a reunir-se aos guerrilheiros”³⁷.

Churchill comentou que, quando foi autorizado pelo monarca grego, que estava em Londres esperando os resultados das eleições, a defender a Grécia a todo custo, recebeu muitas críticas em Londres e nos Estados Unidos. Eles censuravam a “agressão imperialista britânica” que estava abrindo fogo contra a população para defender os seus interesses. Mas a imprensa internacional não

³⁰ CHURCHILL, Winston. O que realmente ocorreu na Grécia. **Seleções do Reader's Digest**. Setembro de 1947, p. 25.

³¹ Ibid. p. 26.

³² Id.

³³ Id.

³⁴ Id.

³⁵ Ibid. p. 27.

³⁶ Id.

³⁷ Id.

sabia que “os intrusos comunistas foram repelidos e finalmente expulsos (...). Em sua retirada, assassinaram pelo menos 20.000 homens, mulheres e crianças que não eram do seu agrado ou que eles encontravam pela frente”³⁸.

Mas Churchill assegurou que o saldo foi positivo, pois não foi implantado um governo comunista totalitário naquele país. Por isto, “todas as denúncias de imperialismo britânico na Grécia não passam de meros disparates.”³⁹ O autor ainda lembrou que naquele momento, era muito importante recordar de tais fatos, pois a partir destas informações era possível conhecer “todas as tendências e ansiedades das potências vitoriosas, e do juízo que dela fizermos dependem a paz e o futuro da humanidade.”⁴⁰

Novamente Churchill contribuiu com a formação do imaginário anticomunista. Neste texto, o ex Primeiro Ministro Britânico apresentou o inimigo da pior forma possível. Os comunistas eram ratos, seres sujos, que viviam nos esgotos e que transmitiam doenças. Eram também piratas, homens sem valores morais que roubavam e saqueavam apenas para beneficiar-se. Eram também homens traidores, que se infiltravam no governo para dar um golpe de estado e finalmente, eram os piores assassinos, pois mataram milhares de pessoas simplesmente porque não gostavam ou estavam atravessando o seu caminho. Segundo o autor, esses seres vis iriam tomar o poder. Por isto a coroa britânica não lutou por interesses imperialistas na Grécia, mas defendeu a população do inimigo. Além disto, Churchill destacou a importância de lembrar tais fatos para o estabelecimento da paz.

Tal violência praticada pelos comunistas seria útil para fazer com que a opinião pública apoiasse a intervenção norte-americana na Grécia e a Doutrina Truman.

Juntamente com as preocupações sobre qual deveria ser a melhor estratégia norte-americana na ordem mundial, a contenção já estava sendo estruturada desde 1945 através das questões sobre a defesa dos interesses norte-americanos. Ao invés de estabelecer o confronto direto, a melhor opção foi assumir uma posição defensiva para dificultar todas as ações soviéticas e evitar a sua expansão. Apesar das críticas realizadas à política de contenção, ela

³⁸ Id.

³⁹ Id.

⁴⁰ Ibid. p. 28.

conseguiu “sintetizar em seus termos a importância da ‘missão’ que cabia aos Estados Unidos no pós-guerra: a expansão dos povos livres e a sua proteção contra a ameaça comunista.”⁴¹

No seu trabalho sobre a política externa norte-americana, Cristina S. Pecequillo encontrou as bases da contenção em quatro documentos. O discurso de Truman no Congresso americano em 1947 sobre a intervenção da Grécia e da Turquia, o texto de George F. Kennan “Mr. X Paper”, publicado em 1947 e as resoluções do Conselho de Segurança Nacional NSC-20 de 1948 e o NSC-68 de 1950.

No discurso de Truman de 1947 ficou demarcado o perfil da política externa norte-americana durante a Guerra Fria. Para conter o comunismo, os Estados Unidos deveriam ajudar os povos que estivessem sofrendo ataques comunistas em nome da liberdade e da democracia. Baseada na impossibilidade da União Soviética e dos Estados Unidos entrarem em acordo por possuírem diferenças ideológicas, políticas e econômicas, a contenção decidiu combater o avanço comunista primeiramente na Grécia e na Turquia e depois na Europa Ocidental.

Novamente a revista *Seleções* contribuiu para apoiar as ações governamentais norte-americanas quando em dezembro de 1947 publicou a reportagem “A França em crise”⁴², escrita pelo embaixador norte-americano na França. Segundo o artigo, a França, esgotada após a ocupação nazista durante a Segunda Guerra Mundial, estava sofrendo com a ameaça comunista. Durante a guerra, o Partido Comunista francês também contribuiu para a expulsão dos alemães. Entretanto, assumindo inteiramente a responsabilidade por tal fato, o partido começou a acumular grandes somas de dinheiro devido ao roubo dos bancos e dos civis, “prenderam ricos industriais, cujas fábricas tinham trabalhado durante a ocupação, e ameaçaram-nos de morte caso não contribuíssem generosamente para os fundos do partido.”⁴³

O embaixador informou que os comunistas também estavam infiltrados nos sindicatos franceses, entre os camponeses, nas prefeituras das pequenas cidades e na própria política francesa. “Nas eleições de novembro de 1946,

⁴¹ PECEQUINO, op. cit., p. 141.

⁴² BULLITT, William C. A França em crise. **Seleções do Reader's Digest**. Dezembro de 1947, p. 89.

⁴³ Ibid., p. 90.

surgiram como o partido mais forte da França, com 169 dos 618 deputados à Assembléia. (...) Em oposição, encontra-se o Movimento Republicano Popular, ... que recebe forte apoio dos sindicatos cristãos e dos elementos católicos mais conservadores.“⁴⁴

O perigo de uma invasão ordenada por Moscou, de acordo com o texto, era eminente. Em uma possível invasão, os comunistas podiam contar com os membros do partido, com os operários, políticos e “com o seu exército subterrâneo, cujo efetivo sobem a aproximadamente 150.000 homens, bem organizados e equipados.”⁴⁵ A única alternativa para o governo francês era contar com o auxílio dos países democráticos, capazes de assegurar as liberdades políticas. Para que não caia nas mãos de comunistas, “os Estados Unidos deverão dar ao governo da França auxílio adequado”⁴⁶, pois a crise econômica e a falta de produtos de primeira necessidade a deixavam mais vulnerável. O perigo era grave, pois caso os comunistas tomassem o poder,

a França ficará reduzida à condição da Polônia, no império dos satélites de Stáline. Um governo comunista na França significaria o controle de Stáline sobre todo o Império Francês: a África do Norte; o Senegal, com o seu grande porto de Dacar; em frete à saliência oriental do Brasil; Madagascar; Indo-China; Martinica, Guadalupe, e a Guiana Francesa, perto do Canal do Panamá; São Pedro e São Miguel, na embocadura do Rio São Lourenço.⁴⁷

Alarmando o público sobre as conseqüências de uma possível invasão comunista na França, o embaixador norte-americano reforçava a importância da ajuda norte-americana aos países europeus. A reportagem indiretamente afirmava que os norte-americanos não poderiam fechar os olhos diante de tamanha ameaça, já que a tomada da França e do seu império significaria a presença de comunistas em todos os continentes, dando uma força gigantesca ao desejo soviético de expandir os seus domínios por todo o mundo.

Também em 1947 foi publicada “Mr. X Paper”, de George Kennan. Neste artigo o autor justificava a contenção através de uma análise da política soviética. Kennan acreditava que o comunismo justificava o autoritarismo e a política de expansão do seu governo no antagonismo dos dois sistemas econômicos e na necessidade de levar a revolução socialista para acabar com o capitalismo.

⁴⁴ Ibid., p. 91

⁴⁵ Ibid., p. 92.

⁴⁶ Ibid. p. 93.

Kennan também apontava os problemas internos e o controle sobre a população como o veículo motor que iria destruir o comunismo a longo prazo. Mas nem por isto os Estados Unidos deveriam permitir a sua expansão na Europa e na Ásia.

Assim justificava-se a implantação do Plano Marshall. A recuperação econômica da Europa era uma forma de evitar a formação de governos totalitários. Com a estabilidade da região, os próprios países europeus começariam a defender-se do comunismo. Os Estados Unidos, ainda por cima, teriam como aliados as antigas potências mundiais para juntos protegerem a ordem mundial. Apesar de enfrentar a oposição de parte da sociedade, o Plano Marshall

constituiu o maior sucesso da política norte-americana no pós guerra. Lançou as bases de uma espantosa recuperação européia e ampliou o mercado de exportações norte-americanas. Uma vez que fornecia créditos e não dinheiro – e assim assegurava que os dólares de ajuda seriam gastos nos Estados Unidos – o plano promoveu um dos maiores surtos de prosperidade em tempos de paz da história norte-americana.⁴⁸

Esta pequena reportagem publicada em junho de 1949 (Figura 16) confirmava o sucesso do Plano Marshall para a economia norte-americana.

No início de 1948 a União Soviética, recusando o convite para participar do Plano Marshall, invadiu a Tcheco-Eslováquia e através de um golpe de Estado, os comunistas húngaros tomaram o poder. No mesmo ano, ela estabeleceu o *Koninform*, que passou a organizar os Partidos Comunistas da União Soviética, do Leste europeu, da França e da Itália para garantir a sua influência na Europa. A repercussão destas ações nos Estados Unidos fizeram com que a opinião pública e o Legislativo apoiassem o plano Marshall já que a tomada da Tcheco-Eslováquia comprovava o projeto expansionista soviético.

Como a União Soviética não se submeteu ao acordo norte-americano e agiu com uma postura mais agressiva, ainda em 1948 o Conselho de Segurança norte-americano publicou a resolução NSC-20. Ela alertava sobre o perigo da União Soviética tomar o poder na Europa e na Ásia pela força ou pela política. Mais uma vez foi reforçada a necessidade de conter a expansão do poder soviético e do comunismo, “por meio de pressões e ações políticas em áreas geográficas onde fosse identificada a expansão soviética, ajudando e garantindo

⁴⁷ Id.

a independência e a liberdade dos regimes e povos que não desejassem ser inseridos na órbita soviética.”⁴⁹ Vale lembrar que esta recomendação se limitou apenas à Europa ocidental, pois nada foi feito a respeito dos países satélites.

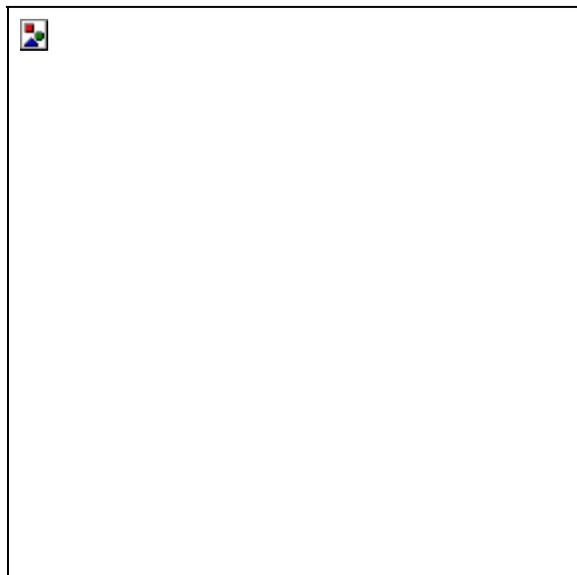


Figura 16

Com o aprofundamento das diferenças existentes entre os Estados Unidos e a União Soviética, a revista *Seleções* começou a publicar um número cada vez maior de reportagens que pretendiam denunciar o expansionismo soviético, como “A nova luta pela Alemanha”⁵⁰; “Notícias sobre a Polônia”⁵¹, “O temor visa Viena”⁵², “Fuga na Bulgária”⁵³, “Como os russos se apoderaram da Albânia”⁵⁴ e muitas outras. Juntamente com estas, haviam reportagens que explicavam aos leitores quais eram os “reais” interesses de Moscou, de acordo com a interpretação norte-americana, que indiretamente justificavam a contenção. Em janeiro de 1948 a reportagem “Objetivos e razões do Kremlin”⁵⁵ seguiu este modelo quando afirmava que era

⁴⁸ SELLERS, C. et. al. **Uma reavaliação da História dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1990, p. 367.

⁴⁹ PECEQUILO, op. cit. p. 147.

⁵⁰ NIEBUHR, Reinhold. A nova luta pela Alemanha. **Seleções do Reader's Digest**. Abril de 1947, p. 17.

⁵¹ WHITE, W. L. Notícias sobre a Polônia. **Seleções do Reader's Digest**. Abril de 1947, p.

⁵² SONDERN, Frederic Jr. O temor paralisa Viena. **Seleções do Reader's Digest**. Setembro de 1947, p. 110.

⁵³ DIMITROV, George M. Fuga na Bulgária. **Seleções do Reader's Digest**. Outubro de 1947, p.107.

⁵⁴ RADITSA, Bogdan. Como os russos se apoderaram da Albânia. **Seleções do Reader's Digest**. Dezembro de 1947, p. 54.

⁵⁵ Objetivos e razões do Kremlin. **Seleções do Reader's Digest**. Janeiro de 1948, p. 31.

uma verdadeira chave para o leitor que tente explicar com crescente perplexidade as presentes atitudes e a política futura dos russos. Além disso é a chave empregada com o mesmo objetivo pelo Departamento de Estado. Suas opiniões se assemelham muito às emitidas em documentos ultra confidenciais dos arquivos oficiais de Washington.⁵⁶

Segundo a reportagem, os homens do Kremlin estavam sempre desejaram tornar absoluto o poder que conquistaram em 1917 no interior do país e no exterior. Isto é influenciado pelo arraigado conceito soviético do antagonismo entre capitalismo e socialismo. Desse antagonismo “nascem muitos fenômenos que consideramos espantoso na política exterior do Kremlin: o segredo, a falta de franqueza, a duplicidade, a desconfiança e a falta básica de propósitos amigáveis.”⁵⁷

A reportagem ainda informava que o partido ainda não permitia a existência de qualquer oposição e colocava os líderes soviéticos como os únicos depositários da verdade. Pois, se a verdade pudesse ser encontrada em outra parte, haveria justificativa para que ela se expressasse em uma oposição organizada. Portanto, o Partido precisava de disciplina e do reconhecimento da infabilidade para manipular a verdade, que passava a ser variável de acordo com os propósitos da máquina governamental soviética. Assim, o principal elemento da política norte-americana nas relações “com a União Soviética terá que ser a repressão paciente, mas firme e vigilante, das tendências expansionistas da Rússia. É importante notar, ... que essa política nada tem a ver com ameaças ruidosas ou atitudes supérfluas de dureza exterior”⁵⁸, já que isto permitiria que os soviéticos elaborassem uma contra ofensiva. Para os Estados Unidos era importante também

incutir nos povos do mundo a convicção geral de ser um país que sabe o que quer, que enfrenta com êxito os problemas de sua vida interna, cumpre com suas responsabilidades de potência universal, e goza de uma vitalidade espiritual necessária para sustentar seus próprios ideais entre as principais correntes ideológicas da época. Na proporção em que os Estados Unidos possam inspirar e manter essa convicção, os objetivos da Rússia comunista parecerão estéreis e quixotestos, as esperanças e o entusiasmo dos partidários de Moscou se desvanecerão, e será dificultada cada vez mais a política estrangeira do Kremlin.⁵⁹

⁵⁶ Ib.

⁵⁷ Ibid. p. 32.

⁵⁸ Ibid. p. 33.

⁵⁹ Ibid. p. 34

Esta reportagem realmente explicou aos leitores quais eram as “chaves” das ações desenvolvidas por “Washington”. Conter, sem estabelecer um conflito direto, todas as ações expansionistas comunistas e transmitir uma visão favorável sobre os Estados Unidos. Era importante fazer com que a opinião pública dos países ocidentais preferisse um sistema liderado por um país com “vitalidade espiritual”, que tinha eficiência para enfrentar os problemas internos e consciência da sua missão de levar os valores universais de individualismo, liberdade individual, livre empresa e democracia para o mundo.

Uma das primeiras contra-ofensivas da União Soviética, para evitar a unificação da Alemanha Ocidental, foi o Bloqueio de Berlim em 1948. Para abastecer a cidade, que estava com todas as entradas impedidas, Truman estabeleceu uma ponte aérea que abasteceu a cidade ininterruptamente por quase um ano.

A política externa implantada pelos soviéticos em 1948 serviu para mostrar ao Ocidente a dificuldade de impor a vontade capitalista aos soviéticos e motivou a criação de um plano de defesa mútua entre os países da Europa Ocidental, o Canadá e os Estados Unidos. A Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN (NATO, em inglês), estabelecia proteção militar mútua mediante um ataque soviético a qualquer um dos países membros, mostrou o abandono definitivo da política isolacionista norte-americana. A OTAN serviria como uma proteção. ... Somente através desta associação, a Europa Ocidental poderia começar a se igualar ao exército vermelho, numericamente superior. Através da integração da OTAN, os Estados Unidos estariam comprometidos a impedir o avanço das forças militares soviéticas nos territórios ocupados em 1947.⁶⁰

Após a entrada de um país asiático ao bloco comunista, com Mao Tsé-Tung assumindo o poder da China, a política externa norte-americana tornou-se mais agressiva. A nova resolução do Conselho de Segurança, a NSC-68 de 1950, pregava a utilização da força militar norte-americana para garantir a sua posição hegemônica. Ao contrário de Kennan e da NSC-20, a NSC-68 informava que os Estados Unidos deveriam parar de negociar e dialogar com a União Soviética para fortalecer o combate ao comunismo com a superioridade atômica.

Para sustentar tal argumento, a NSC-68 acreditava que a União Soviética

⁶⁰ DIGGINS, John Patrick. **The proud decades**. America in war and peace, 1941-1960. New York, W. W. Norton & Company, 1989, p. 81.

seguia três objetivos, “solidificar e reter poder absoluto, buscar a extensão dinâmica da sua autoridade e eliminar qualquer oposição efetiva. E para realizar esses objetivos, seus métodos seriam: minar e atacar as instituições livres mundialmente e expandir seus mecanismos de autoritarismo e coerção.”⁶¹ Como os Estados Unidos não afirmavam sua superioridade atômica, a União Soviética estava agindo livremente.

A resolução ainda destacou um problema interno na União Soviética. A dominação autoritária do seu povo e dos países satélites resultaria em uma rebelião que derrubaria o governo, mesmo que a longo prazo. Mas, como o perigo era eminente, os Estados Unidos não poderiam esperar por este momento.

A NSC-68 não condenava a contenção nem se preocupava com as características do poder soviético, mas sim com as falhas da política externa norte-americana. Como o perigo soviético era real, era necessário que os Estados Unidos aumentassem o arsenal atômico e fortalecessem o exército. A aplicação destas medidas era uma forma dos Estados Unidos garantir a segurança da ordem mundial, que resultaria na preservação do seu bem-estar.

Em março de 1949, a reportagem “Fatos que devem evitar a guerra”⁶² informava aos leitores e “aos dirigentes da Rússia soviética”⁶³ sobre a superioridade bélica dos Estados Unidos na Força Aérea e atômica. O texto também destacava que o mundo cristão desejava o estabelecimento da paz. Por isto,

os russos deviam saber que os Estados Unidos possuíam bombas atômicas prontas para destruir as suas cidades e a sua população. Este fato podia contribuir para a paz porque, se o inimigo tem consciência da força do seu adversário, não ataca tal facilmente. Assim, os dirigentes russos devem compenetrar-se de que, se fizerem um gesto na direção da Europa ocidental, a reação dos Estados Unidos será imediata, atômica e decisiva.⁶⁴

Segundo a reportagem, a partir do momento que os russos souberem da existência de um gigantesco arsenal bélico e atômico e de um exército preparado para um ataque imediato, não caberia mais aos Estados Unidos, os possuidores desta força militar, a manutenção da paz mundial. Pois se eles decidirem atacar qualquer parte da Europa Ocidental, haveria uma guerra. A partir de então, os

⁶¹ PECEQUILO, op. cit., p. 154.

⁶² HUIE, William B. Fatos que devem evitar a guerra. **Seleções do Reader's Digest**. Março de 1949, p. 5.

⁶³ Id.

Estados Unidos possuíam “uma organização de homens prontos à primeira voz, não a tomar a defesa no sentido clássico do termo, isto é, de repelir uma invasão, mas prontos a defender-se como o faz o pugilista: com um golpe direto e fulminante ao coração do adversário.”⁶⁵

Como afirmava esta e outras reportagens, que chegavam a ameaçar os soviéticos para garantir a superioridade, a capacidade militar norte-americana passou a ser a melhor estratégia para garantir a sua supremacia, mas só ela não era suficiente. Da mesma forma, era importante estender a ideologia norte-americana, ou seja um discurso que proclamava a defesa da democracia e o livre mercado, em todo o mundo.

A necessidade de aumentar o orçamento militar e interpretar qualquer ação que ameaçasse a segurança global como uma ameaça militar, defendida pela NSC-68, foi justificada em 1950 após o aumento do poder comunista, que alcançou a Ásia quando agregou a China e a Coreia. Estas ações ajudaram a convencer a população norte-americana a não se opor aos investimentos militares, característica esta que perdurou durante todo o período estudado.

A partir deste momento, a Guerra Fria deixou de ocupar apenas o território da Europa e tornou-se presente em outras partes do mundo, a começar pela Coreia. O fracasso da intervenção norte-americana, resultante da entrada da China no conflito, fez diminuir ainda mais a popularidade de Truman e demonstrou a relutância dos norte-americanos em apoiar mais uma guerra.

As promessas de Eisenhower de acabar com a guerra da Coreia e de fortalecer o exército para minar o poder soviético contribuíram para a sua eleição. No governo, manteve a contenção e passou a considerar perigosa a expansão não só do poder soviético, mas também da ideologia comunista. Quanto ao discurso sobre a defesa dos povos contrários ao comunismo, continuou distante da realidade, pois os levantes nacionalistas anti-soviéticos de Berlim Oriental em 1953 e da Hungria em 1956 não receberam nenhum apoio norte-americano.

Nos primeiros anos da década de 50, a revista *Seleções* manteve o apoio à política externa norte-americana e continuou publicando uma série de reportagens que defendiam a contenção ⁶⁶ e valorizavam a superioridade bélica norte-

⁶⁴ Ibid. p. 6.

⁶⁵ Ibid. p. 8.

⁶⁶ Como “Podemos abolir a guerra?”, publicada em julho de 1955 e “Os objetivos de Eisenhower”, publicada em dezembro de 1953.

americana ⁶⁷, mesmo quando a União Soviética desenvolvia suas bombas atômicas e estava na dianteira na corrida espacial ⁶⁸, e que descreviam todas as ações expansionistas soviéticas no mundo. Em muitas destas reportagens, a revista defendeu os interesses norte-americanos quando denunciava as reações contrárias ao imperialismo, praticadas pelos povos da América Latina e da África, como o resultado da infiltração comunista.⁶⁹

A revista, nos anos 50, continuou denunciando as ações comunistas através de reportagens e de narrativas que descreviam aos leitores todos os sofrimentos que a população que vivia nos países comunistas sofria. Falta de produtos alimentícios, trabalho escravo, espionagem e perseguições políticas enchiam as páginas de *Seleções*, que eram capazes de convencer os leitores mais indiferentes à abominarem o comunismo e a tudo o que ele representava. Dentre as diversas narrativas que descreviam a situação política e social dos países satélites, destacou-se “A ponte de Andau” ⁷⁰ que, em 46 páginas, contava aos leitores os motivos que levaram algumas pessoas comuns a participar do levante nacionalista da Hungria em 1956. A história estava dividida em seis partes que descreviam os piores momentos do conflito.

Durante o conflito, até mesmo os oficiais comunistas começaram a lutar ao lado da população húngara quando perceberam que os oficiais da polícia secreta comunista estavam atirando em pessoas desarmadas.

Vendo isso, um oficial do Exército Húngaro tomou uma decisão difícil. Ele havia jurado proteger a Hungria – e isso significava especialmente defender o governo comunista – contra todos os inimigos, mas aqueles inimigos que atacavam a Rádio Budapeste não eram estrangeiros nem os cães capitalistas contra quem fôra acautelado. Eram seus irmãos, seus filhos e as mulheres que ele amava.⁷¹

⁶⁷ Como “Armas para combater a Rússia”, de Abril de 1953, “O projétil-foguete que despedaça aviões”, de setembro de 1953, “Nosso futuro à luz da bomba de hidrogênio, de setembro de 1954

⁶⁸ Poucas reportagens falaram deste assunto. Uma delas, “A corrida que a Rússia está ganhando”, publicada em novembro de 1956 dizia que a única vantagem que a União Soviética possuía em relação aos Estados Unidos era a sua potência militar. Pois ao contrário do Ocidente, a ela não investia em nada que pudesse melhorar a qualidade de vida e oferecer bem-estar para o seu povo.

⁶⁹ A presença comunista na Guatemala foi o assunto da reportagem “Guatemala: ensaio de dominação comunista”, publicada em fevereiro de 1954. As reportagens que relacionavam o comunismo às ações nacionalistas e antiamericanistas que ocorreram na América Latina nos anos 50 e 60 foram analisadas por JUNQUEIRA, Mary. **Ao sul do Rio Grande – imaginando a América Latina em Seleções**: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970). Bragança Paulista, EDUSF, 2000, pp. 197-230.

⁷⁰ MICHENER, James A. A ponte de Andau. **Seleções do Reader's Digest**. Abril de 1957, p. 129.

⁷¹ *Ibid.* p. 137.

Um jovem intelectual que também participou da revolução, conforme a revista, disse que “foi a elite comunista que comandou a revolução anticomunista”⁷² na Hungria. Nas praças, onde havia uma estátua de Stalin, o povo arrancou “e começou a cuspir nele. Homens e mulheres que haviam sofrido sob o regime se Stalin experimentaram assim uma vingança momentânea profanando o monstro caído.”⁷³ Em outros lugares, as pessoas queimavam livros comunistas. A própria imagem utilizada como âncora reforçava o ódio que a população húngara sentia pelos comunistas (Figura 17). Sentimento este materializado em um ato de extrema violência, pois mostrava algumas pessoas batendo no rosto de uma estátua de Stalin que estava caída na rua.

Michener também contava que nos quartéis houveram resistências contra as tropas comunistas. O fracasso da implantação da ideologia comunista se manifestava em todos os grupos sociais. Trabalhadores, operários privilegiados, médicos, soldados de confiança, estudantes, ninguém mais acreditava nas mentiras comunistas. “Ao enfrentar a sua primeira grande prova nos países satélites, o comunismo constatou que os jovens que havia doutrinado ... se voltavam contra ele. A seguir descobriu que os intelectuais que afagara com promessas de alta posição não só o rejeitavam, mas pegavam em armas.”⁷⁴

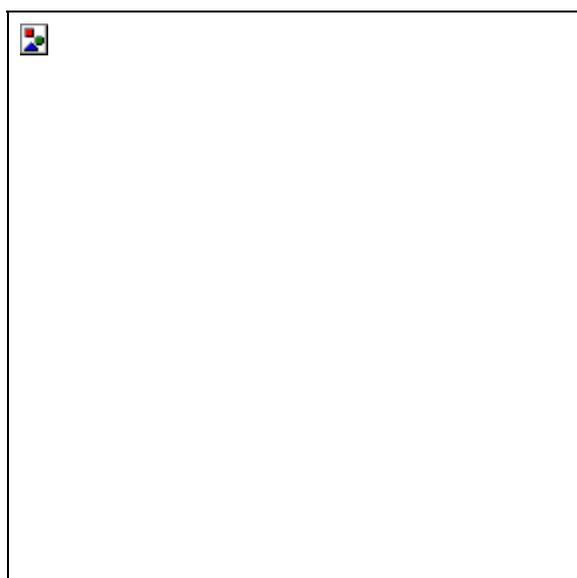


Figura 17

⁷² Ibid. p. 141.

⁷³ Ibid. p. 147.

A história contou que depois de 5 dias de intensa batalha, os russos abandonaram a cidade. A população chegou a acreditar na vitória, mas os comunistas voltaram depois de uns cinco dias com armamento pesado, como tanques maiores e aviões bombardeiros, para tomar a cidade. A população passou a acreditar em um boato sobre a intervenção dos Estados Unidos e das Nações Unidas a seu favor, mas “quando o tempo mostrou que esses boatos eram falsos e que nenhum poder externo tinha qualquer intenção de apoiar a revolução já vitoriosa, a sensação sinistra de que tinham ficado isolados se apossou da cidade.”⁷⁵

O terror praticado pelos soviéticos era também um ato de vingança contra a população que desprezou o comunismo. O resultado do massacre foi contabilizado por alguns “combatentes da liberdade. As suas cifras não podem deixar de ser aventurosas ... mas é provável que a realidade seja mais ou menos esta: os russos destruíram por completo 8.000 prédios e arrebentaram a tiro cerca de 60% das janelas da cidade. Cerca de 30.000 húngaros foram mortos ou feridos, ao lado de mais 10.000 sepultados vivos nos edifícios que desabaram.”⁷⁶

Entretanto, a revista afirmava ainda que, para não descrever os reais motivos da rebelião, os comunistas assumiram a seguinte explicação para os fatos:

As bestas ferozes do fascismo quiseram restaurar o poder dos capitalistas. Estamos convencidos de que o povo húngaro, a fim de proteger a paz, possuirá suficiente força para esmagar as quadrilhas fascistas. Em todo o mundo liberado pela União Soviética tem a maior significação a unidade dos países do bloco socialista. A Hungria restabelecerá a ordem com a voltará então ao construtivo trabalho socialista. A vitória rápida conseguida sobre as forças anti-revolucionárias eram constituídas apenas pela ralé da nação. Também prova que não tinham o apoio das massas!⁷⁷

O autor finalizou explicando aos leitores como soube destes fatos. Eles foram narrados pelos húngaros que fugiram para a Áustria em uma pequena ponte mal conservada que ficava na fronteira entre este país e a Hungria. Por aquela ponte, ‘A ponte Andau’, passaram mais de 20.000 húngaros que fugiram para a liberdade. A reportagem também utilizou uma imagem para destacar a

⁷⁴ Ibid. p. 158.

⁷⁵ Ibid. p. 173.

⁷⁶ Ibid. p. 195.

⁷⁷ Ibid. p. 197.

representação dos fugitivos, que carregavam o extremamente necessário em algumas malas e embrulhos, para sair do país (Figura 18).

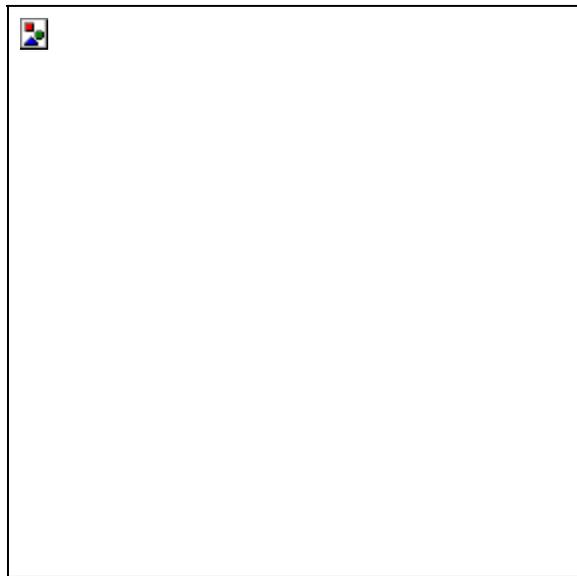


Figura 18

Esta narrativa confirmava um dos pressupostos da contenção, que informava que o autoritarismo e a violência praticada pelos comunistas contra o seu próprio povo iria ser o seu maior problema, pois um dia este povo iria revoltar-se contra o regime e destruí-lo. O levante da Hungria não tinha triunfado, mas mostrava aos ocidentais as mentiras difundidas pelos comunistas, a violência utilizada para conter o movimento e, mais do que tudo, favorecia o capitalismo, onde havia, segundo a propaganda oficial, liberdade política para a escolha dos líderes políticos e para manifestar-se contra o governo.

A década de 50 marcou a crescente superioridade científica e nuclear soviética e trouxe maiores preocupações aos norte-americanos, que já estavam assustados com a infiltração comunista propagada por McCarthy, com a ameaça de uma guerra nuclear e com as pequenas crises internas resultantes do aumento da inflação.

Após o estabelecimento do Pacto de Varsóvia, com a denúncia dos crimes praticados durante o governo de Stalin, feitas por Nikita Krushev no XXº Congresso do Partido Comunista da União Soviética, e com as conseqüentes mudanças na política externa estabelecidas a partir de 1956, a União Soviética orientava-se para uma coexistência pacífica. O resultado foi a dissolução do

Kominform e a tentativa de negociar o controle sobre as armas nucleares com os Estados Unidos.

A ofensiva soviética e a contenção, durante os anos 50, avançaram para as antigas colônias da África e da Ásia. A entrada de um regime pró-comunista no Vietnã do Norte, os conflitos sobre o Canal de Suez em 1956 e as intervenções norte-americanas na Jordânia e no Líbano traziam novos atores para a Guerra Fria. Para as duas potências, estas eram novas áreas de expansão política e econômica. Entretanto, alguns países do Sul estavam interessados em participar mais ativamente da ordem econômica mundial, influenciando o Movimento do Terceiro Mundo e dos Não Alinhados. Na América Latina, crescia o descontentamento da população em relação ao descaso dos Estados Unidos com os seus problemas e as crescentes intervenções norte-americanas contrárias a qualquer governo nacionalista ou que houvesse aproximações com as esquerdas.

3.2 Que perigo é este que ronda a nossa pátria?

Desde a sua fundação, a revista defendeu e repetiu vários mitos e valores tradicionais dos Estados Unidos. Como possuía um perfil conservador, nos períodos em que a política norte-americana cortava relações diplomáticas com outros países, *Seleções* apoiava o governo de diferentes formas. Dentre elas, as que mais se destacavam pelos apelos afetivos eram as que demonstravam a falta de caráter e as ações, normalmente ilegais, praticadas pelo inimigo, neste caso o comunismo.

No período estudado, *Seleções* noticiou todos os acontecimentos da política externa norte-americana e contribuiu para formar, entre os seus leitores, opiniões favoráveis aos interesses do governo norte-americano. Quanto à política interna, as notícias que não só noticiavam mas também alarmavam a infiltração comunista nos Estados Unidos também foram utilizadas para favorecer grupos conservadores norte-americanos, como senadores do Partido Republicano e os grupos empresariais.

Ao contrário do que aconteceu com a política externa e com as relações trabalhistas norte-americanas, a revista fez poucas referências aos casos de

espionagem comunista nos Estados Unidos, ao marcartismo, ao Partido Comunista norte-americano e às ações dos grupos anticomunistas deste país.

Durante o período estudado, o marcartismo foi o maior fenômeno do anticomunismo norte-americano. A elaboração de uma verdadeira cruzada contra um inimigo inventado, que ocorreu no início dos anos 50, foi liderada pelo senador Joseph McCarthy. Entretanto, para entender o que justificou a abertura de inquéritos contra cidadãos norte-americanos que estariam direta ou indiretamente ligados ao comunismo ⁷⁸, era necessário conhecer uma pequena trajetória do anticomunismo norte-americano.

Este fenômeno teve início nos primeiros anos do século XX, com a chegada de imigrantes europeus de língua não inglesa, principalmente italianos, que traziam consigo doutrinas européias de transformação social, como o anarquismo e o socialismo. Por este motivo, não assimilavam rapidamente os valores do Americanismo, como a “crença da iniciativa privada, a defesa das liberdades políticas, o individualismo e a confiança nas autoridades e instituições.”⁷⁹

O sentimento de estranhamento e repulsa diante de propostas políticas igualitárias, defendidas por intelectuais e por membros da classe operária, aumentou entre os norte-americanos com o processo revolucionário de 1917 e com a fundação do Partido Comunista Norte-americano em 1919. ⁸⁰

A simples presença deste partido, que propunha a conquista do poder e a destruição da burguesia, já incomodava os cidadãos norte-americanos, contrários às propostas de coletivização, à ditadura do partido único e defensores árdios da religião cristã. Além disto, naquela época vários atentados ocorridos em cidades norte-americanas foram relacionados ao partido comunista, que no mesmo ano da sua fundação já começou a sofrer ataques da imprensa, censura policial e deportação dos membros do partido.

Com a depressão, resultante do colapso do sistema capitalista, a ideologia comunista passou a ser vista com outros olhos pela opinião pública. A partir deste

⁷⁸ A perseguição direta aos comunistas norte-americanos contou com o apoio de órgãos e funcionários do governo, como o HUAC, responsável por investigar a existência de atividades subversivas no território dos Estados Unidos.

⁷⁹ RODRIGHERO, C. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002, p. 464.

momento, ele atuou mais livremente nas associações de trabalho, no meio intelectual e na política através de alianças com os partidos trabalhistas regionais. Mas, ao mesmo tempo que o Partido Comunista alcançava o apogeu, o governo norte-americano descobria os primeiros casos de espionagem praticadas por pessoas ligadas ao partido. Entre a população, o sentimento anticomunista também se fortalecia devido ao crescimento dos regimes fascistas na Europa, que eram associados ao comunismo.

Durante os anos trinta, o comunismo já tinha sido associado aos regimes fascistas. Após o pacto germano-soviético que estabelecia a não agressão entre a Alemanha e a União Soviética, esta associação se fortaleceu ainda mais. Contudo, quando a União Soviética começou a lutar ao lado dos Estados Unidos e dos países aliados devido ao rompimento do pacto de não-agressão, a comparação entre os regimes nazista e soviético deixou de ser feita com tanta frequência, vindo a se fortalecer novamente a partir de 1946.

Com o início da Guerra Fria, o anticomunismo cresceu e ganhou o apoio do governo através da aprovação de leis de lealdade e do controle efetivo do Partido Comunista norte-americano. A intensificação do conflito entre os Estados Unidos e a União Soviética, o fortalecimento do comunismo na Ásia com a entrada da China e da Coréia ao comunismo, e a denúncia de alguns casos de espionagem, que foram interpretados como os responsáveis pela fabricação soviética da bomba atômica, criaram uma grande preocupação no governo e nos cidadãos norte-americanos. O fortalecimento da União Soviética e a infiltração comunista nos Estados Unidos estavam causando um verdadeiro pânico vermelho, que criou um ambiente propício para a acusação desenfreada de intelectuais, políticos e artistas estarem ligados aos comunismo, beneficiando alguns políticos norte-americanos.

Neste processo, algumas pessoas, principalmente ligadas aos grupos religiosos, acreditaram realmente na possibilidade de acontecer uma guerra quase apocalíptica. A partir deste momento, estes grupos desenvolveram práticas anticomunistas nas suas comunidades, exigindo que professores, políticos, cientistas e outros profissionais prestassem juramento de lealdade aos Estados Unidos, defendessem a moral e a tradição, etc.

⁸⁰ De acordo com HAYNES, J. E. **Red scare or red menace?** American communism and anticommunism in the cold war era. Chicago, Ivan E. Dee, 1996 p. 4.

Este foi o contexto da formação do marcartismo, movimento liderado pelo Senador Joseph McCarthy que acusou a participação de centenas de norte-americanos em atividades subversivas por estar direta ou indiretamente ligados ao Partido Comunista norte-americano. Neste período, as acusações de espionagem aumentaram, associando o comunista à imagem de traidor, envolvido em uma conspiração mundial unicamente para destruir o sistema capitalista e os Estados Unidos.

Algumas reportagens de *Seleções* trataram deste tema. Elas informavam aos leitores os casos de espionagem relacionados aos segredos da bomba atômica e também mostravam as ações desenvolvidas pelo governo norte-americano que visavam acabar com o roubo de informações secretas. Uma destas reportagens chamava-se “CIC: os caçadores de espões”⁸¹, que descrevia o Serviço de Contra-espionagem do exército dos Estados Unidos – CIC. Esta era uma força militar constituída por civis norte-americanos, por uma rede de informantes e por soldados. Todos que trabalhavam lá prestavam juramentos de lealdade ao país. Esse grupo “vem travando há dez anos, sem publicidade, uma batalha destinada a proteger os segredos militares dos Estados Unidos contra agentes inimigos e contra norte-americanos desleais ou descuidados”⁸²

A reportagem comentava que estes agentes investigavam a lealdade dos convocados para o serviço militar, dos funcionários públicos e do governo, observavam os russos na Europa e defendiam as tropas das Nações Unidas na Coréia contra os comunistas. Os membros do CIC eram voluntários treinados em uma escola do exército que os preparava, ministrando aulas de “política internacional, línguas estrangeiras, psicologia, direito e explosivos. Há cursos especiais para que os agentes se adestrem em falsificar documentos, abrir fechaduras com gazua, arrombar cofres e decifrar mensagens em códigos. Aprendem também a manejar toda espécie de armas de fogo.”⁸³

Em toda a Europa, de acordo com a revista, circulavam milhares de espões comunistas buscando informações sobre a política, a economia e o exército norte-americano. Seus espões eram “recrutados por meio de suborno,

⁸¹ JOHNSON, Thomas M. CIC: os caçadores de espões. **Seleções do Reader's Digest**. Junho de 1952, p. 105.

⁸² Id.

⁸³ Ibid. p. 106.

fideliidade ao comunismo ou do receio de prisão ou represálias contra pessoas da família”⁸⁴ e deveriam infiltrar-se no funcionalismo público norte-americano para trazer informações aos soviéticos. Cabia a CIC localizar todos os agentes para impedir tais atos.

A revista descreveu diversas ações realizadas pelos espões da CIC, desde a Segunda Guerra Mundial. Um dos agentes, por exemplo, foi preso e torturado pelos comunistas.

Tinha o corpo cheio de equimoses, manchas violáceas sob os olhos e os cabelos empastados de sangue. Mas conservava em seu poder um pequeno pedaço quadrado de papel dobrado, contendo informações sobre quando, como e onde procurariam os russos introduzir outro espão nos meios aliados. Os russos não tinham descoberto o papel nem haviam conseguido fazer o agente entregá-lo, a despeito das torturas que o submeteram.⁸⁵

Como a reportagem mostrava, o governo norte-americano estava utilizando contra-espionagem para diminuir a espionagem nos Estados Unidos. A eficiência destes homens, manifestada na coragem e nos conhecimentos que possuíam, poderia trazer segurança para o governo e para a população que, em 1952, ano de publicação da reportagem, já conhecia os casos de infiltração comunista nas universidades, em Hollywood, e no governo. Quanto ao caso da bomba atômica, a revista reforçou a relação de comunistas com os acusados na reportagem “A verdade sobre o famoso caso Rosenberg”⁸⁶.

Segundo a reportagem, a história do casal Rosenberg, preso e condenado à morte nos Estados Unidos pelo roubo dos segredos da bomba atômica, durante a Segunda Guerra, para a Rússia, estava comovendo milhares de pessoas dentro e fora do país. Indignados com as acusações, os membros do Partido Comunista estavam promovendo “desde reuniões em recintos fechados a comícios públicos, desfiles com cartazes e vigílias de oração”⁸⁷ para salvar o casal da condenação. Em vários países, eles eram vistos como os “mártires da paz”⁸⁸ e os Estados Unidos como “selvagens, bárbaros e desumanos”⁸⁹. Mas ao contrário do que acontecia na União Soviética, onde milhares de pessoas trabalhavam como

⁸⁴ Ibid. p. 110.

⁸⁵ Ibid. p. 111.

⁸⁶ FINEBERG, S. Andhil. A verdade sobre o famoso caso Rosemberg. **Seleções do Reader's Digest**. Dezembro de 1953, p. 159.

⁸⁷ Id.

⁸⁸ Id.

⁸⁹ Id.

escravos e outras tantas eram condenadas à morte em julgamentos falsos, nos Estados Unidos, quando os espões foram julgados dentro da lei e da democracia, muitas pessoas julgaram tal atitude como injusta e contrária aos direitos humanos.

O casal Rosenberg foi acusado, conforme a reportagem, pelos “seus companheiros de conspiração, David Greenglass, a mulher deste e Harry Gold. Aos seus depoimentos foram acrescentadas provas suplementares que se ajustaram perfeitamente aos fatos”⁹⁰, como o envio de dinheiro para ajudar na fuga de Greenglass. O advogado do casal Rosenberg não conseguiu provar a inocência dos seus clientes e o resultado foi a condenação unânime, feita por um júri popular. Todos os protestos para a libertação do casal não tiveram efeito e ele foi executado conforme os trâmites legais.

Esta reportagem mostrava que parte da opinião pública norte-americana e até mesmo mundial estava sendo influenciada pelos comunistas para duvidar da eficiência do processo judicial que cuidou do caso Rosenberg. Tudo ocorreu dentro dos valores democráticos e, por isto, eles iriam ser mortos, ao contrário do desejo dos comunistas que já estavam lhes dando o título de mártires.

Outros casos de espionagem foram publicados em *Seleções*. A reportagem “Nós demos tudo aos vermelhos”⁹¹ descrevia a espionagem comunista e a ação de um funcionário norte-americano como uma aventura. A imagem utilizada como âncora da reportagem mostrava o momento que Jordan, já desconfiado dos comunistas, descobria o roubo de documentos e tentava evitar que mais informações fossem levadas ao inimigo (Figura 19).

⁹⁰ Ibid. p. 160.

⁹¹ JORDAN, George Racey. Nós demos tudo aos vermelhos. **Seleções do Reader's Digest**, março de 1953, p. 65.

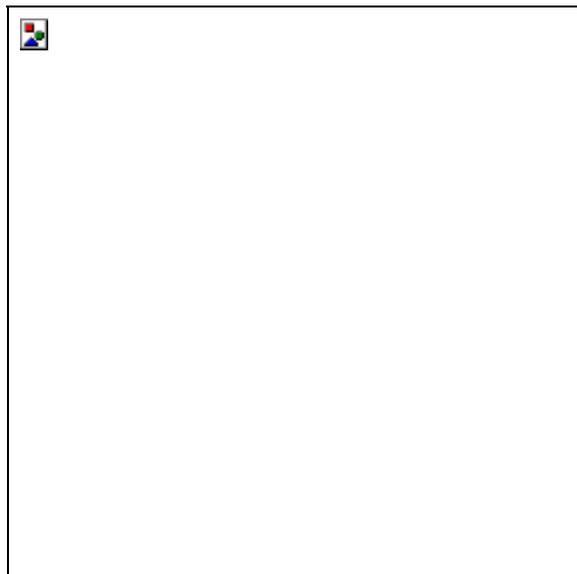


Figura 19

Durante a guerra, George Racey Jordan, um oficial americano de empréstimos e arrendamentos, trabalhava com oficiais russos em uma base militar na região do Alasca. Nela, lugar onde norte-americanos não podiam entrar, não havia nenhuma espécie de controle sobre a entrada de russos no território norte-americano.

Os aviões russos chegavam regularmente cheios de pessoas que não era identificadas. Eu as via desembarcar dos aviões, pular as cercas e sair correndo à procura de táxis. Pareciam saber de antemão exatamente para onde deveriam ir. Era um sistema perfeito de introduzir espões com identidades falsas, para prestarem serviço durante e depois da guerra.⁹²

Desconfiando destas atitudes, Jordan passou a mapear todos os russos que estavam nos Estados Unidos. Ele também percebeu que eles sempre levavam consigo valises pretas amarradas ao pulso. No começo, eram apenas duas valises, depois chegavam a levar duas toneladas de papéis. Nelas estavam muitos segredos de Estado norte-americano, como lugares de indústrias, estradas de ferro, documentos da Casa Branca, relatórios feitos pelos espões americanos na Rússia e muitas informações sobre a bomba atômica. O roubo de informações chegou a tal ponto que até urânio os espões levavam consigo.

Muitos indivíduos responsáveis por guardar segredos de Estado estavam envolvidos nesta conspiração. “Em Washington havia pessoas que pareciam empenhadas em fazer com que a Rússia recebesse o material necessário a

⁹² Ibid. p. 66.

experiências atômicas a todo custo.”⁹³ Apenas depois da guerra que o autor soube que, por aquele lugar, haviam saído as informações que auxiliaram o desenvolvimento da bomba atômica pelos soviéticos.

O aspecto mais interessante desta reportagem foi denunciar a entrada de diversos russos sem identificação no território norte-americano, atitude esta planejada anteriormente e que tinha o objetivo de levar diversos segredos de Estado aos russos. Neste conluio, participavam cidadãos norte-americanos ligados ao comunismo, capazes de trair a própria nação em nome de um ideal. Este era o maior perigo que os comunistas norte-americanos poderiam causar, qual fosse, prejudicar a defesa da pátria.

Nos anos 50, uma verdadeira Cruzada anticomunista, liderada pelo senador Joseph McCarthy, procurou comunistas ou simpatizantes do comunismo em todos os setores da política e da cultura norte-americana, causa esta que contou com o apoio de grande parte da população. O marcartismo acreditava que até mesmo os atores das séries televisivas que representavam o *American way of life* poderiam ser comunistas. Neste clima de incertezas e perseguições, qualquer atitude que representasse um desvio de caráter, poderia prejudicar a audiência do programa e até a carreira do artista mais famoso do momento. Isso quase aconteceu com Lucille Ball pelo seu suposto envolvimento com o comunismo.

A atriz protagonista da série "I Love Lucy"⁹⁴, foi uma das pessoas acusadas pelo marcartismo. Para o conforto dos seus telespectadores, ela não era comunista, como destacava a reportagem "A verdadeira história de Lucille Ball", publicada em *Seleções* de outubro de 1954⁹⁵.

A reportagem apresentava a biografia da atriz, uma das maiores comediantes da América e uma das mulheres mais famosas dos Estados Unidos. Seu programa intitulado "I love Lucy", estava em primeiro lugar em popularidade na TV norte-americana nos anos 50 e apresentava uma dona-de-casa que sonhava com o sucesso e o "glamour" do mundo cinematográfico, ameaçando constantemente abandonar o marido para tornar-se atriz, principalmente quando, por sua vez, sentia-se desconfortável com os problemas familiares. Mas, para a

⁹³ Ibid, p. 69.

⁹⁴ Um programa televisivo, com duração de trinta minutos, sobre as situações divertidas do cotidiano de uma típica mulher norte-americana.

⁹⁵ HARRIS, Eleanor. A verdadeira história de Lucille Ball. **Seleções do Reader's Digest**, outubro de 1954, p. 149.

alegria de todos os seus 40 milhões de espectadores norte-americanos, a família era sempre a escolha mais importante de Lucy.

De acordo com a reportagem, Lucille sempre quis ser atriz, mas antes de chegar ao estrelato, trabalhou em várias funções, como vendedora e modelo. Casou-se em 1940 com Desiderio Alberto Arnaz, músico cubano. Quando estava grávida do seu primeiro filho, Lucille

... foi chamada a depor perante a Comissão de Inquérito sobre Atividades Antiamericanas do Congresso dos Estados Unidos. O interrogatório, que teve lugar num escritório de Hollywood, referia-se a intenção manifestada pela atriz de votar na chapa comunista, no ano de 1936. Ela explicou o papel desempenhado pelo seu avô nas suas atividades políticas daquela época e, terminado o rápido inquérito, apertou a mão dos membros da Comissão retirando-se, inteiramente livre de suspeitas.⁹⁶

Em 1953 Lucille foi novamente acusada de comunista. A atriz

Novamente declarou que só registrara sua intenção de votar na chapa comunista para satisfazer ao seu avô. Novamente descreveu a personalidade estimável e vigorosa do avô: 'Nós não discutíamos muito com êle porque o velho já sofrera dois derrames e, se se exaltasse, poderia ser vítima de mais um. Nunca contribuí monetariamente, nunca assisti a reuniões nem tive o menor contato com pessoas ligadas ao comunismo. Em nenhum período de minha vida senti qualquer afinidade com o comunismo ou algo parecido.'⁹⁷

Mesmo tendo a garantia da Comissão de que o seu depoimento não seria apresentado à imprensa, Lucille viu em todos os jornais a acusação da sua ligação ao comunismo, fato este que desencadeou uma grande publicidade negativa para a sua carreira. Mais uma vez foi necessário provar a sua inocência e seu marido foi enfático:

Lucille não é comunista. Ambos detestamos o comunismo e tudo o que ele representa. Amanhã publicaremos a reprodução literal do depoimento de Lucille, e vocês mesmos o poderão ler. Hão de ver, então, que isso tudo é um amontoado de mentiras. ... por sinal os cabelos vermelhos são a única coisa vermelha que ela tem ... e assim mesmo são pintados!⁹⁸

Esclarecidos os fatos, a vida pessoal e profissional de Lucille Ball voltou ao normal. A atriz continuou gravando o seu programa, dedicando-se aos seus filhos e à religião, que ocupava um grande espaço na vida da família.

Caso a acusação feita à Lucille fosse verdadeira, a atriz seria seriamente

⁹⁶ Ibid. p. 166.

⁹⁷ Ibid, p. 172.

⁹⁸ Ibid, p. 176.

repreendida pelo Governo e por grande parte da população norte-americana, fortemente anticomunista. A repercussão do envolvimento de intelectuais, artistas e diretores de cinema acusados de ter alguma ligação com o comunismo no grande público era tão negativa a ponto de poder acabar com a carreira do acusado.

No período estudado, *Seleções* também vinculou uma série de reportagens explicativas sobre o comunismo, os comunistas e as características governamentais da União Soviética. Dentre elas, “Deus ou o Homem?”,⁹⁹ se propunha a explicar aos leitores, “...de *maneira penetrante* o que é, na realidade, o comunismo”¹⁰⁰. O autor desta reportagem, Whittaker Chambers, foi uma das principais testemunhas de acusação em um processo de espionagem sobre o envolvimento de um alto funcionário do Departamento de Estado dos Estados Unidos, que enviava documentos roubados aos membros do Partido Comunista norte-americano. O próprio autor participou desta espionagem mas “Depois de romper com o comunismo, e levado pela sua renovada crença na democracia ocidental, denunciou os conspiradores que ainda se achavam em condições de ameaçar a segurança dos Estados Unidos.”¹⁰¹

De acordo com a reportagem, a geração da década de 50 estava sofrendo “o destino de viver essa fase crítica da história”¹⁰², por ter que decidir o futuro da humanidade em relação ao comunismo: “se o mundo inteiro vai viver em liberdade ou se a civilização, tal como a conhecemos, vai desaparecer nessa luta.”¹⁰³ A origem deste problema se relacionava com uma crise moral e social resultante do desenvolvimento da ciência e da técnica na humanidade, que não estava preparada para tal transformação. Para ele, esta crise se estruturava da seguinte forma: “As guerras mundiais são a expressão militar da crise; depressões econômicas que se estendem ao mundo inteiro são a sua expressão econômica. seu clima espiritual é o desespero universal. Este é o clima do comunismo.”¹⁰⁴

Chambers responsabilizava o grande número de adeptos do comunismo ao poder de

⁹⁹ CHAMBERS, Whittaker. Deus ou o Homem? **Seleções do Reader's Digest**, Julho de 1952, p. 30.

¹⁰⁰ Id.

¹⁰¹ Id.

¹⁰² Id.

¹⁰³ Id.

¹⁰⁴ Ibid. p. 31.

fascinação que exercia sobre as pessoas. Para entender este poder, o autor primeiramente apresentou o que não era o comunismo:

O comunismo não é mera conspiração criminosa, tramada por homens perversos no fundo de um porão; não é apenas os escritos de Marx e Lênine, o Politburo, o Exército Vermelho, a polícia secreta, os campos de trabalho forçado, a conspiração subterrânea, a ditadura do proletariado; nem é mesmo êsses milhões de pessoas que desfilam periodicamente pelas capitais do mundo, como exércitos desorganizados, cantando e agitando bandeiras.¹⁰⁵

Chambers continuava a sua argumentação, descrevendo um retrato dos comunistas como sujeitos falsos, que não acreditavam em nenhuma religião, não seguiam qualquer valor moral e pregavam a violência e a traição. Mas estas informações não eram suficiente para descobrir a essência do comunismo. Para ele,

O laço que une os comunistas por cima das fronteiras das nações, das barreiras de línguas e das diferenças de classes e educação, desafiando religião, moral, verdade, lei, honra, as fraquezas do corpo e as indecisões do espírito, até mesmo a morte, é uma simples afirmação de Karl Marx, simplificada para facilidade de uso: “É preciso transformar o mundo.”¹⁰⁶

O segredo da força dos comunistas estava na existência de um ideal maior e na capacidade de seguir as suas convicções. Sendo orientados por este ideal, os comunistas viviam e morriam pela sua fé – porém por uma fé distante de Deus.

A reportagem argumentava que, para os comunistas, a razão deveria organizar a vida e o mundo. Nesta visão materialista da realidade, Deus não era considerado a inteligência superior que criou o mundo e que deveria orientá-lo. Assim, o sobrenatural deixava de explicar a realidade para ser substituído pelos instrumentos da ciência e da técnica. Estes fatores fortaleciam a crise que originou o comunismo, iniciada quando, em nome da Inteligência, os homens se afastavam de Deus. O autor ainda lembrava que nunca houve uma nação sem Deus – mas a história estava entulhada de ruínas de nações que ficaram indiferentes a Ele e soçobraram.¹⁰⁷ Por isto, um dos maiores problema do comunismo era separar o povo de Deus.

Finalmente, o autor se perguntava porque existiam poucas pessoas que, como ele, eram devotas do comunismo e que romperam definitivamente com os

¹⁰⁵ Ibid. p. 31.

¹⁰⁶ Id.

seus ideais. A motivação para estas poucas pessoas eram os gritos ouvidos durante a noite.

Qual o comunista que nunca ouviu êsses gritos? Podem ser os gritos de maridos separados das espôsas em prisões efetuadas na calada da noite. Podem ser os gritos abafados que sobem dos porões de execução da polícia secreta ou de tôdas as câmaras de tortura que agora se estendem de Berlim a Cantão. Podem vir dos vagões de carga em que são amontoados os inimigos do Estado comunista e abandonados em remotos desvios para morrerem de frio no inverno russo. Podem nascer de espíritos enlouquecidos com os horrores da fome em massa, ordenada e executada como medida policial do Estado comunista. Podem partir daqueles pobres famintos que morrerão de trabalho ou de espancamentos na sordidez gelada dos campos de trabalho das regiões subárticas. Podem sair dos lábios de crianças cujos pais são súbita e inexplicavelmente separados delas, e que nunca mais voltarão a ver.¹⁰⁸

Todos os comunistas poderiam ouvir estes gritos, mas poucos eram os capazes de sentir, depois de tempo trabalhando no partido, o silêncio e a solidão que deixava a vida sem grandes significados. Apenas neste silêncio que se conseguia ouvir os gritos que orientava o afastamento do partido e a volta do homem a Deus.

Esta reportagem se destacava pela riqueza utilizada na descrição do comunismo e por referir-se a algumas bases do sentimento anticomunista, quais sejam a religião, a associação ao nazismo e o papel desempenhado por ex-membros do partido comunista no auxílio do anticomunismo norte-americano¹⁰⁹. Dos três, o recurso mais marcante foi a utilização de alguns símbolos cristãos que fortaleciam o problema da existência do comunismo.

O primeiro deles, o anticomunismo religioso, apresentava aquele momento histórico como uma fase crítica, onde a humanidade iria enfrentar uma luta em defesa da liberdade. Nesta, só haveria um resultado possível, ou a sobrevivência de todos garantida pela vitória, ou a destruição da humanidade caso o comunismo saísse vitorioso.

Essa situação extrema poderia ser associada ao Apocalipse, último livro da Bíblia onde o profeta João descreveu os últimos momentos da humanidade durante o Julgamento Final. Nesta interpretação da reportagem, a previsão feita pelo autor tratava o comunismo como o possível destruidor de todos os povos, e

¹⁰⁷ Ibid. p. 32.

¹⁰⁸ Op. cit. p. 33.

¹⁰⁹ Além destas três, Hayens destaca ainda outros pontos formadores do anticomunismo nos Estados Unidos, como o liberalismo, a ação dos socialistas e dos trotskistas, e a participação dos sindicatos e dos grupos trabalhistas norte-americanos. In.: HAYNES. op. cit.

desta forma, o aproximava ao Demônio, ser maléfico responsável por todas as desgraças humanas. Da mesma forma, o início da Guerra Fria também era visto como o momento decisivo da humanidade, prestes a desaparecer caso fosse dominada pelo comunismo, o próprio *desespero universal*.

Por estarem distantes de Deus, os comunistas eram falsos, imorais, praticantes da violência e da escravidão. Por este motivo, estavam destinados à ruína, pois várias nações já sucumbiram ante a fúria e o castigo de Deus pela prática de tais pecados, como Sodoma e Gomora.

Este era o principal problema do comunismo, estar afastado de Deus. Entretanto, ele não deixava de ser uma crença fascinante e sedutora o suficiente para atrair alguns homens para si. Por isto, ele não deveria ser interpretado apenas como uma conspiração, organizada na clandestinidade dos *porões* e do mundo *subterrâneo*, nem como a simples prática da violência feita por pessoas *desorganizadas*; mas sim como um fanatismo baseado em um ideal de transformação mundial, perigoso por estar distante de Deus.

Como já foi dito anteriormente, a liberdade religiosa fazia parte do processo fundador da nação norte-americana. Para muitos deles, a prática religiosa era mais do que uma questão espiritual, era também uma característica de civismo ao mostrar publicamente estar de acordo com os valores defendidos pelo americanismo. Deste modo, para a religião protestante e católica, o comunismo não era só uma questão política, econômica ou militar, mas um problema espiritual por afastar a presença de Deus na sociedade, rompendo com a ligação estabelecida entre o sagrado e os seus fiéis.

Ressaltava-se que, segundo a reportagem, o afastamento de Deus por parte de seguidores da esquerda já se processava antes da Revolução de Outubro, nas Teorias Evolucionistas. Já no século XIX, como se sabe, os fundamentalistas norte-americanos lideraram um movimento contra o ensino do Evolucionismo em algumas escolas, sob a argumentação de que esta teoria científica contrariava as verdades bíblicas¹¹⁰. Como o pensamento comunista defendia o ateísmo e perseguia os religiosos porque baseava-se no materialismo e na razão, como afirmava a reportagem, deveria ser condenado.

¹¹⁰ Este tema é tratado por HOFSTADTER, R. **Antiintellectualismo nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967; GALINDO, F. **O fenômeno das seitas fundamentalistas**. Petrópolis, Vozes, 1994; e por KEPEL, G. **A revanche de Deus**. São Paulo, Siciliano, 1991.

Uma outra associação ao sentimento anticomunista que não apareceu de forma tão direta na reportagem, pode ser comentada. Ao referir-se aos constantes gritos capazes de mudar a postura do comunista, algumas imagens recordavam as ações praticadas pelos nazistas, como a existência de uma polícia secreta, o transporte de presos em vagões de carga e os campos de trabalho destinados aos inimigos do regime.

A utilização destas imagens de violência era capaz, segundo Furet, de fortalecer o sentimento anticomunista pois ao “referir-se a lembranças muito recentes; ela tem ainda muitos laços com sua referência de origem para ser estendido longe demais dela, conservando suas chances de convencer.”¹¹¹

Quanto ao autor da reportagem, a sua trajetória política também relacionava-se ao anticomunismo norte-americano. Antes de prestar serviços ao *House Un-American Activities Bentley Committee*, Chambers foi um dos membros do Partido Comunista norte-americano. Nos anos trinta, saiu do Partido por estar desiludido com o comunismo e por não concordar com a política praticada por Stalin. Já nos anos 30, começou a denunciar os funcionários do governo norte-americano que entregavam documentos aos membros do Partido Comunista, em processos de espionagem. Além de trabalhar ativamente para o governo norte-americano, Chambers também difundiu o anticomunismo como jornalista, escrevendo várias reportagens sobre o assunto.¹¹² Na revista *Seleções*, outra reportagem de sua autoria foi publicada em fevereiro de 1954.

Na reportagem “Que é um comunista”¹¹³, Chambers tentava compreender porque muitas pessoas ainda não entendiam o funcionamento do comunismo. Para explicar a questão, ele respondeu às perguntas mais freqüentes sobre o comunismo, a começar com o que era a doutrina comunista. Para ele, era uma crença militar, empenhada no preparo da guerra, contra tudo e contra todos.

No passado ... havia uma moral tradicional de paz segundo a qual era mau ilícito apossar-nos do que não nos pertencia, mentir sob juramento, conspirar contra o Estado e matar os amigos ou mesmo as pessoas de quem não gostávamos. E havia uma moral tradicional de guerra, de acordo com a qual valia praticamente tudo. O que o comunismo fez foi tornar a moral de guerra seu *permanente e único padrão*, que guia a sua vida e os seus atos. Nunca na história da humanidade ocorreu coisa tão má em escala tão grande.¹¹⁴

¹¹¹ FURET, F. **O passado de uma ilusão**. São Paulo, Siciliano, 1995, p. 485.

¹¹² Conforme DIGGINS. op. cit. , p. 112 e 113.

¹¹³ CHAMBERS, Whittaker. O que é um comunista. **Seleções do Reader's Digest**. Fevereiro de 1954, p. 83.

¹¹⁴ *Ib.*

O autor destacava também que, ao contrário do que todos acreditavam, existiam muitos capitalistas no Partido Comunista que financiavam os custos do Partido. Eles também investiam o dinheiro comunista na bolsa de valores e auxiliavam a espionagem. “Os homens de negócio ... podem emprestar seus escritórios para servirem como endereços clandestinos ou pontos de distribuição de correspondências que o Partido Comunista não deseja que sejam investigados. Ou pode um comerciante empregar um comunista a fim de ocultar suas atividades de espionagem.”¹¹⁵ Ao contrário do que muitos pensavam, Chambers afirmava que o comércio também fazia parte da conspiração comunista, pois “na Rússia o comércio é um monopólio comunista e ... um dos maiores trustes do país.”¹¹⁶

Segundo o autor, o Comunismo convencia seus membros mostrando-se como única solução possível para as crises da humanidade e reivindicava “para si a posse de uma nova fé de caráter prático. É uma fé agressiva que rejeita Deus e que estabelece como norma que o homem deve usar os seus próprios recursos”¹¹⁷. Como prometia a formação do paraíso na terra, muitos comunistas acreditavam cegamente no partido ou, diante das barbaridades praticadas pelos soviéticos, afirmavam que tais atitudes eram necessárias para o sucesso do Partido. O autor finalizou a reportagem comentando que lutava contra o comunismo porque não queria que seus filhos ou os filhos das outras pessoas participassem desse sistema.

Além da valorização do materialismo, já comentada anteriormente, Chambers acrescentou mais informações sobre o comunismo. Ao contrário do que a propaganda soviética transmitia, os comunistas eram dependentes do sistema capitalista, pois investiam dinheiro na Bolsa de Valores e ainda por cima tinham o monopólio do comércio nos países que controlava. Desta forma, como traria benefícios para os trabalhadores se não permitia a livre regulamentação da economia através da concorrência?

Chambers ainda criticou as bases morais da doutrina soviética, sustentada por uma moral que era utilizada nos tempos de guerra, onde qualquer ato era permitido para conseguir os objetivos desejados. Isto explicava os roubos, a

¹¹⁵ Ibid. p. 84.

¹¹⁶ Id.

¹¹⁷ Ibid., p. 85.

violência, a corrupção, a deslealdade e a mentira sustentada por aquele sistema.

As denúncias dos problemas políticos, econômicos e sociais, feitas por ex-membros do Partido Comunista, muito contribuíram para o fortalecimento do sentimento anticomunista, já que o abandono de uma convicção política servia de propaganda. Como Chambers, outros ex-comunistas passaram a trabalhar ativamente contra o comunismo em sindicatos, associações de trabalho e dentro do próprio governo.¹¹⁸

Outras reportagens ainda ilustravam outra característica bem marcante do imaginário anticomunista presente em *Seleções*. Nos textos que tratavam do comunismo, existia uma grande preocupação com a descrição das suas características. Na maioria das vezes, ele estava associado ao terror, à violência e ao sofrimento através de uma série de qualificações que construíam um inimigo assustador, associado aos temores antigos (fome, doenças, escravidão) e atuais (governos totalitários, revoluções, campos de trabalhos forçados) da sociedade.

Assim, os “guerreiros comunistas”¹¹⁹, “esses ... vagabundos espirituais do nosso tempo”¹²⁰, formados por “brigada de tratantes”¹²¹, “em nada diferiam dos nazistas”¹²². Eles conquistavam “o domínio político por via da propaganda e da infiltração”¹²³, praticavam o terror através de armadilhas, manobravam, utilizavam “chantagem política”¹²⁴, desenvolviam campanhas “de persuasão” e “técnicas de intrigas e terror”¹²⁵, provocando desordens onde estivessem presentes.

Estas representações também estavam presentes em algumas imagens que ilustravam as reportagens. Esta forma de comunicação, mais rápida de ser absorvida porque utiliza símbolos e representações amplamente conhecidos na sociedade, facilita a percepção dos leitores e reforça a construção do imaginário anticomunista. A imagem colocada na reportagem “A fronteira vermelha da

¹¹⁸ HAYNES, op. cit., p. 76 e seguintes.

¹¹⁹ KENT, George. O desespero como arma única. **Seleções do Reader's Digest**, novembro de 1950, p. 71.

¹²⁰ CHAMBERS. Deus ou op. cit. p. 32.

¹²¹ McEVOY, J. P. Conferencieei 1.600 horas com os russos. **Seleções do Reader's Digest**, julho de 1949, p. 28.

¹²² JAESRICH, Helmut. A universidade livre de Berlim. **Seleções do Reader's Digest**, fevereiro de 1953, p. 53.

¹²³ McEVOY, J. P. op. cit. p. 25.

¹²⁴ NAGY, Ferenc. Como os russos me despojaram do governo. **Seleções do Reader's Digest**, fevereiro de 1948, p. 100.

¹²⁵ I bid. p. 105.

Europa”¹²⁶ (Figura 20), por exemplo, apresentava o soldado que protegia a fronteira soviética de uma forma agressiva. A expressão do seu rosto, zangado e desconfiado, a mão na cintura, como se desafiasse seu observador e o seu tamanho, era alto e forte, já intimidavam os leitores.

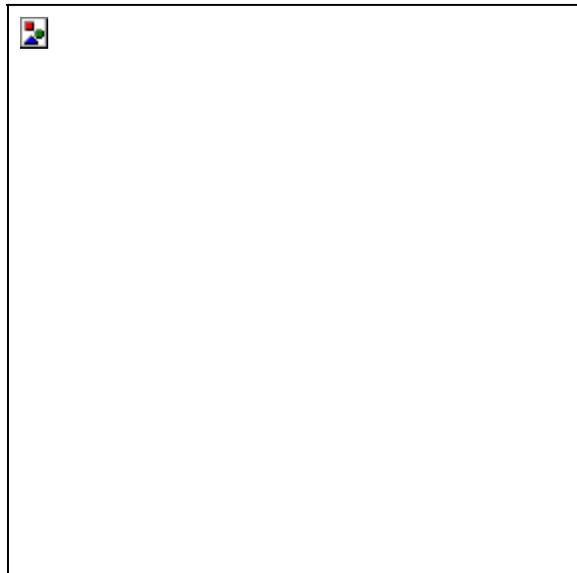


Figura 20

Da mesma forma, a imagem utilizada na reportagem “A morte lenta chega a Hungria”¹²⁷ (Figura 21), mostrava no primeiro plano o soldado que protegia as ações violentas e ilegais dos comunistas. Ao fundo, pessoas encolhidas, parecendo indefesas e com medo, eram levadas para o caminhão com poucos pertences. A postura dos outros soldados também era agressiva e intimidadora, pois todos estavam armados, ameaçando a população a entrar no caminhão.

¹²⁶ MUHLEN, Norbert. A fronteira vermelha da Europa. **Seleções do Reader's Digest**, dezembro de 1951, p. 92.

¹²⁷ A morte lenta chega à Hungria. **Seleções do Reader's Digest**, junho de 1952, p. 94.

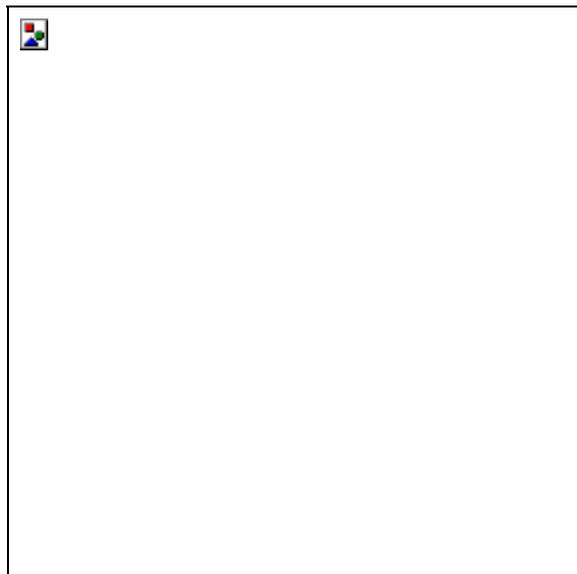


Figura 21

Todos estes adjetivos agregavam ao comunismo e aos seu praticantes diversos atributos negativos, os quais deveriam difundir uma imagem contrária ao “paraíso dos operários” e convencer as pessoas indiferentes ao seu perigo da necessidade do combate, para agregar mais adeptos à sua causa. Nesta campanha, a cor vermelha nunca foi deixada de lado. O comunista era vermelho, perigo era vermelho, a China era vermelha, o pânico era vermelho e o medo também tinha a mesma cor. Ela representava o Partido Comunista e a União Soviética e por isto sempre esteve associada ao comunismo. Duas reportagens que referiam-se ao comunismo utilizaram a cor vermelha para ilustrar os títulos. (Figura 22 e 23)

Além das representações anticomunistas encontradas em *Seleções* que denunciavam as ações políticas praticadas na clandestinidade, a revista também preocupou-se em demonstrar os defeitos dos chefes políticos da União Soviética e de todos os membros do partido. Este era um modo eficiente de atacar a causa comunista porque, ao desqualificar o líder do Partido, enfraquecia-se a importância do movimento e a opinião de todos os comunistas que seguiam tal personalidade.

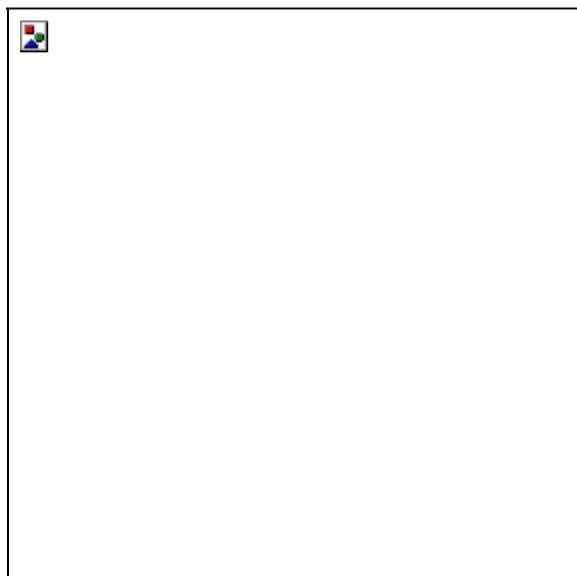


Figura 22

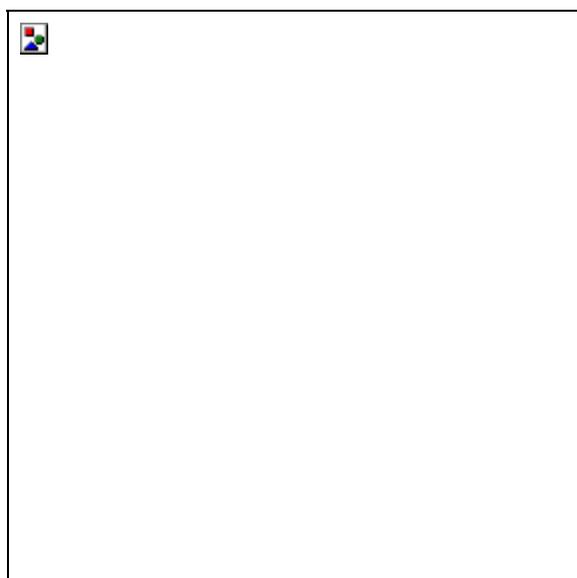


Figura 23

Das diversas reportagens que tratavam deste tema ¹²⁸, “O semideus que Stalin foi” ¹²⁹, se propôs a analisar o mito do líder soviético, “ditador que hoje é declarado um ‘monstro demente e ignorante’. Considerado em vida o “*Sábio Mestre e Pai, o Bem-Amado de toda a Humanidade,...* *A esperança, Luz e Consciência do Mundo, a Glória de Todos os que Nasceram Puros de Coração*”, Stalin não passou de um assassino cruel que só foi glorificado pela “escuridão total de uma ditadura”, atuante devido a uma lavagem cerebral feita nos seus

¹²⁸ Como “O grande dissimulador”, publicada em novembro de 1954 e falava sobre o primeiro ministro da China Comunista, “As muitas faces de Nikita Kruchev”, de Setembro de 1959 e “Ivan Serov, verdugo número um do Kremlin”, de junho de 1958.

cidadãos, a qual vendia a sua imagem como um ser superior.

Cidades e ruas levavam o seu nome, quadros e estátuas estavam espalhados por todos os locais públicos homenageando o maior líder comunista. “O secretário Geral do Partido Comunista Húngaro ordenou que o retrato de Stalin fosse colocado em todos os quartos de hospital, porque, dizia ele, ‘O contato entre as almas dos doentes e a alma de Stalin é de excepcional importância’.”¹³⁰ Este fanatismo fazia com que o seu nome fosse sempre pronunciado junto com títulos ou elogios. O culto, quase religioso, aumentou ainda mais com o final da Segunda Guerra Mundial, pois dizia-se que Stalin ganhou o conflito ao derrotar o maior inimigo russo.

Após a sua morte, no lugar do culto fanático surgiu uma crítica feroz, feita até pelos seus mais ferrenhos aclamadores, que passavam a declarar os crimes e os prejuízos que Stalin tinha dado à nação. O próprio Khushchev reconheceu e declarou que ele “foi um dos grandes criminosos da história”¹³¹ quando anunciou mundialmente as ações totalitárias praticadas por Stalin. Finalmente, o autor advertiu que, mesmo com a destruição do ídolo soviético, considerado “um homem vaidoso, desconfiado, maligno, despótico, demente, monstruoso”¹³², o culto ao partido iria continuar.

Outras representações também foram utilizadas para desmentir a propaganda política difundida pelos comunistas, a qual prometia basicamente uma sociedade mais igualitária, onde os operários não seriam explorados pelos patrões. Denunciando todos os problemas sociais da União Soviética, algumas reportagens ajudavam a desmoralizar os comunistas e a sua causa¹³³, como a já analisada “Não há descanso para os russos”:

Se o resto do mundo pudesse observar o que se passa na Rússia, os comunistas perderiam uma das suas armas mais úteis – a lenda de que a União Soviética é o paraíso dos operários. É por isso que os correspondentes dos jornais têm de manter-se no Hotel Metrópole; suas comunicações passam pela censura mais severa, e não se admitem visitantes senão para serem acompanhados por cicerones. Quer dizer que a muralha entre a Rússia e o resto do mundo se manterá ainda por muito tempo.¹³⁴

¹²⁹ Littell, Robert. O semideus que Stálin foi. **Seleções do Reader's Digest**, outubro de 1956, p. 65.

¹³⁰ Ibid. p. 66.

¹³¹ Ibid. p. 68.

¹³² Ibid. p. 65.

¹³³ As fontes sobre os problemas sociais e sobre a situação já foram analisadas no Capítulo II.

¹³⁴ FISCHER, J. op. cit. p. 58.

A censura utilizada pelos comunistas era mais uma confirmação de que as informações trazidas pelos jornalistas e pelos viajantes deveria ter um fundo de verdade para causar tanta preocupação nas autoridades russas. Mas a melhor propaganda contrária ao comunismo era feita pelos próprios habitantes dos países ocupados. Os relatos e principalmente, as constantes fugas eram a melhor confirmação da existência de perseguições, prisões, dificuldades econômicas, entre outros. Da variedade de textos sobre este assunto, três reportagens destacaram-se.

A primeira delas, “A história secreta dos prisioneiros russos”¹³⁵ descrevia o desespero que os russos, que fugiram ou que foram capturados pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial, sentiam ao serem obrigados a retornar à Rússia.

O que aconteceu, então, foi um dos episódios mais horrendos da mais sangrenta guerra da história. Milhares de russos preferiram suicidar-se a voltar a pátria. Grande número deles foi transportado à força para território em poder dos russos. Destes, foram inúmeros os executados sumariamente pelas autoridades da MDV (polícia secreta russa). Outros foram removidos para Moscou e, após julgamentos em massa, executados. Consta que um general russo havia sido capturado, foi decapitado, sendo a sua cabeça exibida pelas ruas de Moscou. Os ex-prisioneiros restantes foram, na sua maioria, despachados para campos de trabalho da Sibéria, onde pouco se tem sabido a seu respeito deste então.¹³⁶

A falta de vontade de retornar à União Soviética era tão grande que situações como esta aconteciam com uma certa frequência:

A caminho da Áustria para a repatriação, quase mil russos se atiraram das janelas dos trens quando atravessavam uma ponte nos Alpes sobre uma profunda garganta perto da fronteira austríaca. Todos eles morreram. Em Linz, verificou-se nova onda de suicídios, sendo muitos os que se afogaram no rio. Depois dessa, houve mais sete repatriações em massa na Alemanha. Todas provocaram tentativas de suicídio coletivo. Os enforcados eram muito freqüentes. Muitas vezes, os russos se refugiavam nas igrejas quando as autoridades russas chegavam. ... os soldados soviéticos invariavelmente arrastavam para fora os russos “libertados e os espancavam com cassetetes antes de embarca-los...” Na Inglaterra “Nova onda de suicídios se verificou. Num caso, foram necessários três dias para desembarcar todos os russos, arrastando-os para fora dos lugares onde se haviam escondido...”¹³⁷

Mesmo depois do conflito, os comandantes ainda utilizavam as lembranças destes assassinatos para ameaçar os soldados interessados em conhecer o Ocidente. Dois anos após o final do conflito os Estados Unidos pararam de devolver à força todos os russos que tentavam escapar da União Soviética. “Foi essa a lição que as autoridades dos Estados Unidos tinham em mente quando tomaram a decisão de não transigir na questão dos prisioneiros na Coréia.”¹³⁸ Neste país, todos os prisioneiros responderam um questionário os que disseram que resistiriam, caso fossem repatriados, não foram obrigados a voltar.

¹³⁵ A história secreta dos prisioneiros russos. **Seleções do Reader's Digest**. Outubro de 1952, p. 47.

¹³⁶ Id.

¹³⁷ Ibid. p. 49.

¹³⁸ Id.

O aspecto mais interessante desta reportagem referia-se ao extremo desespero dos russos obrigados a retornar à antiga pátria. O trauma vivido por estas pessoas deveria ser tamanho que a possibilidade de passar por tantas privações, novamente levava à perda de todas as esperanças, a tal ponto que *milhares* de pessoas preferiam acabar com a própria vida a viver daquela forma novamente.

Em segundo plano observa-se também que os Estados Unidos não estavam concordando com tal situação, pois pararam de enviar os russos para a União Soviética em 1947. Esta experiência fez com que, após a Guerra da Coreia, Os Estados Unidos não obrigassem as pessoas que desejavam viver distante do comunismo a voltar para a antiga pátria.

A segunda reportagem “Eles votam com os pés”¹³⁹ abordava o mesma situação: os refugiados ameaçados pelos comunistas a retornar aos países de origem evitavam isto de todas as maneiras possíveis porque “sabiam que os esperavam a pobreza, os ressentimentos e a incompreensão, e que estavam sujeitos à perseguição soviética e até a caçadas humanas e raptos.”¹⁴⁰

Mas a importância política destas pessoas era grande o suficiente para fazer com que o próprio presidente Truman as considerassem fortes aliadas dos Estados Unidos na “luta entre a liberdade e a ditadura”¹⁴¹ já que

esses 1,200,000 constituem apenas a oposição mais consciente, íntegra e firme ao regime soviético. A casa nova série de esforços no sentido de coagi-los a voltar têm-se verificado suicídios em massa – prova irrefutável de que esses fugitivos do comunismo preferem morrer a arrastar uma existência de súditos de um governo totalitário.¹⁴²

O título da reportagem também destacava a importância dos fugitivos ao referir-se a uma frase dita por Lenin sobre as deserções em massa dos soldados russos em 1917: eles “havia votado com os pés”. Da mesma forma, os fugitivos da União Soviética “também votaram com os pés contra o regime de Stáline”¹⁴³.

A própria revista destacava a importância dos fugitivos para o imaginário anticomunista. Ao tentar evitar o retorno ao regime comunista a todo custo, eles conseguiam mostrar aos Ocidentais o quanto era terrível viver naquele governo.

¹³⁹ LYONS, Eugene. Eles votam com os pés. **Seleções do Reader's Digest**, fevereiro de 1948, p. 63.

¹⁴⁰ Ibid. P. 64 e 65

¹⁴¹ Ibid. p. 63.

¹⁴² Id.

A terceira reportagem sobre os fugitivos era uma narrativa adaptada de um livro chamado “Terra de Leite e Mel”¹⁴⁴ sobre a *emocionante* história da vida de Vasili Kotov, um engenheiro russo que passou por muitas dificuldades desde que se iniciou as modificações decorrentes da entrada do comunismo na Rússia. Segundo *Seleções*, a leitura desta reportagem poderia proporcionar um novo olhar “sobre um problema considerado moral, ... a mentalidade forjada pelos soviets”¹⁴⁵.

Publicada no início da Guerra Fria, a narração de todas as dificuldades de Vasili Kotov parecia ser totalmente terrível. Após a morte do pai, foi obrigado a trabalhar em uma fábrica para sustentar a mãe, prejudicando os estudos. Para cursar engenharia, teve que trabalhar durante a noite. Viu colegas da faculdade desaparecerem após serem acusados de conspirarem contra o socialismo. Foi acusado pela polícia secreta russa de participar da conspiração e, mesmo sendo inocente, passou a ser vigiado. Descobriu que a única mulher que amou desde a infância foi obrigada a trabalhar para o governo, seduzindo homens para conseguir informações e entregar os suspeitos à polícia secreta russa. Vasili ainda lutou na Segunda Guerra Mundial e, neste momento, descobriu que fora um dos colegas da faculdade o delator dos seus amigos, que tomou tal atitude para ganhar em troca um bom cargo dentro do partido. Finalmente, em uma missão na Europa Ocidental, conseguiu fugir após um problema no seu vôo. Caiu na Bélgica e, meses depois, foi viver nos Estados Unidos, onde encontrou a paz e a felicidade.

Os detalhes desta história soavam ainda mais surpreendentes. Quando criança, Vasili queria participar do grupo Jovens Pioneiros, organizado pelos soviets. Nos seus encontros, a principal atividade era procurar ícones e imagens cristãs para destruí-las. Ele ainda se lembrava que certa vez, na escola, um aluno foi severamente reprimido por carregar uma cruz que fora presente da sua avó.

A época mais feliz da sua vida na União Soviética foi durante a Nova Política Econômica de Lenin – período de fartura de alimentos, roupas e calçados devido a existência da propriedade privada. Depois desta época, as condições sociais só pioraram. Na fábrica que Vasili trabalhava “era triste o espetáculo que

¹⁴³ Ibid. p. 64.

¹⁴⁴ WHITE, W. L. op. cit. p. 101.

¹⁴⁵ Id.

ofereciam”. Todos os funcionários “viviam em dois grandes dormitórios, sujos e cheios de fumaça e jamais sorriam”.¹⁴⁶

A narrativa também mencionava a existência de algumas pessoas que desejavam o estabelecimento de um regime democrático na Rússia. Para o grupo de intelectuais amigos de Vasili, que tiveram acesso à cultura ocidental, a democracia era a melhor forma de governo. Mas todos eles foram descobertos, presos, acusados de formar uma conspiração, enviados para campos de trabalhos forçados e posteriormente mortos. Muitas outras pessoas, segundo a história, também foram enviadas para campos de trabalhos forçados, principalmente na época

... dos grandes expurgos. Quando começaram as prisões, Moscou foi dominada por uma onda de terror. Toda a vida social se paralisou. Quem poderia assegurar que o amigo que a gente convidava para jantar, não seria detido, mais tarde? E nesse caso, como justificar-se ante a polícia? As pessoas evitavam até mencionar o nome de Stalin, com medo de que as suas palavras pudessem ser mal interpretadas. Um operário da fábrica de Vasili foi condenado a cinco anos de trabalhos forçados apenas por ter dito, talvez com a maior inocência: “Stalin agora tem mais poder do que o czar!”¹⁴⁷

A história de Vasili trazia o imaginário anticomunista norte-americano encontrado em *Seleções*, transmitido em narrativas que, de acordo com a primeira impressão, pareciam não referir-se às questões políticas. Através delas narrativas, posicionamentos políticos e visões de mundo favoráveis a um ponto de vista eram capazes de influenciar os leitores que, nos seus momentos de lazer, possivelmente não estavam predispostos a entrar em contato com assuntos políticos.

No caso desta narrativa, todos os detalhes relacionavam-se com um dos principais mitos da sociedade norte-americana: a liberdade. Através de Vasili, *Seleções* denunciava os problemas resultantes da ausência, na União Soviética, de liberdade política, de expressão, de consumo e religiosa, valores tão caros aos norte-americanos e aos ocidentais.

Ao contrário dos padrões sociais estabelecidos no Ocidente, o cotidiano de Vasili era constantemente dominado pela *violência comunista*. Desde a sua infância, presenciou perseguições religiosas praticadas pelos comunistas, os quais proibiam qualquer interpretação da realidade que não fosse orientada pelo

¹⁴⁶ Ibid., p. 104.

¹⁴⁷ Ibid., p. 107.

partido. A repressão era tão grande a ponto das imagens e dos símbolos religiosos serem destruídos por crianças, manipuladas pelo partido por serem ingênuas e por isto incapazes tomarem decisões próprias.

Sentindo felicidade apenas durante a existência da propriedade privada, nos outros períodos Vasili conheceu a delação, a falsidade, a ganância, a corrupção dos inocentes e a tristeza por entrar em contato com tantos valores deformados. Não se encaixando neste meio, ele conseguiu escapar daquele mundo, por um feliz acaso do destino, e foi viver nos Estados Unidos, representado como a Terra Prometida.

Esta imagem relacionava-se com a própria interpretação da história dos Estados Unidos pois, desde a vinda dos novos habitantes para o Novo Mundo, e reforçado no processo de ocupação dos territórios do Oeste, os peregrinos e os seus descendentes acreditavam ser o povo eleito por Deus que, após tantas dificuldades, haviam alcançado a Terra Prometida. Tal como os seguidores de Moisés, que após o longo período no deserto, finalmente fundaram Jerusalém. Tal como Vasili, que sofreu praticamente o mesmo processo até alcançar *A terra de leite e mel*, os Estados Unidos, muitas vezes representado como o *paraíso terrestre*.

Todas estas descrições, carregadas de valores afetivos, apresentavam os comunistas como seres amorais, falsos e dissimulados; como monstros dispostos a destruir tudo o que era justo e digno para, com suas terríveis garras, espalhar o terror e o medo nas regiões onde estavam presentes. Através de uma reatualização dos medos presente nas sociedades, como o temor da ausência de liberdade e o medo da morte, o imaginário anticomunista acabava moldando uma visão de mundo e incentivava o desenvolvimento de uma ação favorável aos interesses políticos norte-americanos. Dentre eles, difundir o anticomunismo e favorecer o americanismo nos países Ocidentais.

Como os leitores das revistas *Seleções* eram brasileiros, haviam interesses norte-americanos em jogo. Durante a Guerra Fria, era importante para a política externa norte-americana manter a unidade continental em nome de outro inimigo em comum, a União Soviética. Para fortalecer a liderança política no Continente e no mundo, os Estados Unidos começaram a difundir o anticomunismo para outros países, em diversos meios de comunicação.

O Brasil era uma peça importante para a política norte-americana. Se

assumisse a bandeira anticomunista, poderia evitar a expansão comunista na América Latina e ajudaria a estabelecer a unidade, a estabilidade e a prosperidade continental em torno do capitalismo e dos Estados Unidos.¹⁴⁸

A existência de um sentimento anticomunista no Brasil também foi favorável aos interesses norte-americanos. Mas diferente dos Estados Unidos, que preocupava-se principalmente com a evolução da Guerra Fria e com o estabelecimento do seu poder na ordem mundial, no Brasil o anticomunismo relacionava-se aos interesses internos. Neste país, a ameaça comunista foi utilizada principalmente para conter a população e os partidos que esquerda que reivindicavam reformas sociais e defendiam o desenvolvimento econômico da nação, que, conforme acreditavam, deveria estar independente da dominação norte-americana. Estas ações, o nacionalismo e o antiamericanismo, foram interpretadas pelos Estados Unidos como o resultado da influência soviética.

Todas as ações anticomunistas praticadas pelo governo brasileiro, como o rompimento das relações diplomáticas com a União Soviética e o fechamento do PCB, foram bem vistos pelo governo norte-americano. Mas ao contrário do interesse brasileiro, os Estados Unidos ignoraram as solicitações de auxílio econômico porque preocupavam-se mais com a recuperação européia. Ainda assim, durante o governo Truman foram estabelecidas importantes aproximações com grupos anticomunistas brasileiros, como os membros do exército e alguns intelectuais.

Quanto à sociedade brasileira, ela também esteve em contato com uma série de materiais anticomunistas que foram transmitidos em jornais, programas de rádio, revistas e através da Igreja Católica, um dos maiores grupos anticomunistas brasileiros. Na maior parte do tempo, estes materiais referiam-se aos problemas nacionais. Mas, como bem mostrou Figueredo ao analisar o estabelecimento da sociedade de consumo no Brasil, utilizando como fonte as revistas *o Cruzeiro* e *Manchete*¹⁴⁹, havia também reportagens que descreviam os problemas sociais, a violência, a ausência de liberdade e a carência de produtos alimentícios e industriais típicos das sociedades de consumo na União Soviética.

¹⁴⁸ HAINES, G. K. **The americanization of Brazil**. A study of U.S. Cold War Diplomacy in the Third World, 1945-1954. Wilmington, Delaware, SR Books, 1989, p. 27 e 34.

¹⁴⁹ FIGUEREDO, A. **Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada**: publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954-1964). São Paulo, Hucitec História Social, 1998, Capítulo 4.

Os mesmos valores de liberdade, democracia, abundância se contrapunham à penúria, às ações violentas, ao controle político e à censura.

Ela também encontrou uma série de narrativas pessoais de fugitivos russos que, como as histórias publicadas em *Seleções*, defendiam um posicionamento político que valorizava o mundo do trabalho e a sociedade de consumo. E, como nos Estados Unidos, elas também serviram para beneficiar grupos políticos e econômicos brasileiros contrários às transformações sociais propostas pelo governo. Assim,

as matérias que enfocavam a fragilidade do consumo soviético, o mau gosto de suas mercadorias e a falta de liberdade para se escolher entre artigos diferentes, estavam estrategicamente colocadas lado a lado com as matérias que alardeavam a queda do poder aquisitivo da “classe média” brasileira e com as que denunciavam a comunicação do Brasil.¹⁵⁰

Como o anticomunismo já fazia parte do imaginário brasileiro, as reportagens e as narrativas publicadas em *Seleções* não causariam estranhamento porque este assunto era publicado em jornais que noticiavam os acontecimentos internacionais e nas revistas de grande circulação nacional.

¹⁵⁰ FIGUEREDO, op. cit., p. 148.

Conclusão

Na edição de novembro de 1956 da revista *Seleções do Reader's Digest*, uma história despertou a atenção:

Verboten

“Um advogado de Dresden está preso por oito anos por ter levado para casa um exemplar de *Das Beste aus Reader's Digest*, uma revista que na Zona Oriental é considerada sobretudo provocativa. Seu filho de 11 anos tinha levado para a escola aquela revista de cores alegres, um professor a viu – e as algemas logo se fecharam em torno dos pulsos do pai.”

Der Tagesspiegel de Berlim ¹

A revista em questão era mais uma tradução da *Reader's Digest*. De acordo com o pequeno texto, o simples porte da revista era tão perigoso para o comunismo que causou a prisão de um advogado de Berlim Oriental, que deveria então permanecer recluso por oito anos. A reação dos comunistas diante da revista aumentava a sua importância, pois a repressão aos leitores de *Seleções* a apontava como um grave perigo.

A reportagem não informava qual seria o problema causado pela revista. Talvez sejam as “cores alegres” que apresentavam as vantagens do sistema capitalista. Talvez sejam as inúmeras reportagens e pequenas histórias anticomunistas que poderiam desmentir a propaganda comunista e prejudicar a manutenção do poder soviético.

Outras narrativas como esta também estiveram presentes em *Seleções*. Quando a revista publicava uma história que descrevia a censura comunista à sua

publicação, ela se autopromovia, pois destacava a sua importância como uma ferramenta no combate ao comunismo e na defesa do capitalismo.

A própria censura comunista também mostrava que as pessoas que viviam nos países comunistas estavam interessadas em ler *Seleções*. Assim justificava-se a necessidade de reprimir severamente os habitantes dos países comunistas que liam a revista. Isto era mais uma forma de valorizar a publicação e denegrir o comunismo, já que este governo opunha-se à vinculação de uma revista que tinha como característica principal transmitir histórias pessoais e mensagens positivas sobre a vida cotidiana.

Aliás, esta característica foi a única imagem que permaneceu entre os leitores da revista. Em conversas informais sobre a realização desta pesquisa, muitas pessoas que afirmaram terem lido as publicações dos anos 40 e 50 não se recordavam das mensagens anticomunistas e nem dos elogios ao sistema capitalista. A valorização dos Estados Unidos, manifestada na quase totalidade de reportagens sobre este país, também não foi mencionada. Ao invés disso, esses leitores lembravam com carinho dos momentos agradáveis proporcionados pela leitura das diversas narrativas que descreviam os problemas cotidianos de pessoas comuns, como os próprios leitores. Para eles, as reportagens que interpretavam os acontecimentos da política interna e externa norte-americana e alertavam sobre o perigo do comunismo não foram importantes o suficiente para participar das lembranças de outros períodos da vida.

Mas o fato dos leitores esquecerem do objetivo francamente anticomunista das narrativas não significa que as representações que destacavam a oposição entre o comunismo e o capitalismo, relacionados com a eterna luta entre o bem e o mal e oposição entre a felicidade e a infelicidade, não se fixaram nas suas memórias. Ao contrário, o discurso anticomunista e a valorização dos Estados Unidos foram eficientes o suficiente para não causarem sentimentos de estranhamento e discordância nos leitores brasileiros. Isto se comprova na grande quantidade de exemplares vendidos nas décadas de 40 e 50 e no esquecimento dos leitores, que interpretaram a propaganda política norte-americana como normal.

Este não estranhamento dos leitores brasileiros diante da propaganda anticomunista e norte-americana publicada em *Seleções* também se justifica no

¹ Verboter. *Seleções do Reader's Digest*. Novembro de 1956, p. 196.

próprio encaminhamento da política brasileira em relação ao vizinho *yankee*. Durante o período estudado, efetivou-se a aproximação política entre os dois países, através dos empréstimos concedidos ao governo brasileiro desde a Segunda Guerra Mundial, e das manifestações de apoio aos Estados Unidos por grande parte do Exército Brasileiro e por membros do governo, como o próprio presidente Eurico Gaspar Dutra.

Durante os anos quarenta, ao mesmo tempo que o Brasil passava a se subordinar cada vez mais aos interesses norte-americanos, a população brasileira começava a sofrer o bombardeamento diário da propaganda cultural norte-americana, que começou a ser transmitida através dos filmes hollywoodianos, dos diversos bens de consumo, de programas de rádio e de notícias, que começavam a criar um sentimento de aproximação e simpatia pelos vizinhos do Norte. Por este motivo, tantas histórias sobre os Estados Unidos publicadas em *Seleções*, não foram interpretadas como algo anormal.

Quanto ao anticomunismo, ele também não era novidade para os brasileiros. Deste a década de 20, já circulavam materiais anticomunistas, como charges e reportagens, na grande imprensa e em publicações de circulação restrita, como em jornais católicos e em revistas de sindicatos empresariais. A partir de 1935, o anticomunismo brasileiro intensificou-se ainda mais após a Intentona Comunista, a ponto de ser utilizado como justificativa para Getúlio Vargas continuar no controle do governo brasileiro através do golpe militar de 1937.

Mas, ao contrário destas publicações, que traziam sobretudo um discurso anticomunista católico ou nacionalista, *Seleções* destacou-se por transmitir o anticomunismo principalmente através de narrativas pessoais que descreviam o *infeliz* cotidiano das pessoas que viviam nos países comunistas. Como as personagens destas narrativas não eram homens públicos nem heróis nacionais, as questões políticas poderiam passar despercebidas para os leitores que encontravam em *Seleções* a diversão e o passatempo. Fato este que realmente aconteceu entre os leitores brasileiros que informalmente disseram não se recordar das mensagens anticomunistas, mas lembravam com muito gosto das narrativas divertidas e morais do cotidiano. Aliás, esta foi a maior característica de *Seleções* que, desde a sua fundação, já apostava no sucesso de uma publicação que priorizasse as histórias simples capazes de valorizar os bons costumes e

incentivar as ações de respeito ao próximo.

Mas o esquecimento de alguns leitores em momento algum diminui a importância de *Seleções* como transmissor de mensagens políticas favoráveis aos grupos políticos e econômicos norte-americanos, uma vez que a revista divulgava o imaginário anticomunista entre os seus leitores. Isto também beneficiava os interesses das elites nacionais, que já utilizavam o discurso anticomunista para obter vantagens políticas e econômicas.

A revista *Seleções* também transmitiu outras faces do imaginário norte-americano que não se relacionavam diretamente ao anticomunismo e à valorização do capitalismo. Dentre a variedade de assuntos abordados, destacaram-se as reportagens que valorizavam as descobertas científicas e o desenvolvimento tecnológico, bem como as transformações sociais resultantes dessas inovações. Outras ainda informavam qual deveria ser o comportamento ideal da classe média, incentivando os casais a desenvolver a paciência e o perdão para a harmonia familiar e para a melhor educação dos filhos. A presença de pequenas histórias que valorizavam o esforço do homem comum que conseguia superar suas dificuldades pessoais e financeiras ajudaram a fortalecer um sentimento de otimismo em relação ao futuro e a propagar a eficiência do capitalismo e da sociedade norte-americana entre os leitores brasileiros.

Para o sucesso da representação dos Estados Unidos como uma sociedade perfeita, *Seleções* ignorou os problemas sociais deste país. O principal vazio refere-se ao negro norte-americano. A grande maioria das reportagens não fez qualquer referência ao racismo, à segregação e a ausência de direitos civis que os negros sofriam na sociedade norte-americana. Episódios como a resistência da comunidade branca em acabar com a segregação nas escolas, nas universidades e em locais públicos, como a impossibilidade dos negros sentarem-se nos ônibus em alguns estados norte-americanos, causando protestos e violência nas ruas, não foram comentados pela revista. As poucas reportagens que começaram a tratar deste tema, ao longo dos anos 50, apenas informavam aos leitores sobre as conquistas legais que o governo norte-americano proporcionava aos negros, deixando de comentar a oposição dos brancos e a existência do racismo naquele país. Pouquíssimas reportagens chegaram a descrever algum fato do cotidiano ou apresentavam a genialidade e a iniciativa de um negro. Quando faziam, porém, destacavam a singularidade de um “negrinho

esperto” que fazia algo singular para, assim, se igualar ao *white self-made man* e poder participar de uma sociedade dominada pelos brancos.

Desta forma, a sociedade democrática, abundante, individualista e livre que estava representada como protótipo dos Estados Unidos, segundo a visão transmitida pela revista, não conseguiu apagar todos os seus problemas internos. A própria quantidade de reportagens sobre a qualidade de vida e as vantagens de viver e trabalhar neste país indiretamente indicava a existência de problemas na sociedade e no mundo do trabalho.

Com a Grande Depressão, as elites empresariais norte-americanas conquistaram o desprestígio quando foram interpretadas pela população como culpadas pelos problemas econômicos e pelo desemprego. Ao mesmo tempo, o movimento operário norte-americano cresceu, ganhando o apoio popular e governamental. O resultado foi o fortalecimento dos sindicatos e a conquista de vários benefícios sociais. Até o início da década de 1940, a busca pelo desenvolvimento econômico nacional e a intervenção estatal que direcionou a produção durante a guerra, fez com que os empresários e os sindicatos entrassem em acordo, diminuindo os conflitos trabalhistas. Entretanto, já em 1945 os sindicatos norte-americanos iniciaram uma série de greves para reivindicar melhores salários e a diminuição da inflação.

A pressão por reformas sociais, feitas pelos sindicatos e pelos próprios trabalhadores, estava contrariando os interesses dos grupos empresariais. Estes, para conseguir acalmar os ânimos internos e conquistar benefícios legislativos, começaram a divulgar uma imagem positiva do trabalho e das relações estabelecidas entre os patrões e os operários nos meios de comunicação. Dentre eles, a revista *Seleções* publicou uma série de reportagens sobre o cotidiano do trabalhador norte-americano.

Normalmente, elas apresentavam empresários preocupados com a qualidade de vida dos seus empregados que, para aumentar os lucros e os benefícios dos trabalhadores, incentivavam a implantação da divisão dos lucros nas empresas. As narrativas também reforçavam a necessidade da cooperação entre os operários e os patrões para a existência de um ambiente de trabalho agradável e que não necessitasse da presença dos sindicatos. Segundo a revista, estes deveriam apenas ajudar os operários quando os problemas trabalhistas não fossem resolvidos através de conversas amigáveis. Através de depoimentos

peçoais de empresários e mesmo de alguns operários, a revista desvalorizava o movimento operário quando questionava a necessidade dos sindicatos para resolver os problemas trabalhistas e apresentava as conquistas sociais como o resultado da benevolência dos empresários que dividiam uma parte dos seus lucros com os empregados. Desta forma, todas as narrativas da revista sobre este tema despolitizavam as lutas sociais e o movimento trabalhista quando colocavam as greves como o resultado de um descontentamento pessoal do operário e enfraqueciam a importância do sindicato que, segundo a revista, deveria apenas proporcionar um ambiente agradável para todos.

Além de enfraquecer a causa trabalhista, a revista também seguiu os interesses dos empresários norte-americanos em reportagens que mostravam as dificuldades de trabalhar nos países comunistas. Em histórias pessoais que descreviam aos leitores a escravidão, os salários baixos, os campos de concentração e a perseguição política, a revista indiretamente valorizava o sistema capitalista e a vida do trabalhador norte-americano, ao mesmo tempo que denegria a imagem do comunismo como o regime político que lutou pelos trabalhadores e prometia o estabelecimento de uma sociedade justa e igualitária para todos.

As elites empresariais também se aproveitaram do contexto internacional e do medo de uma infiltração comunista nos Estados Unidos para conseguir ganhar a opinião pública e enfraquecer o movimento trabalhista norte-americano através do anticomunismo. Como o CIO permitia a participação de comunistas nos seus sindicatos norte-americanos, o discurso ganhou sentido e os grupos empresariais conseguiram enfraquecer o movimento sindical norte-americano, a ponto de fazer com que o CIO, mesmo reprimindo os seus comunistas, acabasse unindo-se ao AFL. O resultado final foi a conquista, por parte dos empresários, de benefícios legislativos, como a isenção de impostos e a repressão legal às greves.

Outra forma utilizada pela revista para valorizar o capitalismo foi publicar uma grande quantidade de anúncios comerciais que apresentavam aos leitores brasileiros os novos produtos disponíveis aos consumidores. Para vender estes produtos, as empresas utilizavam-se da representação do modelo ideal de consumidor: bonito, bem vestido e feliz por poder desfrutar dos benefícios prometidos nos anúncios comerciais.

Juntamente com algumas reportagens e com as séries televisivas norte-

americanas produzidas nos anos 50, como "I love Lucy" e "Papai Sabe Tudo", a revista *Seleções* ajudou a difundir uma imagem do capitalismo como um sistema que proporcionava prazer e felicidade para as pessoas. Como ele oferece diversas vantagens através do consumo das mercadorias, como a conquista da beleza, a boa saúde e a economia do tempo, passou a ser aceito como a melhor forma de viver.

Diante desta visão, a participação dos cidadãos na esfera pública perdia significado, fazendo com que os problemas políticos e econômicos se distanciassem do cotidiano do homem comum, sendo lentamente substituídos pelo consumo desenfreado de mercadorias, que passou a orientar os interesses pessoais destas pessoas.

Contrastando com este material sobre o capitalismo, a revista também publicou uma série de narrativas pessoais sobre os problemas cotidianos das pessoas que viviam nos países comunistas. A maior denúncia feita neste material relacionava-se à ausência de conforto, de bens de consumo duráveis, de alimentos saborosos e diferenciados e de praticidade para dar prazer e facilitar a rotina diária destas pessoas. As dificuldades estendiam-se para outras áreas: as casas eram muito pequenas, tirando a liberdade e a privacidade da família, a falta de alimentos e remédios fazia com que aumentassem o número de doentes, a infância estava corrompida em brincadeiras que reforçavam a violência diária, e muitas outras situações, que transformavam o comunismo como a antítese da sociedade norte-americana, idealizada na revista.

Todas estas narrativas repletas de sentimentos e afetos utilizavam a falta de prazer e felicidade como mais uma arma para o combate ao comunismo. Nelas, os países comunistas não garantiam às pessoas liberdade consumo e qualidade de vida. Como não existia conforto, alegria ou orgulho em relação ao trabalho e à vida material, era impossível sentir felicidade por qualquer coisa. Assim, essas carências pessoais passaram a ser mais importantes para criticar o sistema comunista do que a falta de liberdade política e a ausência de um governo democrático, bem como a prática da repressão utilizada por um governo autoritário.

Durante os primeiros anos da Guerra Fria, *Seleções* destacou-se também por noticiar as diferentes etapas deste conflito em reportagens que explicavam aos leitores os passos da política externa norte-americana. Para transmitir uma

imagem positiva deste país, a revista usou e abusou do seu espaço para justificar os constantes investimentos em armamentos e as intervenções políticas praticadas para garantir o seu posicionamento político privilegiado, justificando a necessidade estas ações na ameaça de um governo forte e autoritário, disposto a guerrear contra qualquer inimigo para expandir-se livremente. Mesmo não sendo um jornal, a revista acompanhou todos os acontecimentos históricos também em narrativas que descreviam os benefícios das ações políticas e militares norte-americanas, ou mesmo as ações violentas e traiçoeiras dos comunistas.

Para fortalecer ainda mais o anticomunismo, também foram publicadas reportagens explicativas sobre o que era o comunismo, quais eram as suas características, qual era o perigo deste sistema político e quais eram os seus interesses mundiais. Nelas, foram ressaltados valores e sentimentos negativos como a traição, a infiltração, a sujeira, a mentira, a ganância, a desonestidade e mesmo a insanidade dos líderes políticos comunistas, todos contribuindo para a construção de um inimigo assustador, cruel e demoníaco principalmente porque combatia a prática religiosa e a força de Deus.

Da mesma forma, a revista constantemente trazia depoimentos pessoais que descreviam todas as brutalidades praticadas pelo governo soviético e pelos próprios comunistas. A escravidão, a chantagem, a imoralidade e a falta de preocupação com a população construíram um inimigo terrível porque acabava com todas as liberdades proporcionadas pelo sistema democrático. De todo material encontrado, os textos mais apelativos eram as narrativas que descreviam todos os sofrimentos das pessoas que viviam nos países comunistas. Nestas histórias, os apelos afetivos eram trabalhados à exaustão através de uma linguagem capaz de provocar o medo, o terror e o pavor em qualquer leitor que valorizasse a religião, a segurança da sua família e o conforto conquistado através do trabalho honesto e árduo. A falta de alimentos, roupas, conforto, privacidade, o controle político exercido pela polícia soviética estavam em todas as narrativas pessoais. Quando comparadas com a abundância da sociedade de consumo, estas histórias tornavam-se mais chocantes, ajudando a fortalecer um sentimento anticomunista forte e eficaz porque apelava para os ideais de vida do homem comum.

A revista *Seleções*, por não ter como fundamento difundir uma doutrina política ou partidária, vinculou uma propaganda política baseada nos sentimentos

e nos afetos do homem comum, que foi difundida através de uma literatura simples, direcionada aos momentos de lazer e descontração. Como priorizava publicar reportagens sobre variedades, a revista dizia estar afastada da política, mas, através de uma análise mais apurada, ela ajudou a dar forma ao comunismo em imagens de fácil assimilação, baseadas na eterna luta entre o bem e o mal e na dicotomia estabelecida entre o bandido e o mocinho, difundindo entre os seus leitores o sentimento anticomunista de uma forma indireta.

É importante destacar que o temor ao comunismo não era de todo abstrato. As histórias sobre os campos de trabalhos forçados, a repressão às práticas religiosas, a ausência de liberdade civil e política, a falta de bens de consumo e as dificuldades econômicas, muitas vezes descritas pelos fugitivos do regime soviético, comprovavam os temores e justificavam o sentimento e a causa anticomunista.

Entretanto, estas representações políticas extrapolavam a realidade em que se baseavam para favorecer determinados interesses políticos e econômicos, principalmente por apresentar-se em uma forma despolitizada quando estavam vinculadas as reportagens e narrativas simples que descreviam e informavam sobre os horrores vividos na União Soviética. Desta maneira, a leitura de *Seleções* poderia interferir na percepção de mundo do seu leitor de uma forma negativa, pois “O leitor emocionado..., impressionado ... ou divertido, esquecerá por um momento os problemas e preocupações de sua existência. Ao mesmo tempo, o interesse que tem pelo destino das personagens, ao confrontá-lo com situações inéditas, modificará o seu olhar sobre as coisas.”²

Através de narrativas pessoais escritas de uma forma simplificada, *Seleções* contribuiu para justificar as ações políticas norte-americanas durante a Guerra Fria. Mesmo não tendo grandes semelhanças com as lendas e as histórias dos heróis nacionais, as pequenas histórias que descreviam os atos heróicos praticados por pessoas comuns se transformavam em uma explicação lendária que dava significado às práticas políticas norte-americanas. Tal como os romances de aventura, que serviram para apoiar os valores imperialistas e para fazer com que a população aceitasse a história da dominação de outros povos como o seu passado, as reportagens de *Seleções* propagaram a civilização e o heroísmo norte-americano em textos que não estavam diretamente relacionados

à política.

Como, a partir deste momento, os Estados Unidos conquistaram um poder que alcançava grande parte do planeta, era necessário justificar as suas ações e interesses para os países com quem se relacionava, como o Brasil. Juntamente com outros meios de comunicação de massa, como o cinema e a televisão, a revista *Seleções* poderia fazer com que, não só os norte-americanos, mas quase toda a população mundial, acreditasse nos valores, nos ideais, e na missão norte-americana de garantir a liberdade de todos os povos diante de inimigos tão cruéis e maléficos como os comunistas.

O presente trabalho pretendeu contribuir para o estudo do anticomunismo quando utilizou como fonte histórica uma revista de grande circulação a qual, em nenhum momento, afirmou ter um conteúdo político. No caso do Brasil, este estudo apresentou a singularidade de *Seleções* como veículo difusor do anticomunismo, na medida em que trazia um discurso diferente da crítica ao comunismo feita pelos grupos católicos, pelas elites econômicas e políticas e pelos militares – os grupos mais atuantes no combate ao comunismo em território nacional. A diferença de *Seleções* está principalmente na valorização da busca pela felicidade, que só poderia ser alcançada no trabalho e na sociedade de consumo. Através destes valores, *Seleções* transmitiu um discurso único porque afirmava a impossibilidade de alcançar tais sentimentos no mundo comunista.

Além disto, este trabalho também tenta chamar a atenção para o fato de os bens culturais, destinados ao lazer, funcionarem como um eficiente veículo transmissor de propaganda política. Esta eficiência comprova-se principalmente no caráter não doutrinário deste material, que a princípio não trata das questões da esfera pública por pretender divertir os seus consumidores através de histórias pessoais do cotidiano. Vale lembrar mais uma vez que isto se comprova no esquecimento dos leitores brasileiros quando instigados a opinar sobre a valorização da revista aos Estados Unidos, e sobre a crítica que *Seleções* dirigia ao comunismo. Isto reforça a ideia de o lazer proporcionar uma forma eficiente de veicular a propaganda política, graças à passividade do leitor diante dos meios de comunicação destinados ao entretenimento. Ao contrário dos tradicionais programas doutrinários, a propaganda política presente no lazer utiliza os afetos e os sentimentos para difundir as suas ideias e assim conseguir o apoio da opinião

² Jouve, V. **A leitura**. São Paulo, Editora UNESP, 2002, p. 108.

pública. A principal vantagem desta estratégia é que, em nenhum momento o leitor está atento ou preocupado em questionar os valores políticos, culturais e econômicos, massivamente transmitidos à sociedade.

O resultado desta pesquisa enfoca aspectos da difusão do anticomunismo. No caso da revista *Seleções*, outros aspectos podem ser abordados em trabalhos futuros, como uma análise mais detalhada dos mitos históricos norte-americanos ou ainda um estudo sobre o papel estabelecido para cada membro de uma família idealizada pelas nas reportagens e narrativas publicadas na revista.

Quanto ao anticomunismo, esta pesquisa também pode proporcionar outras possibilidades de análise, como uma reflexão que alcance a recepção destes valores entre os leitores de *Seleções*, bem como desenvolver um estudo comparativo entre o conteúdo desta revista com as publicações nacionais de grande circulação da mesma época, como as revistas *O Cruzeiro* e *Manchete*. Ainda é possível verificar se a valorização do capitalismo e a crítica ao comunismo centralizada na felicidade, feita por *Seleções*, aparece em outros meios de comunicação, como em jornais, revistas, charges, piadas ou outros materiais.

Fontes pesquisadas

1. Revistas **Seleções do Reader's Digest**. (1946-1960).
2. **NSC 68: United States Objectives and Programs for National Security (April 14, 1950)**.
Disponível em <<http://www.mtholyoke.edu/acad/intrel/feros-pg.htm>>. Acesso em: 14 maio 2002.
3. **Herdeiros do Vento**. Stanley Kramer. 1960. leg. p & b. 127'
4. **I love Lucy**. Desilu Productions: CBS, 1951-1957. 179 episódios, son., p & b.
5. **Papai Sabe tudo**. CBS, ABC, 1954-1960. 203 episódios. son., p & b.

Bibliografia

1. Anticomunismo. In.: BOBBIO, N., et. al. (org.) **Dicionário de Política**. 4^o ed., v. 1. Brasília, UNB, 1998, p. 34-5.
2. ARRUDA, M. **Metrópole e cultura**: São Paulo no meio século XX. São Paulo, EDUSC, 2001.
3. AVERBUCK, L. **Literatura em tempo de cultura de massa**. São Paulo, Nobel, 1984.
4. BACZKO, B. Imaginação Social. In.: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa, Imprensa Nacional, 198, p. p. 311-12
5. BARROS, E. **A guerra fria**. São Paulo, Atual, 1988.
6. BARTHES, R. A mensagem fotográfica. In : LIMA, L. **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
7. BASSANEZI, Carla. Mulheres nos anos dourados. In.: PRIORE, Mary Del. (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo, Contexto, 1997.
8. BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa, Edições 70, s/d.
9. _____. Significação da publicidade. In : LIMA, L. **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
10. BELTRÁN, L.; CARDONA, E. **Comunicação dominada**: os Estados Unidos e os meios de comunicação da América Latina. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
11. BENEVIDES, M. O governo Kubitschek: a esperança como fator de desenvolvimento. In.: GOMES, A. (org.) **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro, FGV, 1991.
12. BLACKBURN, R. **Depois da queda**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
13. BOSI, E. **Cultura de massa e cultura popular**. Petrópolis, Vozes, 1973.
14. BRITES, O. Infância, higiene e saúde na propaganda (usos e abusos nos anos 30 a 50). In.: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 20, n. 39, p. 249-278, 2000.

15. CARONE, E. **A república liberal II**. São Paulo, DIFEL, 1985.
16. CARVALHO, N. **Publicidade: a linguagem da sedução**. São Paulo, Ática, 2000.
17. CASANOVA, V. **Lições de almanaque**. Belo Horizonte, UFMG, 1996.
18. CASTANHO, Sérgio. Theodor W. Adorno e a Indústria Cultural. In.: **Comunicare**. Campinas, v. 2, n. 5, p. 132-148, 1985.
19. CHARTIER, R. (org.) **Práticas da leitura**. São Paulo, Estação Liberdade, 1996.
20. _____. **A história cultural**. Lisboa, Sifel, s/d.
21. CHOMSKY, N. **Novas e velhas ordens mundiais**. São Paulo, Scritta, 1996.
22. _____. **O que o Tio Sam realmente quer**. 2ª ed., Brasília, UNB, 1998.
23. COBEN, S. RATNER, L. **O desenvolvimento da cultura norte-americana**. Rio de Janeiro, Anima, 1985.
24. COHN, G. **Theodor W. Adorno**. São Paulo, Ática, 1986.
25. DE DECCA, E. S. Literatura, Modernidade e História. **Rua**, Campinas, n. 1, p. 7-35, 1995.
26. DIGGINS, J. **The proud decades**. America in war in peace. 1941-1960. New York, W. W. Norton & Company, 1989.
27. DOMENACH, J. **A propaganda política**. São Paulo, Difusão europeia do livro, 1955.
28. DORMAN, A.; MATTELART, A. **Para ler o Pato Donald: cultura de massa e colonialismo**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
29. FARO, C.; SILVA, S. A década de 50 e o programa de metas. In.: GOMES, A. (org.) **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro, FGV, 1991.
30. FICHO, J. **A civilização americana**. Campinas, Papyrus, 1990.
31. FICO, C. O Brasil no contexto da Guerra Fria. In.: MOTA, C. **Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000): a grande transição**. São Paulo, Senac SP, 2000.
32. FIGUEREDO, A. **Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada: publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954-1964)**. São Paulo, Hucitec História Social, 1998.
33. FONES-WOLF, E. **Selling free enterprise: the business assault on labor and liberalism, 1945-60**. University of Illinois Press, 1994.
34. FONSECA Jr., G. O sistema internacional durante a Guerra Fria. **Revista USP**, n. 26, p. 128-137, jun/ago 1995.

35. FURET, F. **O passado de uma ilusão**. São Paulo, Siciliano, 1995.
36. GALINDO, F. **O fenômeno das seitas fundamentalistas**. Petrópolis, Vozes, 1994.
37. GAMBINI, R. **O duplo jogo de Getúlio Vargas**. São Paulo, Símbolo, 1977.
38. GIMÉNEZ, Andrea W. **O medo da “Revolução Social” na “Terra dos Pinheirais**: imaginário anticomunista na sociedade curitibana (1947-1964). Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR. Curitiba, 2003.
39. GIRARDET, R. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo, Cia. das Letras, 1987.
40. GRINBERG, I., ESSUS, A. O século faz 50 anos: fotografia e cultura política em 1950. In.: **Revista Brasileira de História**. São Paulo v. 14, n. 27, p. 129-149, 1994.
41. HALLIDAY, F. The ends of Cold War. **New Left Review**, n. 180, march/april 1990, p. 5-23.
42. HAINES, G. K. **The americanization of Brazil**. A study of U.S. Cold War Diplomacy in the Third World, 1945-1954. Wilmington, Delaware, SR Books, 1989.
43. HAYNES, J. **Red scare or red menace?** American communism and anticommunism in the Cold War era. Chicago, Ivan E. Dee, 1996.
44. HEALE, M. J. **American anticommunism**: combating the enemy within, 1830-1970. Baltimore, Johns Hopkins, 1990.
45. HELING, John. **História dos sindicatos nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro, Ed. Lidador, 1964.
46. HOBBSBAWM, E. **Era dos extremos**. São Paulo, Cia. das Letras, 1995.
47. HOFSTADTER, R. **Antiintellectualismo nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.
48. HORKHEIMER, M, ADORNO, T. A Indústria Cultural : o Iluminismo como mistificador das massas. In : LIMA, L. **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
49. JOUVE, V. **A leitura**. São Paulo, Ed. UNESP, 2002.
50. JUNQUEIRA, M. **Ao sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções**: Oeste, wilderness e fronteira (1942-1970). Bragança Paulista, EDUSF, 2000.
51. JUNQUEIRA, M. Representações políticas do território latino-americano na Revista Seleções. In.: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 21, n. 42, p. 323-342, 2001.
52. KEPEL, G. **A revanche de Deus**. São Paulo, Siciliano, 1991.

53. LUEDTKE, L. **América**: aspectos geopolíticos, culturais e sociais nos Estados Unidos. Rio de Janeiro, Nórdica, 1989.
54. MARSHALL, F. Ray; RUNGELING, Brian. **O papel dos sindicatos na economia norte-americana**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1976.
55. MARTINET, Gilles. **Sept syndicalismes**. Paris, Seuil, 1979.
56. MATOS, O. **A escola de Frankfurt** : luzes e sombras do iluminismo. São Paulo, Moderna, 1993.
57. MENDONÇA, S. As bases do desenvolvimento capitalista dependente: da industrialização restringida à internacionalização. In.: LINHARES, M. (coord.) **História geral do Brasil**. Rio de Janeiro, Campus, 1990.
58. _____. Dez ano de economia brasileira: História e Historiografia (1954-1964). In.: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 14, n. 27, p. 87-97, 1994.
59. MENEGUELLO, C. **Poeira de estrelas**: O cinema hollywoodiano na mídia brasileira de 40 e 50. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.
60. MIGUEL, I. Em torno do conceito de mito político. **Revista Dados**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 3, 1998.
61. MOTTA, R. **Em guarda contra o perigo vermelho**. São Paulo, Perspectiva, 2002.
62. MOURA, G. **Tio Sam chega ao Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1986.
63. _____. Avanços e recuos: a política exterior e Jk. In.: GOMES, A. (org.) **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro, FGV, 1991.
64. NEVREUX, Jean Baptiste. **Dictionnaire internationale des termes literaires**. Disponível em < www.DITL.info/art/definition.>. Acesso em 20 julho 2004.
65. OLIVEIRA, L. **Americanos**. Belo Horizonte, UFMG, 2000.
66. PARK, M. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. São Paulo, FAPESP, 1999.
67. PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A política externa dos Estados Unidos**. Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 2003.
68. POWERS, Richard Gid. **Not without honor**: the history of American Anticommunism. New York, Free Press, 1995.
69. PRADO, M. Davi e Golias: as relações entre Brasil e Estados Unidos no século XX. In.: MOTA, C. **Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000)**: a grande transição. São Paulo, Senac SP, 2000.
70. RODRIGHERO, C. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 463-488, 2002.
71. _____. **O pensamento de direita**: fontes para o estudo do combate ao comunismo no Brasil. No prelo.
72. RODRIGUES, M. **A década de 50**. São Paulo, Ática, 1992.
73. SAID, E. **Imperialismo e cultura**. São Paulo, Cia. das Letras, s/d.
74. SANTANA, Marco Aurélio. **Homens partidos**: comunistas e sindicatos no Brasil. Rio de Janeiro, Bom Tempo Editorial, 2001.

75. SELLERS, C. et. al. **Uma reavaliação da História dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1990.
76. SODRÉ, M. **Teoria da literatura de massa**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978.
77. SCHOULTZ, L. **Estados Unidos: poder e submissão**. Bauru : EDUSC, 2000.
78. THOMPSON, Ed. (org.) **Exterminismo e Guerra Fria**. São Paulo, Brasiliense, 1985.
79. TINDALL, G. SHI, D. **America: a narrative history**. New York, W W Norton & Company, 1989.
80. TOTA, A. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da II Guerra**. São Paulo, Cia. das Letras, 2000.
81. VELLOSSO, M. A dupla face de Jano: romantismo e populismo. In.: GOMES, A. (org.) **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro, FGV, 1991.
82. VESTERGAARD, T., SCHRØDER, K. **A linguagem da propaganda**. São Paulo, Martins Fontes, 1994.